

Marta Filipa Duarte Silva **Recolorindo vidas: desenvolvimento humano e intervenção comunitária**

UMinho | 2011



Universidade do Minho
Instituto de Educação

Marta Filipa Duarte Silva

Recolorindo vidas: desenvolvimento humano e intervenção comunitária

Outubro de 2011



Universidade do Minho
Instituto de Educação

Marta Filipa Duarte Silva

Recolorindo vidas: desenvolvimento humano e intervenção comunitária

Relatório de Estágio
Mestrado em Educação
Área de Especialização em Educação de Adultos
e Intervenção Comunitária

Trabalho realizado sob a orientação da
Professora Doutora Maria da Conceição Pinto Antunes

Outubro de 2011

É AUTORIZADA A REPRODUÇÃO INTEGRAL DESTA DISSERTAÇÃO APENAS PARA EFEITOS DE INVESTIGAÇÃO, MEDIANTE DECLARAÇÃO ESCRITA DO INTERESSADO, QUE A TAL SE COMPROMETE;

Universidade do Minho, ____/____/____

Assinatura: _____

É AUTORIZADA A REPRODUÇÃO INTEGRAL DESTA DISSERTAÇÃO APENAS PARA EFEITOS DE INVESTIGAÇÃO, MEDIANTE DECLARAÇÃO ESCRITA DO INTERESSADO, QUE A TAL SE COMPROMETE;

Universidade do Minho, ____/ ____/ _____

Assinatura: _____

AGRADECIMENTOS

Este espaço é dedicado àqueles que deram a sua contribuição para que este trabalho chegasse ao fim. Embora um relatório seja, pela sua finalidade académica, um trabalho individual, há contributos de natureza diversa que não podem e nem devem deixar de ser realçados.

Em primeiro lugar agradeço ao Prof. Doutora Maria da Conceição Pinto Antunes, a forma como orientou o meu trabalho. Pela competência científica e acompanhamento do trabalho, pela disponibilidade e generosidade reveladas ao longo deste trabalho, assim como pela liberdade de acção e incentivo incondicional que foi decisivo para que este trabalho acontecesse e contribuisse para o meu desenvolvimento pessoal e profissional.

Ao público-alvo pela ternura e confiança manifestadas. Espero que o entusiasmo, seriedade e empenho que dediquei ao trabalho lhes possa servir de estímulo para fazerem sempre “mais e melhor”. À acompanhante de estágio pelas orientações e liberdade dadas ao longo deste processo de aprendizagem. Às funcionárias da instituição, à directora do infantário e ao Sr. Provedor pelo apoio moral, orientação e disponibilidade que me permitiram encontrar informações e realizar acções que contribuíram para a execução deste projecto.

Às empresas e entidades que prestaram apoio financeiro através de material como tintas, elásticos, lonas, caixas, entre outros. Em especial à Universidade do Minho, mais concretamente ao Instituto de Educação e ao Prof. Doutor Bento Duarte pela cedência de material informático.

A alguns professores/as da licenciatura em Educação e Mestrado que fizeram a diferença e ajudaram os/as alunos/as a construir e desenvolver um pensamento crítico e inovador.

À comunidade que de forma voluntária participou em algumas acções deste projecto, cedendo material e oferecendo os seus serviços.

Aos meus familiares, especialmente pais e avós, e ao meu namorado pelo inestimável apoio que preencheu as diversas falhas que fui tendo por força das circunstâncias, e pela paciência e compreensão reveladas.

Aos/ às amigos/as de anos que sempre acreditaram no meu sucesso. Aos/às colegas de Mestrado que partilharam comigo conhecimentos, percursos e algumas angústias dos licenciados e Mestres em Educação.

E a Ele que esteve sempre do meu lado.

Mais uma vez, a todos os meus sinceros agradecimentos.

RECOLORINDO VIDAS: Trilhos do desenvolvimento humano e da intervenção comunitária

Marta Filipa Duarte Silva

Relatório de Estágio

Mestrado em Educação – Área de Especialização em Educação de Adultos e Intervenção Comunitária
Universidade do Minho

2011

RESUMO

O presente relatório resulta de um amplo trabalho de intervenção levado a cabo com a população da terceira idade em situação de institucionalização numa entidade sem fins lucrativos. Neste sentido, podemos encontrar no relatório o percurso realizado desde a inserção na comunidade até ao momento da avaliação final do projecto. Este está sustentado nos princípios da elaboração de projectos de intervenção comunitária onde se define estratégias, objectivos, finalidades, actividades, formas de avaliação e se reflecte sobre as acções realizadas. Nas páginas deste trabalho procura-se demonstrar a importância do trabalho com a terceira idade institucionalizada ao nível da ocupação dos tempos livres, os resultados desse mesmo trabalho, o perfil necessário para o trabalho com esta população e as áreas de actividades exploradas. Neste tipo de trabalho, é-nos exigido enquanto profissionais uma prática reflexiva que possibilita ver para além dos resultados verificáveis pelos instrumentos quantitativos e concluir que este trabalho é um ciclo sem fim e que os resultados deste projecto ultrapassam as nossas barreiras de intervenção na medida em que se relaciona com as actuações de outros profissionais e integra um projecto global.

É neste percurso de intervenção que nasce um conjunto de temas e referenciais teóricos que sustentam e validam o nosso trabalho e que abrem novas possibilidades de investigação para o profissional. Deste modo, seleccionamos questões teóricas relevantes para este trabalho, focando os aspectos biológicos, sociais e psicológicos do processo do envelhecimento, a problemática educacional da terceira idade, as possibilidades de acção no campo da intervenção comunitária e da animação numa perspectiva de educação ao longo da vida e o nosso papel enquanto agentes de intervenção. De forma geral, com a implementação deste projecto, concluímos que cumprimos os nossos objectivos,

RECOLORING LIVES: Pathways of human development and community intervention

Marta Filipa Duarte Silva

Professional Practice Report

Master in Education – Adult Education and Community Intervention

University of Minho

2011

Abstract

The present report is the result of a comprehensive intervention work carried out with the elderly population in situation of institutionalization. In this way, we can find in this report, the journey from the first contact with the community till the final evaluation moment of this project. This report is based on the principles of development of community intervention projects, defining strategies, objectives, goals, activities, forms of assessment and reflecting on the actions taken. The pages of this work are intended to demonstrate the importance of working with third-age institutionalized at the level of occupation of leisure time, the results of this work, the profile needed for working with this population and areas of activity explored.

In this type of work is required of us as professionals, a reflective practice that allows us to see beyond the results verified by quantitative instruments and conclude that this work is an endless cycle and that its results are influenced by the practices of other professionals, integrating a global project.

In this work there is a range of issues and theoretical frameworks that support and validate our work and open up new research possibilities for the professional. Thus, we select theoretical issues relevant to this work, focusing on biological, social and psychological aspects of the aging process, the educational problem of elderly, the possibilities for action in the field of community intervention and animation within a perspective of lifelong education and our role as agents of intervention.

In general, we believe that we achieved our aims, in particular in improving the quality of life of the institutionalized population.

ÍNDICE

AGRADECIMENTOS	iii
Resumo.....	v
Abstract.....	vii
Lista de tabelas	xi
Lista de Gráficos.....	xiv
Introdução	1
CAPÍTULO I	5
ENQUADRAMENTO CONTEXTUAL DO ESTÁGIO	5
1.1. Introdução	5
1.2. Apresentação e descrição da instituição.....	5
1.3. Caracterização do público-alvo.....	6
1.4. Apresentação da problemática de intervenção	10
1.5. Diagnóstico de necessidades e interesses.....	11
1.5.1. Observação participante e conversas informais.....	12
1.5.2. Inquéritos por questionários	13
1.6. Apresentação da finalidade e objectivos de intervenção	19
CAPÍTULO II	21
ENQUADRAMENTO TEÓRICO DA PROBLEMÁTICA DO ESTÁGIO	21
2. Introdução	21
2.1. Contextualização do fenómeno do envelhecimento: Aspectos físicos, psicológicos e sociais do envelhecimento	21
2.1.1. Das capacidades cognitivas à demência	27
2.2. Desenvolvimento e Educação ao longo da vida.....	29
2.3. Intervenção comunitária e animação na população idosa institucionalizada	31

2.4. Entre as ciências da educação e a gerontologia: O papel e a actuação dos licenciados e mestres em Educação	34
CAPÍTULO III	39
ENQUADRAMENTO METODOLÓGICO DO ESTÁGIO	39
3.1. Introdução	39
3.1.1.Paradigma de intervenção	39
3.1.2. Métodos e técnicas de intervenção	41
3.1.3. Avaliação da intervenção	46
3.2. Identificação dos recursos mobilizados e das limitações do processo	46
CAPÍTULO IV	49
APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DO PROCESSO DE INTERVENÇÃO	49
4.1. Introdução	49
4.2. Explicação do trabalho de intervenção	49
4.2.1 Fase de sensibilização.....	49
4.2.2. Actividades da fase de implementação	54
4.2.2.1. Área de actividades sociais e de convívio	55
4.2.2.2. Área de dinâmica ocupacional.....	62
4.2.2.3. Área de desenvolvimento físico-psíquico	70
4.2.2.4. Área de actividades formativas e de expressão cultural	73
4.2.2.5. Avaliação contínua: Perspectiva global do público-alvo	78
4.3. Avaliação final: Objectivos, processos e resultados	82
CAPÍTULO V	93
CONSIDERAÇÕES FINAIS	93
BIBLIOGRAFIA REFERENCIADA.....	97
ANEXOS E/OU APÊNDICES	101

LISTA DE TABELAS

Tabela nº	Título	Página
1	Síntese da análise de diagnóstico	12
2	Agregado familiar dos/as utentes inquiridos/as	14
3	Capacidade física e funcional dos/as utentes inquiridos/as	15
4	Respostas dos/as utentes inquiridos/as sobre o que é ser idoso/a	17-18
5	Finalidade, objectivos gerais e específicos do projecto de intervenção	19
6	Actividades da fase de sensibilização	50-51
7	Avaliação às actividades da fase de sensibilização	53
8	Actividades sociais e de convívio - Intergeracionalidade	56
9	Actividades sociais e de convívio – Animação social e festas	58-59
10	Actividades da área de dinâmica ocupacional - Ateliê de expressão plástica	62-63
11	Actividades da área de dinâmica ocupacional – Ateliê dos sentidos	65
12	Dados da observação participante do ateliê dos sentidos	66 – 69
13	Actividades da área de dinâmica ocupacional – Ateliê de expressão dramática	69
14	Actividades da área de desenvolvimento físico-psíquico – Animação motora	70
15	Actividades da área de desenvolvimento físico-psíquico – Jogos “Anima”	72
16	Área de actividades formativas e de expressão cultural - Ateliê de cinema	74
17	Área de actividades formativas e de expressão cultural – Ateliê de informática	75
18	Avaliação ao ateliê de informática	76
19	Área de actividades formativas e de expressão cultural – Ateliê das letras	77
20	Análise de conteúdo das entrevistas aos/às utentes	83-85
21	Análise de conteúdo das entrevistas aos/às utentes	86-88
22	Análise de conteúdo da entrevista à directora	90-91

LISTA DE GRÁFICOS

Gráficos nº	Título	Página
1	Frequência no internamento no lar da 3ª idade por sexo	6
2	Frequência no centro de dia por sexo	7
3	Sexo do público-alvo	7
4	Intervalo de idades	8
5	Grau de dependência	8
6	Modo de deslocação dos elementos do público-alvo	9
7	Número de elementos com problemas mentais	9
8	Escolaridade dos elementos do público-alvo	14
9	Actividades que gostariam de realizar	17
10	Nível de satisfação dos elementos do público-alvo	51
11	Preferências do dos elementos do público-alvo	54
12	Satisfação quanto às actividades intergeracionais	57
13	Satisfação quanto às actividades intergeracionais	58
14	Avaliação à festa de Carnaval	60
15	Avaliação à visita do Rancho Folclórico	61
16	Avaliação sobre a época festiva: Os santos populares	62
17	Avaliação ao ateliê de expressão plástica de Janeiro a Março	64
18	Avaliação ao ateliê de expressão plástica de Abril a Junho	64
19	Avaliação à animação motora de Janeiro a Março	71
20	Avaliação à animação motora de Abril a Junho	71
21	Avaliação aos jogos “anima” de Janeiro a Março	73
22	Avaliação aos jogos “anima” de Abril a Junho	73
23	Avaliação ao ateliê das letras de Janeiro a Março	78
24	Avaliação ao ateliê das letras de Abril a Junho	78

25	Avaliação geral às actividades até Março	79
26	Avaliação geral às actividades de Abril a Junho	79
27	Considera importante desenvolver actividades diversas no lar?	80
28	Considera ter aprendido algo de novo?	81
29	Aprendeu algo de novo com as actividades em que esteve presente?	81

Introdução

O presente relatório surge no âmbito do Mestrado em Educação, área de especialização em Educação de Adultos e Intervenção Comunitária, agregando o 2º ano destinado à realização de um estágio curricular efectuado numa instituição de acolhimento. Nas entidades que acolhem os/as alunos/as compete-lhes conceptualizar, implementar, gerir e avaliar um projecto.

Deste modo, a instituição de acolhimento para a realização do estágio é a Santa Casa de Misericórdia, mais concretamente, o lar da terceira idade com valências de internamento, centro de dia e serviço de apoio ao domicílio (SAD). O projecto implementado na instituição intitula-se “Recolorindo Vidas” e tem como público-alvo os/as utentes do lar e centro de dia.

O contexto de estágio surge da emergência do campo da educação de adultos e da intervenção comunitária que acontece em diferentes contextos e espaços sociais, apresentando o Homem como ser inacabado, desafiado e encruzilhado com novas condições económicas, sociais e ideológicas. Assim, e em forma de introdução, propomo-nos discutir as relações e os caminhos da intervenção comunitária nas suas diversas formas – desenvolvimento local, alfabetização, formação profissional e a animação social, cultural e educativa – o fenómeno do envelhecimento e, consequentemente o perfil profissional do/a licenciado/a e/ou mestre em Educação no contexto em causa.

Estamos, assim, perante uma educação que tem de ser entendida como um processo permanente e comunitário que acontece desde o nascimento até à morte. Trata-se de um processo que abrange crianças, jovens, adultos e idosos sejam quais forem as suas condições económicas, sociais e culturais, conduzindo a um processo (s) que deixa de acontecer, exclusivamente, nas escolas. Para esta tomada de consciência, têm contribuído os estudos e intervenções realizadas nestas áreas, da educação de adultos e da intervenção comunitária. As conclusões da Conferência de Tóquio, 1972 e a Recomendação de Nairobi, 1976, constituem-se como revolucionárias, pois apresentam uma nova concepção de educação que passa a ser “entendida como processo permanente global e único ao longo da existência de cada um” (Antunes, 2001:50). Delors refere o “regresso à escola” como chave da educação do século XXI, mas não pensaremos que se tratará de voltar à sala de aula, pois a “educação não pode ser sinónimo de educação escolar” (idem:46) A Educação acontece quando são criadas condições para *aprendermos a ser, aprendermos a conviver e aprendermos a fazer*. É neste projecto global de “educação permanente” que o trabalho se faz na, para e com a comunidade, na medida em que “o homem é o agente da sua própria educação” (Conferencia Geral da UNESCO, 1976:10). E são estes os grandes desafios: Aprender a conviver com os outros aproveitando as

“diversas experiências” e desenvolver um sentido de solidariedade, realizando-se um trabalho que vá de encontro “às condições concretas da vida quotidiana e do trabalho” (idem: 13) Trata-se, afinal, de criar espaços de educação não-formal, desenvolvendo-se “todo o potencial de formação fora do sistema educativo” (idem:10).

Posto isto, importa estreitar a discussão para o contexto em causa e, desta forma, reflectir sobre o fenómeno do envelhecimento e, posteriormente, o contributo da educação e da emergência da (s) intervenção nesta comunidade: a terceira idade. O processo de envelhecimento relaciona-se com perdas biológicas e, muitas vezes, com perdas sociais que resultam num conjunto de preconceitos. A primeira fase da perda social é a exclusão do meio produtivo, assim, como as relações interpessoais que, conseqüentemente podem começar a deteriorarem-se, conduzindo a um determinado sedentarismo que aliado ao *stress* provoca patologias fisiológicas e psicológicas no/a idoso/a. Para compreender melhor estes processos, a ciência moderna denominada de *Gerontologia* estuda o que acontece durante o processo de envelhecimento e a própria velhice preocupando-se com as modificações biológicas - morfológicas, fisiológicas e bioquímicas - psicológicas e sociais (Fernández-Ballesteros, 2000). Através destas modificações, entendemos a complexidade e multidimensionalidade do fenómeno do envelhecimento, ou seja, vemos como gerontologia requer e inclui essas condições num âmbito amplo do conhecimento (...) e implica e determina uma de suas características principais: a sua multidisciplinarietà (idem: 34). Deste modo, a pertinência desta ciência mais alargada para a fundamentação deste trabalho de intervenção o que vem demonstrar também, a transdisciplinarietà da licenciatura e mestrados em Educação como o amplo terreno de actuação dos técnicos.

Trilla (2004) no seu livro esclarece que os trabalhos de Peterson (1975) e de Glendennig (1985) apresentam a *gerontologia educativa*, como um campo que se situa entre as ciências da educação e a gerontologia, ou seja, “uma ciência aplicada para a intervenção educativa nas pessoas adultas” (Osorio apud Trilla, 2004:252) e, por isso, a importância de estudarmos esta ciência para nos dotarmos de ferramentas e conhecimentos para iniciar a intervenção com a terceira idade.

É nessa perspectiva que encaminhamos o nosso trabalho, no sentido de estudar e intervir, minorando os problemas inerentes à terceira idade, mas também da denominada *quarta idade*. A supressão de carências económicas, habitacionais e a promoção de programas de ocupação de tempos livres são campos de projectos sociais e culturais que se multiplicam. Estas mudanças acontecem devido ao aumento da esperança média de vida e com esta realidade, as dificuldades e as necessidades de adequar soluções eficientes. Ora, este crescimento populacional tem reflexos evidentes nas sociedades, implicando alterações económicas, culturais, políticas, sociais e ideológicas. Assim, novas

exigências e desafios são colocados às sociedades, nas suas diversas instâncias, sejam públicas ou privadas.

Posto isto, o trabalho de intervenção nesta comunidade não se centra exclusivamente na animação sociocultural mas aspira a valores mais dignos pois entrelaça-se com a humanização de espaços e de tempos que nas palavras de alguns utentes é “triste” e associa-se à amargura de trajectos de vida, alguns marcados pela exclusão social, alcoolismo, violência e abandono, sem esquecer, a deterioração da saúde, factor que leva às situações de institucionalização, devido à perda de autonomia pelo/a idoso/a. Assim, este projecto de intervenção comunitária tem a finalidade de minorizar as carências no que concerne à afectividade e às expectativas de cada um pois estas são as garantias para o *bem-estar subjectivo* (Simões, 2006).

Relativamente, à estrutura deste relatório, este segue o caminho percorrido por nós ao longo do estágio e possui quatro capítulos orientadores que incluem secções a desenvolver.

Deste modo, o primeiro capítulo destina-se ao enquadramento contextual do estágio dividindo-se na secção de apresentação e descrição da instituição. Posteriormente procede-se à caracterização do público-alvo, tendo em conta alguns indicadores, como idade, sexo e grau de dependência. Depois, realiza-se uma breve apresentação da problemática de intervenção, seguida da identificação e avaliação do diagnóstico de necessidades e, para terminar, com os dados obtidos apresentamos a finalidade e objectivos da intervenção.

Quanto ao segundo grande ponto de discussão direcciona-se para a reflexão e discussão de temas pertinentes e orientadores da problemática do estágio. Aqui explora-se teorias e autores que se mostraram referências importantes para clarificação de conceitos e dinâmicas organizacionais no âmbito do envelhecimento, terceira idade, institucionalização e actuação dos técnicos, entre outros temas que se revelaram essenciais para este trabalho.

No terceiro capítulo surge o enquadramento metodológico do projecto de intervenção, evidenciando-se o paradigma que influencia e justifica o rumo das práticas de estágio privilegiando-se, assim a metodologia de intervenção, os métodos e as técnicas utilizadas, a metodologia de avaliação e instrumentos recorridos. Por último, procede-se à identificação dos recursos mobilizados e às limitações próprias dos processos de intervenção.

Partindo para uma abordagem de análise e reflexão sobre as acções definidas e realizadas, temos o capítulo quatro reservado à apresentação e discussão do processo de intervenção, em que se explica o trabalho inicial na instituição, passando pelo aprofundamento e debate dos dados das fases de

sensibilização e implementação. Para terminar este capítulo, procede-se à apresentação dos resultados da avaliação, assim como a sua discussão.

Para fechar este relatório irão tecer-se algumas considerações finais, destacando-se a análise crítica dos resultados, das implicações dos mesmos e a reflexão sobre o impacto do percurso feito ao longo do estágio a diferentes níveis desde o pessoal ao institucional.

CAPÍTULO I

ENQUADRAMENTO CONTEXTUAL DO ESTÁGIO

1.1.Introdução

Neste capítulo procuramos explicitar o contexto de intervenção com a descrição da instituição, caracterizando o seu público-alvo e, de seguida, especificando a população-alvo deste projecto. Nesse sentido, torna-se pertinente realizar a apresentação das necessidades e dos interesses dos/as idosos/as. Com o diagnóstico feito, procede-se à apresentação da área/problemática de intervenção/investigação, assim como, à justificação da sua relevância e pertinência no âmbito da área de especialização do Mestrado. Para finalizar o capítulo, são apresentados os objectivos e a finalidade do trabalho de estágio.

1.2. Apresentação e descrição da instituição

A instituição de acolhimento de estágio nasceu no ano de 1906 enquanto *Associação beneficente do Hospital*. Actualmente, a Santa Casa Misericórdia é uma instituição de solidariedade social sem fins lucrativos que possui um “prestígio (...) pelo carácter humano e social e pela sua capacidade de adaptação aos novos tempos e mudanças.” (2006:242). Acrescenta-se que tem na direcção, a mesa administrativa, à qual presidem um provedor e um vice-provedor, incluindo um secretário, tesoureiro e vogal. A direcção é constituída, ainda pela mesa de assembleia-geral e pelo conselho fiscal.

Importa, agora referir que a instituição dispõe de cinco valências: O lar de idosos que acolhe em regime de internato 60 pessoas, aos quais se acrescentam os/as utentes do centro de dia que actualmente totalizam 25 pessoas e o apoio domiciliário que abrange 35 pessoas. Por outro lado, temos a creche/infantário que recebe 102 crianças onde se desenvolvem múltiplas actividades de carácter lúdico-pedagógico. A quinta valência diz respeito ao centro de acolhimento de crianças em risco, projecto criado em 2000 que alberga 34 crianças encaminhadas pelo tribunal de família e de menores e pela segurança social. Posto isto, o estágio curricular decorre no lar da 3ª idade nas valências de internamento e centro de dia. Segundo, o regulamento interno do lar para utentes-residentes, esta valência “tem como objectivo ser «casa de família» dos seus utentes (...) para responder solidariamente às carências que (...) necessitam de assistência e apoio adequados nos seus derradeiros anos de vida e solidão” (norma 2ª, Natureza e princípios gerais), enquanto a valência de

centro dia é uma resposta social que visa dar “apoio a pessoas com total ou parcial autonomia e que não disponham de protecção e de retaguarda socio-familiar durante o período diurno”, acrescenta-se que os objectivos desta valência passam por satisfazer as necessidades básicas dos utentes, prestar apoio psico-social, fomentar as relações interpessoais ao nível intergeracional e conduzir os/as idosos/as à participação no (s) meio (s) envolvente (s). (norma 2ª, natureza e objectivos, regulamento interno do centro de dia).

Ambas as valências, num plano único, promovem actividades nas diferentes épocas festivas e deslocações a exposições. Com carácter permanente, realizam-se aulas de crochet promovidas por um grupo de voluntárias com duração de uma hora por semana e aulas de motricidade, desenvolvidas uma vez por semana, durante uma hora.

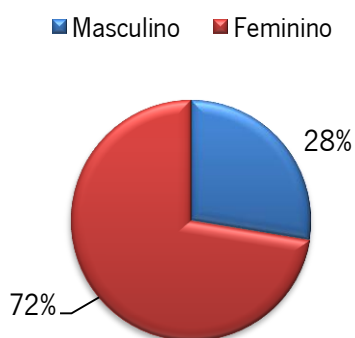
Além destas actividades no domínio social, cultural e educativo, frisa-se o trabalho na área da alimentação, cuidados de higiene pessoal, tratamento de roupa, serviço médico e de enfermagem, cabeleiro e barbeiro. A instituição a nível de espaços físicos dispõe de sala de médico, enfermaria, sala de direcção, capela, sala (s) de convívio, salão de cabeleireiro, casas de banho comuns, refeitório, bar/cafetaria, quartos, *suites*, sala de estar no 1º piso e salão de festas – sala de multiusos.

1.3. Caracterização do público-alvo

Para caracterizarmos o público-alvo do lar da 3ª idade, temos que chamar para nós o conceito de envelhecimento. Este, tal como os/as utentes do lar caracterizam-se pela sua heterogeneidade, tornando-se um desafio trabalhar com este tipo de público principalmente, quando este apresenta diferentes níveis de dependência e perda de autonomia inseparáveis ao processo de envelhecimento. Assim, como existe uma grande heterogeneidade nas idades, nos interesses e nos percursos de vida, os gostos, as capacidades e os saberes são marcadamente diferentes.

Como analisado no plano de estágio, temos no regime de internamento 58 pessoas na totalidade, sendo 42 pessoas do sexo feminino, 16 pessoas do sexo masculino correspondente, a 72% e a 28%, respectivamente. (Gráfico 1). Quanto ao intervalo das idades encontra-se entre os 55

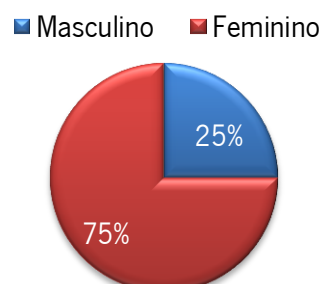
Gráfico 1 - Frequência no internamento no lar da 3ª idade por sexo



anos e os 100 anos, havendo uma maior frequência entre os 77 anos e os 86 anos.

Quanto à valência de centro de dia temos na totalidade 24 utentes, 6 do sexo masculino e 18 do sexo feminino, corresponde a 25% e a 75%, respectivamente. (Gráfico 2) Quanto às idades, a média fica-se pelos 70 anos de idade sendo que a maior incidência se encontra no intervalo dos 70 anos aos 81 anos. Estes dados são relativos à data de entrega do plano de estágio.

Gráfico 2 - Frequência no Centro de Dia por sexo

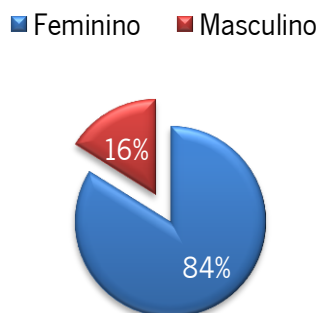


Contudo, após a finalização do estágio e realização de relatório podemos sinalizar o grupo de idosos/as que participou activamente neste projecto. A totalidade do público-alvo centrou-se nos 31 idosos/as, sendo de referir que existiram algumas mudanças dado a entradas e saídas nas valências. Tal como se analisará, mais à frente, a constituição deste grupo foi um processo crescente e relacionada com uma atitude de sensibilização dos/as idosos/as para a participação no projecto.

Posto isto, torna-se adequado caracterizar o grupo perante os dados actuais. A actualização dos dados é feita através do inquérito por questionário da avaliação contínua que realizamos no final do mês de Junho e de uma tabela de participantes onde é possível identificar o participante pelo nome, valência e o grau de dependência.

Deste modo, das 31 pessoas que constituem o grupo de trabalho, 20 encontram-se em regime de internamento no lar e 11 frequentam, a valência de centro de dia. Deste número podemos verificar pelo gráfico 3 que 84% são do sexo feminino e 16% do sexo masculino. Dos 84% que corresponde as 26 pessoas do sexo feminino, 16 estão em regime de internamento e 10 na valência de centro de dia. Quanto ao sexo masculino, 3 estão internos e 1 frequenta o centro de dia. Assim, se conclui que a maioria do público-alvo é do sexo feminino e estão em regime de internamento no lar.

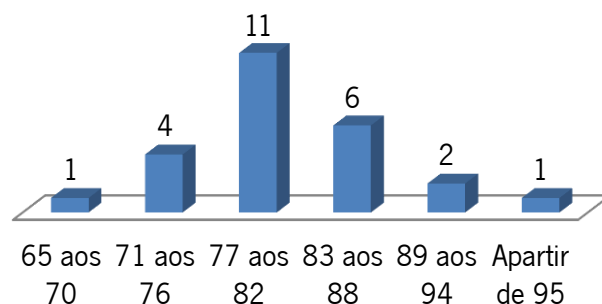
Gráfico 3 - Sexo do público-alvo



Podemos, de seguida, analisar as idades do

público-alvo através do gráfico 4 em intervalos de 5 em 5 anos. Portanto, podemos verificar que o maior intervalo concentra-se entre os 77 e os 82 anos, com 11 elementos, seguido do intervalo dos 83 aos 88 anos com 6 elementos.

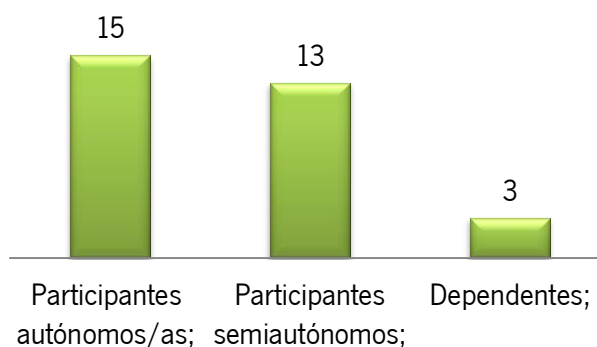
Gráfico 4 - Intervalo de idades



Outra das análises para a sua caracterização é o grau de dependência dos / as utentes. Para isso, foi criada uma escala com os seguintes parâmetros, observáveis no gráfico 5:

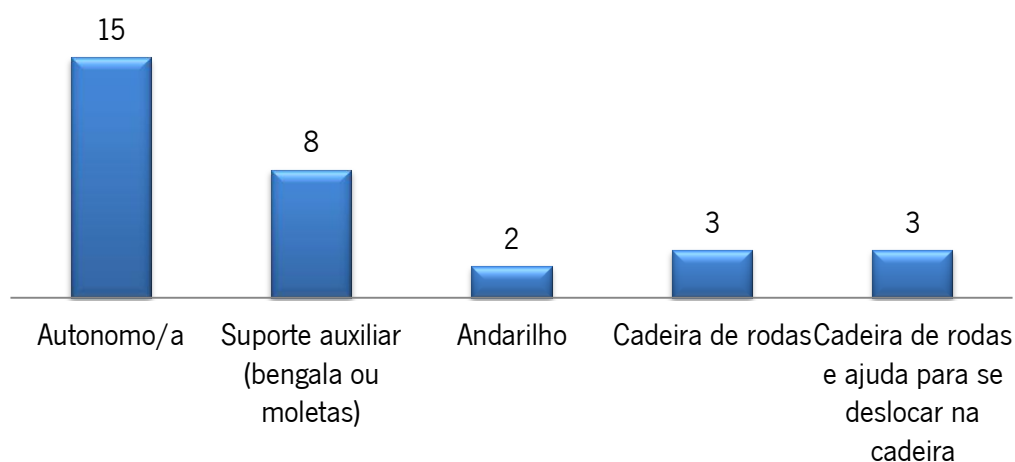
- Participantes autónomos/as;
- Participantes semiautónomos;
- Dependentes.

Gráfico 5 - Grau de dependência



Esta escala apenas se refere ao grau de dependência física e não de problemas de foro mental. E dado, o número considerável de casos, mais à frente apresentaremos um gráfico relativo a esse grupo. O gráfico 5 dá-nos a informação que temos 15 idosos/as autónomos/as, 13 que necessitam de apoio para se deslocarem e 3 que são dependentes. De seguida, para percebermos melhor o modo de dependência física dos/as idosos/as, apresentamos o seguinte gráfico 6:

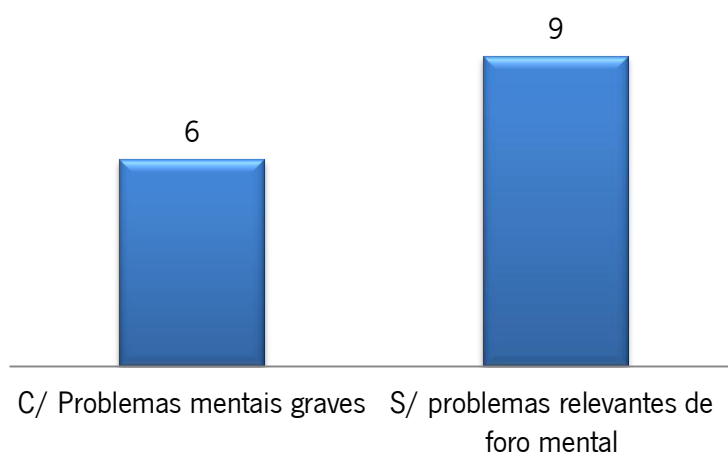
Gráfico 6 - Modo de deslocação dos idosos



Através deste gráfico, podemos concluir que mais de metade do público-alvo necessita de apoio para se deslocar - 16 idosos/as -, totalizando o número de pessoas que utiliza auxílio, o que requer mais empenho da nossa parte e a necessidade de adequar algumas actividades a este tipo de situações.

Contudo, apesar de o número de autónomos ser significativo – 15 - importa referir que existe um grupo de idosos/as que se incluem no grupo de autónomos/as, mas dado às suas condições mentais, como casos de Alzheimer, Parkinson, e problemas inerente ao avanço da idade que conduziram a perdas cognitivas relevantes, podemos dizer que o número de idosos/as autónomos/as desce para 9, como podemos observar no gráfico 7, pela relação entre os/as idosos/as com e sem problemas mentais graves. Esta informação resulta de dados relativos cedidos pela directora do lar, de testes de diminuição cognitiva e do contacto diário com os/as utentes.

Gráfico 7 - Problemas mentais



1.4. Apresentação da problemática de intervenção

Este item está reservado à apresentação da problemática de estágio. Como podemos verificar pelos assuntos introduzidos anteriormente, nas diferentes secções, a problemática centra-se numa questão de dimensão social, política e económica mais alargada: o envelhecimento da população, que acaba por convergir numa realidade concreta que nos coloca as seguintes interrogações, enquanto hipóteses de trabalho: Qual o papel da intervenção comunitária na terceira idade institucionalizada? Como intervir numa vertente pluridimensional com este tipo de público?

António Simões tem dado um contributo importante na nossa área – Educação – relativamente ao trabalho a desenvolver com este público, referindo que se torna “banal afirmar que o envelhecimento da população é um dos fenómenos mais importantes das sociedades contemporâneas” (2006:11), pois o importante é saber como trabalhar esta realidade a favor do desenvolvimento social e humano, assim, como o impacto que este fenómeno tem nas diversas esferas da vida, desde a saúde passando pela política mas mais concretamente, na educação. A fase da *velhice* representará uma geração cada vez mais caracterizada pela sua longevidade o que implica que se procure um sentido válido para a existência deste grupo seja institucionalizado ou não, sendo que o primeiro apresentará um conjunto de características diferentes do outro grupo. Deste modo, “um período muito substancial da vida será tempo de lazer, cujo aproveitamento, em termos educativos, constituirá um problema” (2006:155). Assim, podemos já iniciar um trajecto profissional mais sólido nesta área, para uma intervenção no caminho do desenvolvimento sustentável desta e de futuras gerações.

Deste modo, encontramos aqui a relevância deste trabalho, pois trata-se de uma intervenção que até então desconhecíamos e que procura amplas possibilidades de uma reintegração dos/as idosos/as, da recuperação da auto-estima, da promoção do bem-estar, ajudando este grupo a adaptar-se às mudanças físicas, sociais e psicológicas.

No âmbito da problemática, importa compreender o contributo que podemos dar enquanto afirmação do nosso papel/função (técnicos superiores de educação) nestes contextos sociais. Pois, se afirmamos que a Educação acontece desde a nascença até ao fim da vida, não poderíamos *esquecer* este público. Neste sentido, este contexto social é relevante no âmbito do Mestrado em Educação, área de especialização em Educação de Adultos e Intervenção Comunitária, dado aos conhecimentos e às metodologias adquiridos ao longo do mesmo que nos habilita para a operacionalização de um conjunto de saberes, métodos, técnicas, inscritos na concepção, implementação, gestão e avaliação de

projectos diversificados, neste caso, na intervenção com a terceira idade e ocupação de tempos de livres.

1.5. Diagnóstico de necessidades e interesses

Segundo Isabel Guerra (2002:129), o diagnóstico de necessidades e interesses consiste num “processo de pesquisa-acção participado” que visa nomear “os problemas mas também recursos e as potencialidades do meio de intervenção” (idem:132). A mesma autora, refere a complexidade com a qual os/as técnicos/as se deparam dado às “dificuldades na articulação entre teoria e a prática e complexa relação do conhecimento com a intervenção” (idem:129). Deste modo, a realização do diagnóstico consiste em compreender a problemática, os processos e acontecimentos sociais que conduziram à sua formatação. Este trabalho no campo da intervenção social e educacional não se revela facilitador de conhecimentos visíveis sem exploração, aprofundamento, intervenção e reformulação, pois não se apresentam como actos sociais isolados.

Posto isto, o/a investigador/a inicia o seu trabalho no terreno “anotando” numa espécie de caderno diário as acções dos mais diversos sujeitos, contribuindo para a desmitificação da realidade a intervir. Deste modo, as técnicas de recolha de dados surgem no nosso trabalho como instrumentos de aprofundamento de relações e de sustentabilidade a nível de conhecimento para a nossa actuação no terreno, sendo que esta etapa caracteriza-se por um trabalho endógeno e exógeno. Isto revela que “o diagnóstico é um instrumento de informação de pesquisa e um instrumento de participação de todos os que detêm elementos de conhecimento sobre a realidade” (idem:132). Por outro lado, é relevador que esta fase de diagnóstico não surge apenas para a realização de uma lista de fragilidades, mas também de potencialidades e áreas importantes para desenvolver.

Para proceder ao diagnóstico foram, de uma forma participada, utilizados as seguintes técnicas: inquéritos por questionário a alguns idosos/as, conversas informais com alguns intervenientes – directora, funcionários, utentes, professora de ginástica – a observação directa participante do dia-a-dia dos/as utentes do lar e do centro de dia e, também, a análise documental. Como forma de clarificar o trabalho de diagnóstico apresentamos uma tabela analítica de diagnóstico (tabela 1), conseguida através do conjunto das técnicas anteriormente referidas e (adaptado de Guerra, 2002) exploradas mais à frente.

TABELA 1	
Pontos fortes	Pontos fracos
Recursos humanos – Ajudante (s) de lar Relações familiares consistentes	Ausência de educador/animador/monitor Resistência (s) por parte do público-alvo Relações familiares deterioradas Dificuldade na exposição de interesses e necessidades Imagem negativa sobre a velhice
Oportunidades	Ameaças
Vontade de participação Entrada na reforma Períodos longos de ócio	Conflitos entre utentes Viuvez Sedentarismo Abandono familiar Progresso das doenças

1.5.1. Observação participante e conversas informais

O trabalho empírico é constituído pela observação participante focalizada no público-alvo, através da qual construímos um diário de campo. Uma das primeiras anotações pertinentes de campo resume-se ao silêncio nos corredores, à fraca interacção entre utentes e a curiosidade da nossa presença na instituição.

Por outro lado, realizamos algumas abordagens pessoais que não resultaram na aplicação do inquérito dado, por um lado à sua incapacidade para responder a este tipo de instrumento que tem como finalidade documentar a situação actual da realidade e, por outro à opção de alguns/as idosos/as de se manterem na retaguarda de um projecto de animação e educação não-formal. Mas dentro deste grupo, é de sublinhar que, alguns referem-se *cansados* e esta situação surge como pretexto para não se envolverem em actividades, o que nos deixa despertos para a pertinência da fase de sensibilização. Deste modo, neste período de diagnóstico, no trabalho com os/as idosos/as encontramos diversas reacções às nossas abordagens, desde algum entusiasmo, passando pela indiferença e até mesmo o desprezo. Contudo, não invalida a importância deste acto para criar empatia e iniciar a nossa integração no grupo. Relevamos, daqui outra anotação de terreno, a existência de dois grandes grupos: o grupo que demonstra interesse e abertura de participação e o grupo que não quer participar. O que exige de nós uma atitude de respeito perante as diferenças e particularidades daqueles que partilham o

mesmo espaço. Outra das anotações de campo resultantes deste processo de observação participante e de estabelecimento de relações – conversas informais e participação em actividades iniciais – anotamos as seguintes considerações: Nas actividades de ginástica (motricidade) participaram apenas mulheres com diferentes níveis de desenvolvimento motor; na mesma sala de convívio encontravam-se um número considerável de pessoas em cadeira de rodas (dependentes); e a importância de uma *figura institucional* que tenha um papel de confidente e de amigo/a que disponibiliza tempo para estar ao lado dos/as idosos/as.

Podemos, ainda fazer um cruzamento de dados entre os inquéritos por questionário e a observação participante relativa às actividades locomotoras. Sabemos que muitos/as dos/as utentes utilizam suporte de apoio como moletas ou a cadeira de rodas, mas que se auto intitulam de autónomos. Obviamente, que não iríamos influenciar a resposta do/a inquirido/a porque estaríamos a interferir nos resultados de uma investigação e, por outro lado, não nos possibilitaria detectar estas particularidades da terceira idade.

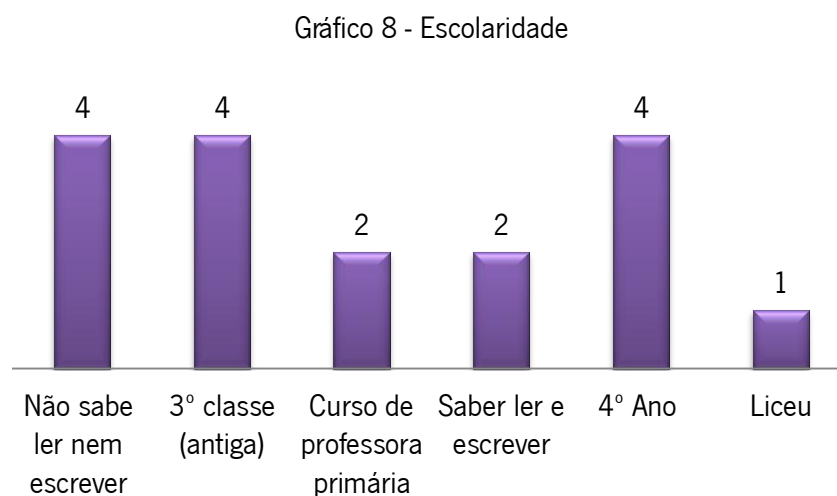
Para terminar, importa ressaltar que proveniente das conversas informais com a directora das valências, foi-nos dado a conhecer a ausência de recursos humanos permanentes dedicados à realização de práticas de educação não-formal e de animação na terceira idade, a organização institucional – horários, valências, actividades vida diárias dos/as utentes -, o reconhecimento de espaços e definição de algumas prioridades de intervenção.

1.5.2. Inquéritos por questionários

Tal como referido, para a realização do diagnóstico recorreremos à técnica de inquérito por questionário (ver exemplar, anexo 1) junto de alguns utentes, apresentando-se como um guião de uma conversa particular, com os objectivos de conhecer melhor algumas das características, interesses e motivações dos/as utentes e como instrumento para a nossa integração na instituição. Dado à avançada idade e, em alguns casos, do baixo nível de instrução, foi necessário explicar a aplicação da técnica de recolha de dados e a sua aplicação foi feita, individualmente, sendo os parâmetros lidos e anotados por nós.

Deste modo, para iniciar o trabalho de terreno, aplicamos a técnica a dezassete utentes, dez em regime de internamento e sete utentes do centro de dia, dois do sexo masculino e quinze do sexo feminino num intervalo de idades dos 74 aos 95 anos encontrando-se, na sua maioria – 11 casos - em situação de viuvez (ver anexo 2, ponto 1, 2, 3 e 5) que, em alguns casos, influencia a concepção e o

modo como actuam e encaram a vida. Quanto ao nível de escolaridade apresentamos o seguinte gráfico 8:



Note-se que este gráfico da amostra, representa a heterogeneidade da população alvo, verificando-se que quatro pessoas não sabem ler nem escrever, outras quatro detêm a 3ª classe e ao mesmo nível está o 4º ano de escolaridade. Importa fazer referência que apesar de não terem qualquer nível habilitacional, duas pessoas sabem ler e escrever a um nível considerado básico. Temos, ainda dois elementos com o curso de professora primária e outro elemento que frequentou o liceu.

Outros dos dados importantes para análise, é a composição do agregado familiar do/a idoso/a, ou seja, aferir *com quem vive* no caso dos/as utentes do centro de dia e no caso dos/as utentes em regime de internamento se tem familiares e se recebem visitas e qual a frequência. Deste modo, temos o seguinte tabela 2:

TABELA 2					
<i>Agregado Familiar: Com quem vive?</i>		<i>Recebe visitas</i>		<i>De quem?</i>	
Irmãs e sobrinhos	1	Sim	4	Sobrinhos e irmã	2
Filho/a (s)	2	Não	2	Filho/a (s)	4
Irmã/ão (s)	1	De vez enquanto	4	Irmã/ão (s)	1
Filho/a (s) e neto/a (s)	3			Filho/a (s) e neto/a (s)	1
Total centro de dia:	7	Total lar:	10	Total lar:	8

Outro dos dados que recolhemos é o entendimento que cada um possui sobre o seu estado geral de saúde. Assim, os/as inquiridos/as foram questionados/as sobre como consideram o seu estado de

saúde, o seu grau de dependência e, por fim como se avaliam relativamente à sua capacidade física e funcional.

Relativamente à primeira questão (ver anexo 2, ponto 7) dos 17 – dezassete - casos, a maioria (12 utentes) consideram razoável o seu estado de saúde enquanto 2 – dois - apontam fraca a sua saúde. Apenas uma das pessoas inquiridas considera que o seu estado é muito bom, seguido de outros dois casos que o consideram bom. Estas respostas devem-se, do ponto de vista social e humano, acima de tudo, à conexão do conceito de bem-estar e saúde, pois quando as pessoas respondem a esta questão não se centram apenas nos problemas relativos às doenças inerentes à idade, como problemas cardíacos, de mobilidade, de visão, de audição, diabetes, hipertensão, entre outros, mas também ao estado psicológico e aos acontecimentos marcantes da vida pessoal e social.

Quanto à segunda questão os/as utentes na maioria – treze casos - intitulam-se de *autónomos que não necessitam de apoio* (ver anexo 2, ponto 8). Quanto à capacidade física e funcional temos a seguinte tabela:

TABELA 3					
Capacidade Física e Funcional					
<i>Higiene pessoal</i>		<i>Vestir-se</i>		<i>Actividades Sensoriais – Fala</i>	
Faz a sua higiene sem dificuldades	8	Não necessita de ajuda	15	Fala	16
Necessita de ajuda parcial	9	Necessita de ajuda total	0	Exprime-se sem dificuldades	1
Necessita de ajuda total	0	Necessita de ajuda parcial	2	Exprime-se com dificuldades	0
<i>Visão</i>		<i>Actividades Locomotoras</i>		<i>Refeições</i>	
Vê sem dificuldades	9	Efectua sem dificuldades	11	Faz sem dificuldades	17
Vê com dificuldades	8	Necessita de ajuda parcial ou de apoio	6	Necessita de ajuda parcial ou de apoio	0
Vê com dificuldades severas	0	Necessita de ajuda humana total ou de uma cadeira elevatória	0	Necessita de ajuda total	0

Perante o primeiro parâmetro – higiene pessoal – os/as inquiridos/as apesar de alguns/as realizarem autonomamente esta tarefa diária, estão cientes da importância da apoio à higiene pessoal e, por isso, mencionarem a necessidade de ajuda. Quanto ao vestir-se a maioria aponta que o consegue fazer sem ajuda, sublinhando que apesar de o fazer mais lentamente, esta prática ajuda na manutenção de algumas faculdades. Uma das capacidades mais afectadas, inerente à idade, é a visão, sendo que na

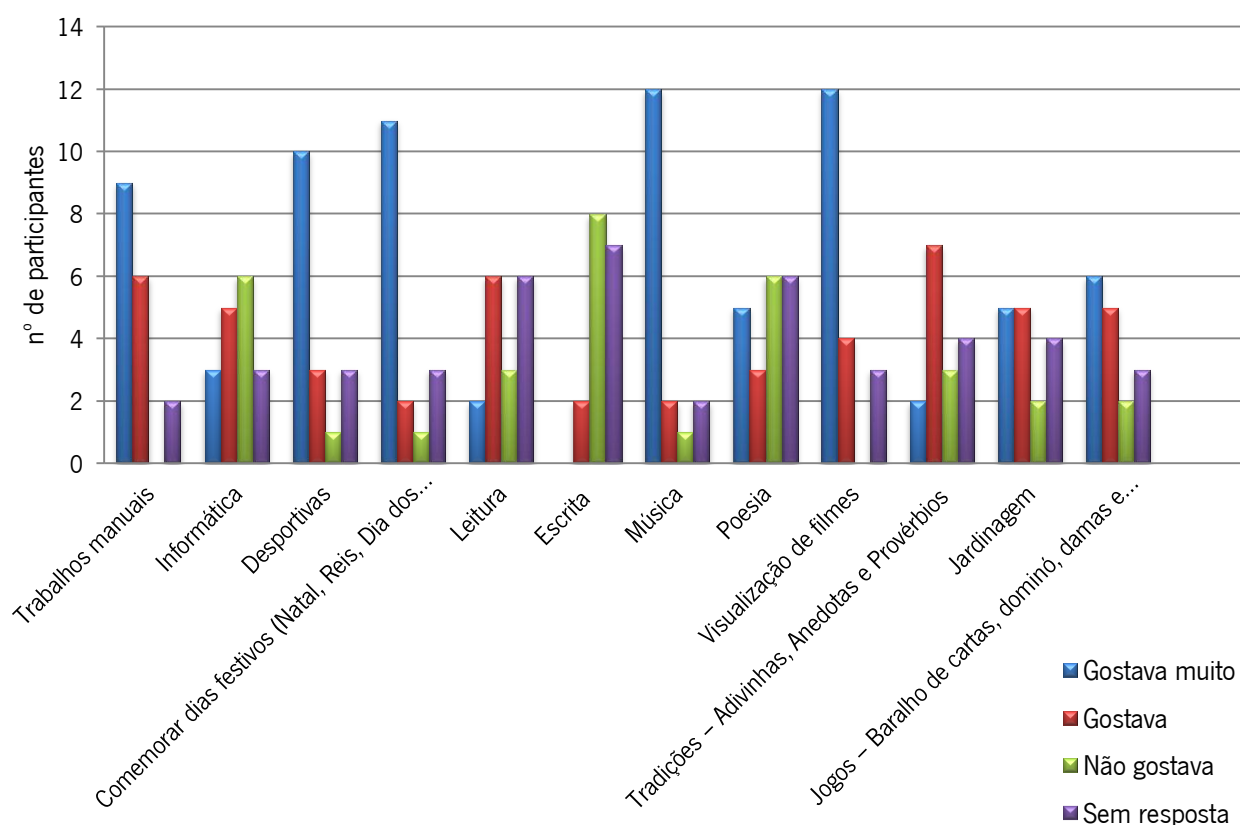
amostra quase metade diz enfrentar dificuldades. Do lado oposto está a *fala*, onde dezasseis - 16 – comunicam sem dificuldades e aliado a este bom resultado está, também, a autonomia nas refeições. Para terminar, importa fazer referência que nesta amostra existem seis – 6 – pessoas com dificuldades para se movimentarem que é considerável neste trabalho, pois é essencial não excluir este grupo das actividades e adequá-las às capacidades de um grupo que é marcadamente heterógeno. É necessário sublinhar que este quadro retrata a opinião dos/as utentes e não um quadro clínico.

Partindo para outro ponto de análise, os/as utentes com os/as quais comunicamos ocupam, de modo geral, os seus tempos livres com actividades da vida diária onde se incluem as refeições, a higiene pessoal e algumas arrumações. Outras das actividades passam pela aula de motricidade semanal, o crochet, leituras diversificadas – o jornal -, ver televisão, jogar dominó, conversar e passeios pelos espaços exteriores (Ver anexo 2, ponto 9). Nesta questão e na que se refere ao modo como gostariam de ocupar os tempos livres verificou-se dificuldades por parte dos/as utentes em expressarem-se. Contudo, alguns referem ver grupos de música e de teatro, realizar passeios, aprender a usar o computador e fazer trabalhos manuais (Ver anexo 2, ponto 10).

Estando conscientes da importância da *intergeracionalidade* mas, acima de tudo, da saudável interacção entre crianças/jovens e idosos/as, os/as utentes foram questionados/as se gostariam de realizar actividades com este público. À qual treze - 13 - dos/as utentes responderam afirmativamente e os/as restantes demonstraram algumas hesitações mas não respondendo negativamente (Ver anexo 2, ponto 12)

Para obtermos respostas mais concretas, concebemos um conjunto de áreas de actividade (s), onde os/as idosos/as responderiam de acordo com os seus gostos e habilidades num intervalo correspondente ao *gostava muito* e *sem resposta*, este último liga-se à impossibilidade do/a utente realizar a actividade dado por exemplo ao seu analfabetismo e/ou quando existe hesitação à resposta. Assim, obtivemos o gráfico 9, a seguir apresentado.

Gráfico 9 - Actividades



Desta forma, os trabalhos manuais, as actividades desportivas, a comemoração de dias festivos, a música e a visualização de filmes são actividades que obtêm mais consenso. Contudo, no trabalho com idosos/as não podemos afastar as outras áreas de interesse, trata-se sobretudo de aumentar a auto-estima e os níveis de participação na ocupação das suas vidas. E por isso, a importância de ter em conta as actividades que estão marcadas pelo *gostava muito/gostava*, pois podem ser conjugadas com outras actividades.

Por fim, para este tipo de intervenção consideramos importante compreender como é que os/as inquiridos/as espelham a velhice, fase da vida pela qual estão a passar. Pela tabela 4, existe na maioria uma carga negativa relativa a esta fase da vida, claro está que estas respostas encadeiam-se com os percursos e círculos de vida de cada um/a. É, de sublinhar que algumas respostas são dadas numa perspectiva do outro/a que está velho/a e não do seu próprio estado actual.

TABELA 4
Para si o que é ser uma pessoa idosa?
"Acho triste, acho que devíamos voltar para trás"

"Uma pessoa que precisa de muito carinho"
"É como uma criança. Fica na memória apenas o antigamente"
"Tenho pena das pessoas idosas"
"A velhice é triste"
"É uma pessoa que tem saudade do passado"
"É uma fase triste"
"Tenho 79 anos e não me sinto velha"
"É, eu não pude fazer as coisas que gostava de fazer"
" É ir perdendo tudo o que se têm"
"É uma pessoa que gosta de ter amigos e companhia"
"É uma pessoa com muita vivência, é uma pessoa que sabe e que tem muito a ensinar aos mais novos"
"É uma pessoa que tem muita prática da vida que mesmo não sabendo ler e escrever sabe mais do que qualquer outra pessoa"
"Enquanto a gente pode as coisas vão andando, mas quando se perde o juízo"

Em modo de conclusão, deparamo-nos com idosos/as com uma necessidade constante de desabafar e contar sobre as suas vidas, marcadas por períodos de medo, solidão e frustração, mas também por momentos de alegria e de processos desenvolvimento do conhecimento que agora são marcados pela saudade. Algumas das pessoas idosas não vivem, apenas existem e mesmo estando rodeadas, sentem a solidão e o abandono e a sua vida acaba por ficar caracterizada pela inactividade. Também não nos podemos esquecer do período histórico e cultural que muitos/as dos/as idosos/as atravessaram na sua infância, juventude e entrada na vida adulta. Importa sublinhar que apesar desta realidade, o grupo demonstra receptividade para iniciar um trabalho de intervenção, o que se constitui uma oportunidade de desenhar um projecto na área de educação não-formal e de animação.

Igualmente, não nos podemos esquecer de frisar que o lar permite aos/às utentes organizar a sua vida consoante as suas necessidades e conveniências desde que respeitem um conjunto de regras importantes para o normal funcionamento de uma instituição. Deste modo, existe um grupo de utentes autónomos/as que não demonstra interesse em participar nas actividades de animação e de educação não-formal regulares, pois organizam o seu dia-a-dia conforme os seus interesses, competindo à instituição respeitar estas decisões individuais.

1.6. Apresentação da finalidade e objectivos de intervenção

Tendo em conta que um projecto surge “como uma das propriedades essenciais dos seres vivos” em que se sublinha o “carácter fundamental do comportamento, consistindo em ser polarizado para um fim, simultaneamente interno e externo ao organismo” (Boutinet, 1996:299) o nosso projecto, também, tem na sua génese uma finalidade e objectivo (s). Estes são “princípios de orientação que norteiam os esforços dos membros da equipa desenvolvidos no sentido de contribuírem para se alcançar o alvo do projecto” (Randolph & Posner, 1992:29). Mais especificamente, Guerra (2002) define os objectivos gerais como pontos que “descrevem grandes orientações para as acções e são coerentes com as finalidades do projecto, descrevendo as grandes linhas de trabalho” (idem:163) e os objectivos específicos “exprimem os resultados que se esperam atingir” (idem:164).

Deste modo, apresentamos a finalidade, os objectivos gerais e específicos do projecto “Recolorindo Vidas”:

Finalidade: Promoção do bem-estar dos/as idosos/as.	
Objectivo Geral	Objectivo (s) Específico
Sensibilizar os/as idosos/as para os aspectos positivos do processo de envelhecimento.	Promover o diálogo com os/as idosos/as e a direcção sobre o bem-estar dos utentes. Auscultar alguns familiares dos/as idosos/as. Mobilizar os/as idosos/as para participarem nas actividades.
Contribuir para a ocupação dos tempos livres os/as idosos/as.	Desenvolver actividades relacionadas com os interesses e necessidades dos/as idosos/as. Promover actividades de estimulação cognitiva, motora, reabilitação física e psicológica. Aumentar a auto-estima dos/as idosos/as. Recolher apoios para a concretização das actividades.
Consciencializar para o processo do envelhecimento enquanto processo global e comunitário.	Promover actividades de intercâmbio entre os/as idosos/as e os diversos agentes da comunidade, desde crianças a grupos organizados.

CAPÍTULO II

ENQUADRAMENTO TEÓRICO DA PROBLEMÁTICA DO ESTÁGIO

2. Introdução

Para iniciar este capítulo faremos uma reflexão sobre o processo de envelhecimento, explorando as correntes teóricas e autores que constituíram referentes importantes na exploração da problemática do estágio. Propomo-nos estudar não só a questão do envelhecimento, mas também alguns temas que estão relacionados com a problemática de estágio como a educação ao longo da vida e o conceito de desenvolvimento.

Por outro lado, dado a abrangência do processo de envelhecimento, centramo-nos em aspectos mais marcantes do estágio, apresentando investigações sobre o tema e a sua relevância para o trabalho de intervenção desenvolvido. Deste modo, incidiremos sobre a função da intervenção comunitária e da animação, especificamente na população idosa institucionalizada e como podemos desenvolver o trabalho nesta área que se situa entre as ciências da educação e a gerontologia.

2.1. Contextualização do fenómeno do envelhecimento: Aspectos físicos, psicológicos e sociais do envelhecimento

Segundo dados da Comissão Europeia que podem ser consultados no *Memorando sobre Aprendizagem ao Longo da Vida* (2000), o envelhecimento da população é uma realidade e expressa-se pelo prolongamento da vida e entrada na aposentadoria, resultado dos avanços na tecnologia e na ciência, sendo um fenómeno universal na medida em que afecta todos os indivíduos. Estamos perante mudanças que acontecem de forma progressiva, pois com os investimentos realizados, quer na educação para a saúde, quer no desenvolvimento na área farmacêutica e, conseqüentemente, cura e retardamento dos avanços de doenças, todos nós ganhamos mais qualidade de vida, ou melhor, prolongamento da existência de vida.

Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), a pessoa idosa é aquela que tem mais do que 65 anos, e segundo dados de um estudo elaborado pelo serviço de estudos sobre a população do departamento de estatísticas censitárias e da população no âmbito da II Assembleia Mundial sobre o Envelhecimento realizado em Madrid em 2002 (consulta Internet 31.08.11), no período entre a década de 60 e o ano 2000, o número de jovens (0-14 anos) diminuiu de cerca de 37% para 30% e continuará

a diminuir, para atingir os 21% do total da população em 2050. Estes dados são pertinentes, porque o fenómeno do envelhecimento da população não se estuda apenas com os dados relativos à esperança média de vida, mas à relação entre a natalidade e a mortalidade, entre a população activa e a classe aposentada.

Assim, do lado inverso, a população mundial com 65 ou mais anos tem aumentado, de 5,3% para 6,9% do total da população, no mesmo período dos resultados apresentados sobre os jovens. E prevê-se para 2050, um aumento de 15,6%, portanto “o ritmo de crescimento da população idosa é quatro vezes superior ao da população jovem” (idem, 2002:188). A nível nacional, os números também tem ónus, porque no mesmo período, houve uma descida de 36% da população jovem e um aumento de 140% do número de idosos/as. O mesmo estudo elucida que a população idosa cresceu quase um milhão de indivíduos, havendo maior número de mulheres do que homens, sendo esta realidade também, uma problemática de género. Na década de 60, a esperança média de vida era 61 anos para os homens e 67 anos para as mulheres e, em 2005, altera-se de 75 anos para os homens e 81 anos para as mulheres. Continuando na mesma linha de pensamento, o mesmo estudo diz que dentro da população idosa existem diferentes crescimentos, sendo o ritmo de desenvolvimento distinto. No grupo de idosos/as com 85 e mais anos registou-se uma taxa média de crescimento de 3,5% em relação, por exemplo, aos/às idosos/as entre os 75 e os 84 anos. Deste modo, conclui-se que o envelhecimento demográfico se caracteriza pela heterogeneidade. Podemos também perceber por estes dados, que as mulheres são a maioria da população idosa e que são o grupo mais afectado pela viuvez, vejamos que em 100 viúvos, 16 eram homens e 84 mulheres, segundo dados do INE (idem). Ora a viuvez é entendida como um dos papéis mais difíceis e conturbados com o qual o/a idoso/a se depara (Hayslip e Panek, 2002 cit. Simões, 2004: 21) envolvendo modificações a nível emocional, social e repercussões nos estados de saúde.

A entrada neste período da vida é, ainda associada a representações sociais pessimistas de toda a sociedade, identicamente é verdade que o processo de envelhecimento acarreta consigo mudanças a nível psicossomático que não podem ser causas directas para rotularmos este grupo de indivíduos, principalmente, os institucionalizados enquanto incapazes fisicamente, dependentes mentais e economicamente dependentes. Apesar de o puderem ser, também detêm o direito de participar e a mobilizar-se consoante as suas características. Toda a sociedade vive contaminada de ideias erradas sobre este período, não o vendo como uma nova fase da vida, mas como a fase final prescrita pela infelicidade. Estas ideias preconceituosas não surgem apenas dos outros, ou seja, dos jovens, dos adultos e dos próprios familiares dos/as idosos/as. Quando se trabalha com este grupo, os

responsáveis entendem que o/a próprio/a idoso/a se auto rotula de ser incapaz, inútil e um fardo para os outros, como se houvesse um cabo que alimenta esta ideia e a repercute ao longo do tempo na sociedade. Contudo, consideramos que existem mudanças, principalmente, por parte dos técnicos que trabalham no terreno, mas a verdade é que este é um trabalho que os/as técnicos/as não podem fazer sozinhos, é um trabalho que inclui todas as estruturas políticas, sociais e económicas. Mas, observamos que algumas mudanças de acções por parte de instituições politizadas, não passam de campanhas meramente centralizadas e vivem de um certo folclore. É necessário investir na terceira idade como se investe noutras áreas, e existem boas práticas que podem servir de exemplo. Claro está que a discussão que estamos a abrir nos desvia do tema central pois trata-se de uma análise crítica às políticas de mercado e ao neoliberalismo. O rosto do envelhecimento está a mudar ao longo das décadas, o velho de hoje será diferente do de amanhã porque teremos um “aumento do nível de instrução das novas gerações de idosos”, o que “aumenta substancialmente a procura da educação (...)” e leva a que terceira idade tenha “mais probabilidades de ser civicamente mais consciente dos seus direitos e deveres, politicamente mais esclarecida e mais activa e sanitariamente mais empenhada e evoluída” (António Simões, 2006: 155) assim, estando lançados novos desafios à educação. Não nos esqueçamos que a educação é um espaço que tem de ser “lido, interpretado, escrito e reescrito” (Freire, 1996:109), pois “as políticas neoliberais perspectivam a educação como sendo um dos pilares fundamentais do edifício económico, sobretudo se for entendida como mercadoria, produto, bem de consumo e não propriamente como serviço público” (Pacheco, 2002:10). Ora as estruturas que solidificam a segurança social dos mais idosos igualmente, estão sujeitos às políticas de mercado.

Voltando à principal discussão, a análise do processo de envelhecimento ajudar-nos-á a compreender as alterações no indivíduo. Dos vários autores que estudam o processo de envelhecimento, Raúl Lorda diz que o conceito está “cercado de muitas concepções falsas, de temores, crenças e mitos” (2001:15) acrescenta, ainda que todos os/as profissionais preocupados/as com o bem-estar das pessoas na terceira idade devem questionar-se o que é a velhice e compreender as mudanças fisiológicas e psicológicas. As mudanças ocorrem ao nível físico e externamente verificamos algumas modificações como destacamento das veias sob a pele dos membros, encurvamento postural dado às alterações na coluna vertebral, a diminuição da estatura dado ao desgaste vertebral, entre outras. A nível interno, o cérebro torna-se menos eficiente, o metabolismo é mais lento, sucede o aumento das insónias, os órgãos internos debilitam-se, reduzindo o seu funcionamento, entre outras alterações. Na terceira idade dá-se o declínio das aptidões visuais, auditivas, memoriais e ocorre o desenvolvimento de

problemas cardiovasculares ou reumáticos (Zimmerman, 2000:22-23), fazendo tudo parte de processos naturais da vida do ser humano. A mesma autora (2000) elucida que é mais difícil fazer frente aos problemas de foro psicológico do que aos problemas físicos. É difícil a adaptação aos novos papéis, existe falta de motivação, sem esquecer que as mudanças psicológicas podem resultar em depressão, hipocondria, somatização, paranóia e suicídios. Estas alterações são entendidas pelas histórias de vida das pessoas idosas e a hereditariedade, ou seja, se ao longo da vida o/a idoso/a teve uma atitude optimista mais facilmente se adaptará ao processo de envelhecimento, enquanto fase de “experiência acumulada, de maturidade, de liberdade para assumir novas ocupações” (idem: 25). Percebendo a dimensão holística do envelhecimento, falta referir os seus aspectos sociais. As mudanças na sociedade a um ritmo alucinante, levam à mudança do *status* do/a idoso/a, à crise da sua identidade, à aposentação e à diminuição dos contactos sociais, como já mencionado. Deste modo, é necessário flexibilizarmos e adaptarmos ao ritmo do/a idoso/a pois esse é diferente e deve ser respeitado, destacando-se que o nosso tempo não é o tempo do/a idoso/a.

Para aprofundar esta temática, incidiremos em algumas teorias do envelhecimento pertinentes para o contexto em causa. As teorias do envelhecimento visam aprofundar os conhecimentos sobre o tema e constituem-se formas de orientação na busca do desconhecido. A literatura apresenta dois tipos de teorias: as de foro biológico e as de natureza psicossocial. Estas últimas são as de maior relevo para nós. Uma das teorias do envelhecimento no âmbito psicossocial é a teoria da actividade (Havighurst, 1972, cit. Raúl Lorda 2001:57) que enfatiza a relação entre as actividades sociais com a satisfação na vida o que implica a descoberta de novos papéis, favorecendo a auto-estima da pessoa idosa, ou seja, a vinculação com o mundo social garante à terceira idade a satisfação com a vida. Outras das teorias importantes aqui é a teoria da continuidade na qual segundo Neugarten (cit. Louise Berger & Danielle Mailloux-Poirier, 1994:105) o “idoso mantém os seus hábitos de vida, as suas preferências, experiências e compromissos adquiridos e elaborados durante a sua vida”, trata-se de alterações de comportamentos que acontecem pela pressão dos acontecimentos dos últimos anos a fim de continuar a viver com qualidade de vida. Do lado oposto, temos a teoria da desvinculação (Cumming e Henry, 1961 cit. Simões, 2006:139) que consiste na quebra de relação com o mundo social e laboral a fim de garantir a satisfação da vida.

Independentemente da teoria do envelhecimento e dos debates à volta destas, tal como Simões (2006) refere, não há discussão quanto ao contributo importante para a desconstrução de estereótipos sobre este grupo social, como afirma o autor “uma grande parte dos idosos está disponível e desejosa de dar

o seu contributo para resolver os problemas da comunidade em que vive, para «ser útil» aos outros” (2006:147).

Sublinha-se que cada idoso/a tem uma história diferente e particular por isso, a necessidade de encruzelhar todos os indicadores que estudamos sobre o envelhecimento. Assim, similarmente é pertinente, olhar para a fase da aposentação e/ou reforma pois existe “a necessidade de preparação para a mesma, de maneira a conseguir-se a melhor adaptação possível” (idem:77). António M. Fonseca (2005) aponta a reforma como um momento de viragem na vida das pessoas e afirma que é necessário conhecer para intervir na promoção de um envelhecimento activo. Para entendermos melhor, Fonseca apresenta duas *visões* que caracterizam este momento da vida dos/as idosos/as que afectará o modo como decorrerá o desenvolvimento desta etapa: temos, então, a reforma enquanto acontecimento “de risco” e enquanto momento inicial da procura de “objectivos e/ou de sentido de vida”. Vejamos que Simões analisa, igualmente a fase da aposentação com estas duas vertentes. O autor fala do provável stress da transição quando associado a implicações negativas, como a perda de rendimento e declínio da saúde (idem:88). Por isso, a importância de educar para a reforma, como um processo de “aquisição de informações, de conhecimentos e maneiras de julgar, que ajudam a facilitar a adaptação pessoal e a auto-realização após o afastamento da força do trabalho, em qualquer idade que ocorra” (Withnall e Kabwasa, 1989:320 cit. idem:91). Mas esta acção de adaptação e intervenção pode ter efeitos positivos ou negativos. Simões pela pesquisa que fez alerta que o sucesso reside nos critérios para medir, ou seja, resulta da temporalidade do processo. Vejamos que se as acções visarem a “mudança de atitudes a curto prazo, os efeitos são muitas vezes positivos. Mas se é a mudança de atitudes a longo prazo (...) então tais efeitos revelam-se mínimos” (idem: 92). O fraco sucesso fica a dever à baixa participação, ao planeamento não atempado, ao afastamento de acções para os mais desfavorecidos, entre outros (Moody, 2002: 283 cit. idem). Entenda-se que a entrada na reforma é um momento marcante na vida do indivíduo e, por isso, a educação não pode excluí-la: devemos lutar contra preconceitos e mitos e promover o bem-estar e a qualidade de vida, admitindo que não são tarefas fáceis.

Como referido, estas duas cruzadas entrelaçam-se com o conceito de qualidade de vida do/a idoso/a e para entendermos este conceito, Donald (1997 cit. por Berger & Mailloux-Poirier, 1994) formulou cinco grupos ou categorias gerais para identificar as necessidades nesta etapa de vida, necessidades estas interligadas com a qualidade de vida e bem-estar na terceira idade.

O primeiro grupo é o do bem-estar físico que inclui os recursos materiais, a saúde, a higiene e a segurança. O segundo liga-se às relações interpessoais que inclui amigos, família e participação na

comunidade. O terceiro grupo relaciona-se com o desenvolvimento pessoal que representa as oportunidades de desenvolvimento intelectual, auto-expressão e *empowerment*. Quanto aos dois últimos grupos, esses passam pela socialização, entretenimento passivo e activo e pelas actividades espirituais e transcendentais, respectivamente.

Como acima mencionado, na primeira categoria definida por Donald, a questão da saúde é uma abordagem essencial para a pessoa que entra na reforma. Facto que algumas doenças crónicas - afecções duradouras a longo termo ou permanentes - são preocupantes e estão associadas ao envelhecimento, tais “como as doenças do aparelho circulatório, artrite, reumatismos, doenças da coluna, tumores, afecções do sistema digestivo e perturbações mentais” (Berger & Mailloux-Poirier, 1994: 92). Segundo as mesmas autoras, o conceito “de saúde sofreu uma evolução, englobando agora uma noção mais vasta de bem-estar físico, mental e social” (idem:111) apresentando-se como conceito holístico na vida do ser humano, não se tratando apenas da ausência de doenças. Deste modo, também percebemos como diz Antunes (2008: 47), a educação e a saúde encontram-se de mãos dadas como “processo de crescimento dos seres humanos e de desenvolvimento sustentável das comunidades. (...)” na medida em que “viver com saúde é (...) objecto de aprendizagem pois, os saberes que a comunidade detém, sejam formais ou informais, conseguem evitar, controlar e melhorar muitos problemas de saúde” (idem).

Continuando na mesma linha do bem-estar aliado à saúde, no processo do envelhecimento não interessa apenas informar sobre um conjunto de doenças mas também, dar espaço para que as pessoas possam ser ouvidas, podendo procurar as soluções para os seus problemas. Deste modo, colocamos a mesma questão de António Simões (2006): é possível ser feliz na velhice?

Para responder a esta questão, o autor refere três conceitos: o bem-estar subjectivo, a felicidade e a qualidade de vida. O primeiro conceito “é constituído pela componente cognitiva, designada satisfação com a vida (...) e por uma componente afectiva” (idem: 107), logo se a pessoa tem uma avaliação positiva da sua vida, apresenta níveis bons de bem-estar subjectivo (BES). Acrescenta-se que se aliarmos as condições materiais e a saúde com a avaliação subjectiva temos os instrumentos da qualidade de vida. Estas afirmações levam a concluir que a qualidade de vida e o BES são influenciados por um conjunto de factores desde os sociodemográficos como o rendimento, o nível de educação, o estado civil, o emprego, entre outros, passando pela personalidade de cada um e pela capacidade de estabelecer metas e objectivos. Mais uma vez, existem vários indicadores para perceber o processo do envelhecimento, como a própria concepção que cada idoso/a tem sobre o que é qualidade de vida e bem-estar, sendo que estes não são conceitos generalizados. Mais ambígua se

torna esta análise quando pensamos em felicidade, pois questionamo-nos se “todas as felicidades (subjectivas) se equivalem, ou há felicidades mais humanizantes umas que as outras (...) Há felicidades *verdadeiras* e felicidades que *divertem* (...)? Há as felicidades, ou a felicidade? (idem: 128). Estas interrogações conduzem-nos a perceber a amplitude do fenómeno de que falamos, o sistema de valores e condutas que lhe está associado.

Além disso, o conceito de bem-estar ou estado de bem-estar está associado às mudanças na área da tecnologia e da informação, ao funcionamento das sociedades de consumo, aos modos de vida e instituição de relações e ao desenvolvimento de espaços de educação permanente alicerçado na ideia de sociedades democráticas (Petrus I Rotger in Trilla, 2004: 319). O Estado de bem-estar consiste num “modelo de Estado que, depois de ter alcançado níveis satisfatórios de bem-estar económico, decide intervir na vida dos cidadãos com o objectivo de possibilitar o seu bem-estar social e fornecer uma melhor qualidade de vida” (idem:322). Ora esta afirmação leva a concluir que sem recursos económicos e sem estabilidade económica e financeira, o projecto de estado de bem-estar é colocado de parte pela maioria dos Estados, sendo este direito e dever delegado nas comunidades e nos seus serviços.

2.1.1. Das capacidades cognitivas à demência

Para terminar esta secção, importa para nós reflectir sobre as capacidades cognitivas e sobre a demência. Não poderíamos deixar de fora esta pequena secção porque esta área foi alvo de reflexão da nossa parte ao longo do estágio, pois as alterações nesta área têm implicação em vários âmbitos da vida do/a idoso/a.

Como referimos, o processo do envelhecimento é heterogéneo e relaciona-se com diversos factores que se influenciam mutuamente. Quando referimos as capacidades cognitivas, trata-se da atenção que é a *capacidade* para captar os *estímulos da realidade recebidos*, da memória/aprendizagem que é o “registo e retenção da informação” e a inteligência que é a “capacidade de reflectir e relacionar ideias e de resolver problemas novos” (Simões, 2006:53). Segundo algumas investigações, certas pessoas idosas “apresentam declínios relacionados com a idade, outros não registam tais declínios e ainda outros só evidenciam decréscimos na atenção, em determinados contextos” (Rogers, 2000:67-68 cit. idem:56), já no caso da memória e da aprendizagem a que está subjacente a atenção, vários estudos (caso do estudo de Berlim) apontam que há um declínio na aquisição de novas competências e captação de informações nesta fase da vida, contudo a população idosa não está excluída da

aprendizagem, mesmo levando mais tempo a fazê-lo. No caso específico da memória, dado à sua multidimensionalidade não se pode dizer que simplesmente apresenta declínios, pois depende do tipo de memória que a nos reportamos. Vejamos, por exemplo, o caso da memória operatória que “implica um processo mais activo do que simples retenção de números de telefone (...) a sua tarefa seria dupla: a de memorizar informação e (...) a de a transformar”, assim sendo no processo de memorização da informação não existem resultados substanciais de perda mas no caso da transformação os declínios já são significativos (idem: 59). Percebe-se que existe uma alteração na chamada memória a longo termo, ou seja, o/a idosa/a tem dificuldades em recordar-se de factos que se sucederam há dias, horas ou meses. Nota-se que as pessoas nesta fase de vida possuem dificuldades em “encontrar o material retido (...)” que está, “eventualmente, «na ponta da língua»”(idem:61). Por outro lado, temos a memória remota que consiste em recordar factos da adolescência, juventude e idade adulta, e na qual não se verificam alterações significativas (idem:62-63). Quanto à inteligência, tal como a memória, a sua análise não é linear pois resulta igualmente do tipo de inteligência a que nos referimos. Por exemplo, o estudo de Seattle (Simões, 2006) que examina várias dimensões da inteligência em indivíduos entre os 25 e os 88 anos, diz que a partir dos 60 anos existem declínios mas não muito significativos, pois as dimensões afectadas variam de indivíduo para indivíduo. No estudo de Berlim (Simões, 2006), há similarmente alguns resultados importantes, na medida em que existe tendência “para a diminuição da performance intelectual, à medida que se avança em idade (...)” relevando que “aqui, o declínio é mais acentuado numas aptidões do que noutras” (idem:66). Simões na sua análise concluiu que outras pesquisas caminham para um declínio geral no conjunto das faculdades intelectuais.

Apesar de algumas perdas cognitivas, existe potencial a ser explorado e que pode ser preservado. Contudo, as aptidões cognitivas – atenção, memória/aprendizagem, inteligência - estão interligadas com as capacidades sensoriais, isto é, para o funcionamento da aprendizagem e excelente funcionamento da memória “é fundamental que os processos sensoriais, nomeadamente a visão e a audição, se encontrem em bom estado de funcionamento” (idem:69), ora esta questão na terceira idade ganha mais sentido, pelas mudanças que aqui acontecem, como perda de algumas capacidades visuais e auditivas. Por isso, a importância no aproveitamento dos avanços da medicina, assim como a adequação dos meios e dos comportamentos por parte das pessoas que trabalham com idosos/as, como falar pausadamente, de frente, num tom mais alto do que o habitual e usar objectos adequados ao seu tacto e visionamento.

Por outro lado, temos a questão da demência, identicamente frequente na terceira idade e não menos importante de expor aqui. Nas palavras de Kastenbaum (cit. Zimermam 2000: 101), a demência “é um desgaste natural que vai ocorrendo no ser humano, iniciando-se por volta dos 50 anos e acentuando-se a partir dos 65” contudo, com a evolução tecnológica, segundo a autora, o desgaste começa depois do intervalo apresentado por Kastenbaum. Os primeiros sinais passam pelas modificações de raciocínio, levando a que ao longo do tempo tenha dificuldades em formular o seu pensamento lógico. As doenças principais provenientes da demência são a doença de Alzheimer e a doença de Parkinson, estas resultam “de um processo degenerativo cerebral, levando à morte neuronal” (idem: 101) conduzindo a alterações na personalidade e no comportamento. Na doença de Alzheimer, esquece-se primeiro o que se aprendeu por último recordando-se de momentos da infância e acontecimentos importantes. Contudo, com o avançar da doença, a pessoa pode esquecer de acontecimentos mais antigos e mesmo das pessoas mais próximas (Manual de Boas práticas, 2005:83). As relações não são fáceis dadas as alterações na memória de curto prazo por isso, a necessidade de “sermos pacientes, dar-lhes tempo para realizar as tarefas e fazer-lhes sentir que continuam a ter valor. A comunicação com os residentes deve ser clara e simples, mas sem os infantilizar nem diminuir a sua dignidade” (idem: 85). Zimermam pela experiência nestes casos, diz que as pessoas com demência podem sentir-se confortáveis, fazendo-se notar “uma diferença positiva e uma maior tranquilidade”, aconselhando os técnicos a realizar exercícios e actividades para este tipo de pessoas.

2.2. Desenvolvimento e Educação ao longo da vida

Estes dois conceitos, o desenvolvimento e a educação ao longo da vida fazem todo o sentido neste relatório. A partir da década 70, concebe-se um novo paradigma da educação, enquanto processo global e contínuo, assente na necessidade de se aprender “a reinventar e a renovar constantemente ” e, deste modo “o ensino torna-se educação e, cada vez mais, a aprendizagem. Se aprender é a acção de toda a vida, tanta na duração como na sua diversidade, assim como de toda a sociedade, é preciso ir ainda mais além na revisão necessária dos *sistemas educativos* (...) ” (Preâmbulo do Relatório da UNESCO, 1972, cit. Ribeiro, 2009: 213). Vejamos que educação, trabalho e lazer, destinavam-se exclusivamente às respectivas fases da vida, crianças e adolescentes, adultos e idosos/as. Nesta altura começa-se a entender que não se justifica esta delimitação em blocos separados e exclusivos de determinadas fases da vida pois, “é já um lugar comum afirmar que a educação é um processo

coextensivo à vida do indivíduo e que, dadas as mudanças aceleradas a diversos níveis (...) há necessidade de a distribuir por todas as fases da existência” e a mesma ideia se aplica aos conceitos de trabalho e lazer na terceira idade (Simões, 2006:95).

Deste modo, as acções educativas, como por exemplo as práticas de animação sociocultural, consistem num trabalho complexo mas enriquecedor na medida em que tal como diz Antunes (2001:49) “uma visão da educação como processo contínuo, holista e comunitário (...) deve promover a complexificação pessoal ao longo da vida e preparar para a participação activa na vida da comunidade”. Desta forma, os projectos de intervenção comunitária visam desenvolver actividades para responder às necessidades de determinado grupo, para a “redução dos desequilíbrios sociais e, em geral, o desenvolvimento das comunidades e de cada indivíduo em todos os aspectos sociais, culturais e da vida: necessidades básicas, níveis de vida e condições de emancipação e liberdade” (Sánchez, M, 1997: 272 cit. Úcar, X. & Bernê, A). É neste âmbito, da luta contra os desequilíbrios sociais, que nos é apresentado o conceito de desenvolvimento que pode ser aliado de uma Educação em que os indivíduos aprendem a viver em comunidade, crescendo, transformando-se e diferenciando-se consoante a multiplicidade de contextos em que estão inseridos, tornando-se seres plurais e singulares, capazes de humanizar-se, participando na construção histórica e cultural das comunidades. Ou seja, uma

“forma de promover o desenvolvimento integral e integrado das comunidades (...) de satisfação das suas necessidades físicas ou vitais (...) e psíquicas ou socioculturais (...). A educação surge conectada a um conceito de desenvolvimento entendido como processo global de satisfação de necessidades e realização e (trans) formação de projectos de vida” (Antunes, 2008:79).

No (s) caminho (s) da educação ao longo da vida, encontramos um conceito de educação mais alargado: a educação ecossistémica (Ribeiro, 2009), na medida em que no processo educativo nada fica excluído, aquilo que acontece no mundo influencia a educação seja ela formal, não formal, informal, social, cultural, etc. Podemos ver que perante as mudanças no mundo, os responsáveis superiores tentam alterar o rumo do nosso planeta. Pelas conclusões das conferências de Veneza e de Helsínquia (1970), Estocolmo (1972) e Tóquio (1972) percebemos que o desenvolvimento cultural, o económico e o industrial e conseqüentemente, a era do consumo que se vive relacionam-se com a educação e importância da sobrevivência do nosso planeta. Trata-se de uma preocupação com a qualidade de vida dos seres humanos (Ribeiro, 2009: 22). O mesmo autor afirma que

“o problema da *qualidade de vida* tem a ver com o processo educativo no sentido de nos alertar para a conservação dos recursos do mundo físico mobilizáveis para criar condições do desenvolvimento

humano (...) mas não se trata apenas das agressões cometidas contra o meio ambiente (...) mas pelos abismos de maldade e de ódio(...) ” (idem: 22).

Esta é uma forma de entender o desenvolvimento enquanto forma mais sustentável de garantir a qualidade de vida dos seres humanos, principalmente, daqueles/as que à partida tem menos ferramentas e acesso aos meios e espaços para de incluírem na sociedade. Trata-se de educação e desenvolvimento associado ao conceito de solidariedade pelo “facto de todos sermos susceptíveis de sofrer dor e humilhação” (Antunes, 2008:107) e de suportamos um conjunto de carências e necessidades e, inevitavelmente de procurarmos meios para a supressão das mesmas. Neste sentido, todos os responsáveis pelas instituições e intervenientes nas comunidades, devem continuar a trabalhar a fim de diminuir o sofrimento, activando a possibilidade de sermos felizes e de tal como Luther King dizer “I have a dream”. Lembrando que solidariedade poderá ser “a arte de transformar detalhes aparentemente insignificantes em indícios permitindo reconstituir toda uma história”, definição que Edgar Morin deu ao conceito de serendipidade (Dias, 2002: 47) e que utilizamos para definir o conceito de solidariedade.

2.3.Intervenção comunitária e animação na população idosa institucionalizada

No âmbito da amplitude de acção e de públicos que integram o processo de educação ao longo da vida, explorado anteriormente, importa agora estreitar formas de acção educativa que sustentam a emergência deste processo de educação permanente: a intervenção comunitária e a animação. Esta discussão vem demonstrar, igualmente, a polivalência dos licenciados e mestres em Educação.

Quando estudamos estes conceitos concluímos que existe uma polissemia relativa a eles, dado à sua ambiguidade, diversidade e enfoques. A intervenção comunitária visa a construção de projectos que integrem o sistema de valores e crenças do grupo e dos indivíduos que o incorporam, tendo o educador comunitário um papel de mediador e facilitador. Estes projectos nascem da coordenação e sistematização das necessidades da comunidade, “despertando a sua autoconfiança e vontade em participar activamente no desenvolvimento da mesma” (Erdozain, 1992:119 cit. Antunes, 2008:91). O trabalho comunitário deve ser entendido como uma intervenção social na comunidade em causa, desenvolvendo-se uma prática profissional que visa alcançar uma sociedade melhor (Goméz 2006:162 cit. Úcar, X. & Bernê, A.), o que só é possível com a condição acima descrita: o englobamento do sistema de valores e crenças do (s) grupo (s).

Perante as mudanças que estão a acontecer, já exploradas ao longo deste trabalho, sustenta-se a importância da educação e, especificamente, das suas práticas sociais, que residem na “promoção de interesses colectivos e do bem comum, mediando entre as necessidades das pessoas e os direitos sociais” (tradução nossa, idem: 172). Deste modo, a intervenção comunitária “deve ser uma intervenção integrada, coordenada e globalizada (...) exige a inserção num projecto mais amplo, a partir do qual as acções/programas a promover em cada região sejam acompanhadas de medidas sociais, económicas e políticas (...) para contribuir para o desenvolvimento e bem-estar da vida individual e comunitária” (Antunes, 2008:91).

É desta maneira que entramos na animação enquanto um tipo de acção comunitária, sustentada por um

“conjunto de acções realizadas por indivíduos, grupos, ou instituições numa comunidade (ou num sector da mesma) e dentro do âmbito de um território concreto, com o objectivo principal de promover nos seus membros uma atitude de participação activa no processo do seu próprio desenvolvimento quer social quer cultural” (Trilla, 2004: 26).

Podemos referir que apesar de conceitos diferentes, para acontecer um verdadeiro e eficaz processo de educação ao longo da vida, este deve agregar uma política de animação. Ander-Egg (2002) refere que a animação sociocultural procura superar e vencer atitudes de apatia e fatalismo em relação à aprendizagem e desenvolvimento humano que deve acontecer ao longo de toda a vida. Ora se a educação ao longo da vida é, como já estudamos, um processo necessário e de capacitação do (s) sujeito (s) para o desenvolvimento das comunidades e meio para a construção de uma *cidade educativa*, compreendemos a pertinência e relevância da Educação nos dias de hoje. O importante é definir o âmbito em que vamos trabalhar: as características do espaço urbano e cultural do público e identificar as suas necessidades, problemas e oportunidades. Após esta fase, podemos definir a acção de intervenção na comunidade que pode ser a animação sociocultural. Sublinhamos que neste tipo de intervenção educativa, os fins e os objectivos não explicitam suficientemente os conteúdos, pois os fins e os objectivos são, de certa forma, amplos e a intervenção é exclusivamente limitada pelo universo da comunidade, ou seja, a tónica é colocada na comunidade enquanto sujeito da animação e não como estrutura do fenómeno dominante. Mais se acrescenta que a comunidade é constituída por aglomerados pequenos com características comuns e que mesmo a animação estando subordinada a vários fins, não está sujeita à institucionalização na medida em que produz actividades e acções de índole não-formal.

Desta maneira, um dos vários públicos de acção da intervenção comunitária e da animação é a terceira idade. A realidade da terceira idade traz consigo algumas problemáticas que para nós foram sendo esclarecidas não só pela literatura mas pela actuação no terreno. Este é um grupo com particularidades próprias, já analisadas ao longo deste trabalho: como a idade, a aposentação, as relações sociais, os estados de saúde, as situações físicas muito diferentes e contextos habitacionais diversificados. Ora é neste último ponto que reside a nossa discussão, pois quando trabalhamos com a terceira idade, temos que ter em conta o local onde desenvolvemos o trabalho, pois é diferente a intervenção que se faz com um grupo institucionalizado e aquele que não tem esse vínculo. Quando esse trabalho é desenvolvido num lar estaremos a reportamo-nos, na grande maioria, a um grupo de idosos que se enquadram na denominada *quarta idade* e que se apresenta como uma problemática área de intervenção socioeducativa.

Agustín Osorio in Trilla (2004) analisa a questão dos lares de idosos e as problemáticas humanas e de intervenção socioeducativa subjacentes. O autor aponta que de acordo com estudos e inquéritos a entrada num lar não é “a solução mais desejada” pelos diversos factores: a simbologia que lhes está atribuída, a ruptura social que acontece quando da entrada no lar e os factores materiais como rigidez do estilo de vida e preço dos lares (idem: 257). Mesmo com os esforços dos técnicos das instituições, o afastamento da família, conduz à sublevação deste grupo que demonstra, algumas vezes, incapacidade de compreender a impossibilidade de continuar a viver sozinho em casa dado às fracas condições físicas e recursos humanos inexistentes e à deterioração do estado de saúde. Outro dos problemas inerentes à institucionalização é o convívio e os relacionamentos, neste campo dá-se uma mudança significativa, onde o/a idoso/a “terá de lidar com diferenças sociais, económicas, culturais, religiosas e de temperamento (...)” e lidar com pessoas “que não aceitam a ida para a instituição, queixam-se, estão sempre doentes, críticas e deprimidas” (Zimerman, 2000: 96-97). A verdade é que as estruturas e organismos locais oferecem cada vez mais programas e serviços de forma a manter o/a idoso/a no seu domicílio contudo, estes são serviços que requerem apoios e estruturas financeiras estáveis para que sejam serviços de qualidade todavia, a entrada no lar (internamento) é, muitas vezes, uma alternativa necessária.

Desta forma, alerta-se para que os lares não sejam espaços sustentados em modelos de rejeição ou de serviços sociais. Deve desenvolver-se um espaço com dupla vertente: garantia para manter as condições e necessidades fisiológicas e desenvolver um espaço socioeducativo. Ora com os factos discutidos já neste trabalho, as mudanças fisiológicas, psicológicas e sociais que ocorrem com o processo de envelhecimento, vão influenciar de maneira decisiva o comportamento da pessoa idosa

que a conduz a alterar os seus hábitos de vida por actividades e formas de ocupação pouco activas. Por isso, a relevância de proporcionar à pessoa idosa formas para “redescobrir um novo sentido para viver esta etapa da vida com elevados níveis de motivação; recuperar o verdadeiro lugar na vida (...). As pessoas idosas precisam também de romper o isolamento a que estão submetidas na nossa sociedade, visto que esta sociedade tende a excluir as pessoas que não são consideradas produtivas.” (Garcia in Trilla, 2004: 274).

A animação e os projectos de desenvolvimento sócio pessoal são pilares fundamentais para o funcionamento das instituições, tratando-se de “um processo global (...) gerador de convivência, participação e desfrute do ócio e da cultura” (Osorio in idem: 258), frisando a incidência dos aspectos culturais, psicossociais, socioeducativos e terapêuticos, sendo o grande primórdio “possibilitar às pessoas idosas uma vida digna para que continuem a aproveitar as oportunidades para o desenvolvimento pessoal e que, no ambiente institucional dos lares, se crie uma melhor qualidade de vida” (idem).

2.4. Entre as ciências da educação e a gerontologia: O papel e a actuação dos licenciados e mestres em Educação

Os conteúdos programáticos obtidos ao longo do percurso académico, as leituras e pesquisas bibliográficas efectuadas ao longo deste último ano, levaram-nos à exploração do conceito de gerontologia que surge das mudanças a nível mundial já exploradas e, consequentemente das alterações ao conceito de velhice. A gerontologia “é a ciência que estuda (*logos*) o envelhecimento (*geros*)” (Zimmerman, 2000:15) na sua transdisciplinaridade, ou seja, sob “o prisma biofisiológico, genético, imunológico e em níveis celular e subcelular” (idem). A mesma autora diz que existe uma gerontologia social, aquela que estuda a influência dos factores sociais no fenómeno do envelhecimento, ocupa-se de analisar a reciprocidade das relações entre os/as idosos/as e os diversos sectores da sociedade. As investigações e os estudos nesta área têm como finalidade proporcionar o bem-estar da população idosa, o que requer a implicação de vários técnicos especializados na área da medicina, da educação, da psicologia, da fisioterapia, da segurança, entre outros. Mais importante ainda é a existência de uma gerontologia educativa que se enquadra entre o campo das ciências da educação e a gerontologia (Osorio in Trilla 2004:252), isto é, no campo da nossa actuação. Consiste fundamentalmente, numa intervenção na e com a população em causa, quer de carácter preventivo quer de carácter suplementar, perante o processo natural do envelhecimento, possibilitando às

peessoas idosas “planificarem estratégias para o envelhecimento, de promover novos interesses e novas actividades, de estimular e treinar a vitalidade física e mental e de ocupar, utilmente, os grandes tempos livres disponíveis” (idem).

É neste caminho que encontramos novamente o conceito de educação permanente inscrita nas suas mais diversas formas, nomeadamente na educação formal, não formal e informal e, especificamente, da animação e da educação comunitária, obrigando a uma nova organização do ciclo de formação, de lazer e do trabalho.

Impõe-se, assim, a seguinte questão: *Como aproveitar o tempo livre destas comunidades?* O facto é que a maioria dos/as idosos/as “não sabe que fazer do tempo (cada vez mais longo) que lhe resta depois da reforma, e acaba por ficar sentada nos bancos do jardim público e/ou em casa, no sofá ou na cama, diante da televisão” (Dias, 2009:242).

Segundo vários autores como Jacob (2007), Trilla (coord. 2004), Lorda (2001) Ander-Egg (2002) e Zimmerman (2000) existem várias áreas que podem ser trabalhadas com as pessoas idosas, desde as actividades cognitivas, de expressão plástica, de expressão e comunicação, físicas e motoras, de desenvolvimento pessoal e social e lúdicas. Perante estas áreas podemos dizer que todas têm uma finalidade em comum: estimular, ou seja, activar, animar, exercitar. Zimmerman (2000) fala de três tipos de estimulação: a psicológica que trabalha, por exemplo, a auto-estima, a memória, a atenção e o sentimento de identidade; a social que foca a comunicação, a convivência, entre outros; e a física que se centra na destreza física, na melhoria da motricidade e estimulação nervosa. Acrescenta-se que todas se complementam e devem “incluir dois aspectos importantes: prazer e lazer” (idem: 146).

Relativamente à área de actividade física e motora, na linha do pensamento de Lorda, esta “é identificada constantemente como uma das intervenções de saúde mais significativas na vida das pessoas de idade avançada” (2001:60). Esta área incide em exercícios simples a nível motor e cognitivo que conduzem a nível social, a ampliar novas amizades e à construção de círculos comunitários. Quanto às outras áreas Jacob (2007:47) explica que

“as cognitivas são as actividades intelectuais e sensoriais que visam manter o cérebro e o sistema nervosos do sénior activo; as expressivas são as actividades manuais e de expressão artística; as actividades de desenvolvimento pessoal e social pressupõem o aumento das nossas capacidades de relacionamento; animação lúdica é divertimento *per si*, e as actividades comunitárias compõem-se de todas as acções que se criem e dinamizem as relações interpessoais e sociais dos mais velhos na comunidade”.

María Jesús García in Trilla (2004) defende que deve ser desenvolvido na terceira idade com índice de marginalidade, ou seja, caracterizada por situações de isolamento, falta de protecção e estrutura familiar, de carência económica, de défice cultural e ainda, associada a doenças inerentes à idade e estilos de vida, “actividades do tipo de: terapia ocupacional, ergoterapia, ludoterapia, sessões de cultura, gimnoterapia, psicomotricidade, convívios intergeracionais.” Destes destacamos as que a autora denomina de *ludoterapia, sessões de cultura, gimnoterapia, psicomotricidade, convívios intergeracionais* pois, são áreas de intervenção onde se enquadram as nossas acções.

No âmbito do desenvolvimento de grupo e cumprimento do bem-estar dos/as idosos/as, as actividades *intergeracionais* surgem na literatura como componentes importantes para o desenvolvimento saudável dos/as idosos/as e entrelaça-se com a segunda categoria de necessidades identificadas por Donald (1997) anteriormente descritas. Este tipo de intervenção pode apelidar-se de solidariedade intergeracional, na medida em que nos comprometemos a procurar o bem-estar entre grupos e estaremos a construir um caminho para o desenvolvimento e qualidade de vida na medida em que *os/as idosos/as são bibliotecas vivas*. Esta solidariedade inscreve-se num processo global e permanente de Educação que desencadeia encontros educativos entre pessoas “no sentido de ajudar a alargar tanto quanto possível o nosso sentido de «nós»” (Antunes, 2001:214), tratando-se de intervenção comunitária que desafia os técnicos, principalmente, os que estão a iniciar-se no terreno, a quebrar barreiras e medos aliados, muitas vezes, ao preconceito. Num sentido mais amplo, a intergeracionalidade não se trata apenas de no mesmo espaço o encontro de pessoas com idades diferentes mas de pessoas que por características culturais, sociais, psicológicas e físicas possuem vocábulos diversos e vivências diferentes. Conclui-se que, “o estímulo para a criação de grupos de interesses, clubes e encontros entre pessoas de diferentes gerações favorece o entendimento das grandes mudanças da vida” (Lorda, 2001:34).

Outras das acções importantes a clarificar é o papel do lúdico e, essencialmente, do jogo – a ludoterapia para a pessoa idosa. O jogo torna-se, uma das melhores formas de transmitirmos uma mensagem, e de estimular um conjunto de competências e áreas e de nos divertirmos. Lorda (2001) explica que através dos jogos podemos promover a criatividade, libertar tensões e sentimentos; aumentar o círculo de relações, assim como, o grau cultural e o compromisso colectivo.

Por concluir, importa destacar que uma das linhas orientadoras da intervenção relaciona-se com a aprendizagem que o público-alvo necessita de fazer quanto às transformações de seu corpo e ao aproveitamento que pode tirar da(s) sua(s) condição(ões). As actividades de intervenção devem ser diversificadas, com intensidade moderada, de baixo impacto, realizadas de forma gradual, promovendo

a aproximação social, respeitando as individualidades de cada um. Trata-se de gerar autoconfiança, satisfação, bem-estar psicológico e interacção social.

CAPÍTULO III

ENQUADRAMENTO METODOLÓGICO DO ESTÁGIO

3.1. Introdução

Este capítulo destina-se à apresentação da metodologia utilizada na intervenção no contexto de estágio. O capítulo inicia-se com a apresentação e estudo sobre o paradigma de intervenção seguido, da identificação da metodologia, dos métodos e técnicas a que recorremos, passando pela apresentação e discussão dos modelos de avaliação aplicados na intervenção. Para finalizar, faz-se a identificação dos recursos mobilizados e das limitações do processo.

3.1 1.Paradigma de intervenção

Para explicitar a metodologia de intervenção, os métodos e as técnicas utilizadas é necessário focar a atenção no paradigma de intervenção e investigação que orienta os procedimentos metodológicos do projecto e permite na realidade em que estamos inseridos interpretar e aperfeiçoar o nosso exercício enquanto profissionais. Este paradigma denomina-se de *investigação-acção participativa* que assenta numa prática “para a obtenção de melhores resultados naquilo que se faz e, por outro lado, para propiciar o aperfeiçoamento das pessoas e dos grupos com quem trabalha” (Pérez Serrano in Trilla, 2004: 111). É uma metodologia própria para transformar realidades que se centram no “contexto de cada grupo, zona, centro, problemas concretos para os quais deve encontrar uma solução prática.” (idem).

Como conduz à mudança da prática direcciona-se para um ciclo de processos: “planificação, acção, observação e reflexão” e, consequentemente requalificação das acções a desenvolver. As pessoas – o público-alvo – é que desencadeia o conhecimento pelo qual reflectimos e reequacionamos a nossa prática. Esta é uma metodologia direccionada para a nossa intervenção na instituição pois exige uma reflexão sobre a nossa acção dado às características heterogéneas do grupo e às mudanças que vão ocorrendo no seio do grupo. Ainda mais quando “rompemos” com uma realidade monótona, repleta de estímulos negativos e de imagens incapacitantes sobre a sua própria imagem.

Para sintetizar as etapas desta metodologia, debruçámo-nos sobre as ideias de Pérez Serrano (idem):

- Diagnosticar ou descobrir uma preocupação temática «problema»;

- Construção do plano de acção;
- Proposta prática do plano e observação da maneira como funciona;
- Reflexão, interpretação e integração de resultados. Replanificação.

No âmbito do mestrado em que estamos inseridos, esta é a metodologia que nos conduz a cumprir as suas finalidades e objectivos, na medida em que nos permite na prática sermos criadores/as de espaços de conhecimento (s). Esta metodologia é fonte importante de conhecimento, principalmente para quem se encontra a iniciar a sua profissionalização. Claro está que não estamos a descartar a teoria pelo contrário, a teoria e a prática encontram-se no mesmo espaço interrelacionando-se, permitindo validar a nossa actuação.

Questionamo-nos, neste momento, se esta investigação-acção é *participativa* e o que é a investigação participativa. Tendo em conta, as particularidades do público, como fragilidades psicológicas e dificuldades nas tomadas de decisão, conduz-nos a algumas interrogações. Para clarificar estas ideias primeiro, se pensarmos que a definição de *investigação-acção-participação* se direcciona para que os grupos se adaptem e elaborem um saber instrumental que permita se “exprimirem, estruturarem e dinamizarem as suas experiências”, afirmamos que a intervenção metodológica estrutura-se nesse sentido (idem:113). Acrescenta-se que, “o objectivo último consiste em potenciar as expressões e concepções autónomas do povo, criando campos onde as pessoas possam desenvolver-se” (idem). Deste modo, a metodologia de intervenção é a investigação-acção-participativa (IAP). Ander-Egg (1990) analisa esta metodologia definindo três campos fundamentais: A *investigação* que consiste no processo para conhecer, adoptando-se uma acção reflexiva sistemática ao longo do percurso de intervenção, com o intuito de resolver alguns problemas e satisfazer algumas necessidades (idem: 33); A *acção* que se traduz na aplicação do conjunto de procedimentos a fim de dar sentido à investigação, traduzindo-se no processo de conhecer; e a *participação* que é a prática do projecto em que todos estamos envolvidos, desde os/as técnicos/as ao público-alvo. Deste modo, a investigação-acção-participação traduz-se num processo de conhecer e intervir e implica a participação dos participantes tanto na planificação como na acção (idem:32).

Uma das disposições deste paradigma relaciona-se com um dos objectivos deste projecto: as *tecnologías de actuación*. Estas visam tornar a pessoa capacitada para tomar decisões e mais, do que isso, continuar a realizar um conjunto de práticas autónomas após a intervenção. Todavia, para compreender este paradigma é importante compreender a sua aplicabilidade, que é feita apenas a nível micro-social, isto é, a IAP só pode aplicar-se a pequenos grupos, caso contrário, torna-se difícil a implicação do público-alvo. Até porque o/a técnico/a não conseguirá compreender as necessidades de

cada elemento, podendo haver lugar à exclusão daquele elemento. Importa referir que a IAP constitui-se uma forma democrática na aplicação e transferência do saber, pois permite que o público adquira domínio e compressão dos processos e fenómenos sociais em que estão inseridos, bem como a importância das questões que o afecta (idem:34).

Acrescenta-se que esta metodologia é denominada de inovadora pela forma como os/as investigadores/as actuam no campo pelo facto de as suas práticas não incidirem, exclusivamente, em métodos quantitativos (realização de questionários, por exemplo) mas sim por se afirmarem sujeitos de mudança, através da compreensão das necessidades do grupo (Guerra, 2002). Esta metodologia faz ainda mais sentido pela interferência que realiza na vida quotidiana do grupo e este projecto interfere nas rotinas, muda hábitos e respeita os diferentes níveis de participação de cada um. Esta metodologia participativa é uma metodologia permanente por isso, a relevância de instrumentos de avaliação continua para aperfeiçoamento de práticas como fontes de conhecimento e germinação de novas hipóteses. Contudo, “ formularam-se diversas críticas a esta modalidade de investigação, à validade e ao rigor da mesma” (Pérez Serrano in Trilla, 2004:114) mas a sua sustentabilidade irá perdurar na medida em que, segundo Rahmam e Fals Borda, estimula “o conhecimento popular, entendido como sabedoria e conhecimento próprios” (cit. Pérez Serrano in Trilla, 2004:114).

3.1.2. Métodos e técnicas de intervenção

Para sustentar as ideias acima apresentadas e discutidas, propomo-nos a reflectir sobre os métodos e técnicas utilizadas ao longo do trabalho. Espinoza (cit. Serrano, 2008: 47) define método como “caminho que se escolhe para obtenção de um fim” o que implica a definição de um conjunto de acções e procedimentos para alcançar os objectivos definidos. Deste modo, o método de intervenção consiste na nossa integração na vida diária do grupo a fim de obtermos conhecimento (s) da (s) realidade (s) e progressivamente sermos parte integrante do grupo com o qual iríamos trabalhar. Para validar esta prática, recorreremos à observação que acarreta algumas limitações para as quais temos que estar preparados, pois o facto de exercermos influência no grupo porque estamos integrados nele, poderá levar a um “choque” entre observador e observado. Apesar desta limitação, para a qual estamos prevenidos, é esta prática que consolida um trabalho mais participativo. Esta técnica permite recolher dados com a finalidade de abordar uma determinada realidade, permitindo ter “ um olhar activo sustentado por uma questão ou hipótese” (Laville & Dione, 1999:176). A observação pode ainda definir-se pelo modo de realização (directa ou indirecta), quanto à postura (participante ou não participante), quanto à duração (curta, média, longa) e à focalização (focada e abrangente).

No nosso caso iremos reflectir sobre a observação directa participante. Esta implica a presença física do observador que assume uma postura participante onde estabelece uma relação estreita com os sujeitos. Consiste, como afirma Iturra (1986:149) no “envolvimento directo do investigador com o grupo social que estuda dentro dos parâmetros das próprias normas do grupo”. Não conhecendo a *cultura* do grupo, o nosso papel consistiu em *entrar* nas práticas e vivências daquele grupo – “ver a partir de dentro” - trata-se de compreender, por exemplo, de forma genérica os seus trajectos de vida, as relações que estabelecem e as práticas do quotidiano – alimentação, higiene, ocupação de tempos livres. Portanto, a observação directa participante possibilitou-nos tomar parte da vida social e cultural do grupo e da própria organização enquanto meio onde o grupo se movimenta. Esta prática ajuda-nos a entender em profundidade aquele (s) ambiente (s), hipótese (s) que a metodologia quantitativa isolada não permite fazer.

Para apoiar esta prática, recorreremos à técnica denominada de diário de campo. Inicialmente, durante as duas primeiras semanas, esta técnica serviu para detectar algumas dinâmicas institucionais. Mais tarde, surgiu como suporte para descrever o desenvolvimento das actividades do *ateliê dos sentidos*. Esta acção teve como objectivos, compreender os modos de actuação em grupo, a capacidade de abstracção lógica e a rapidez psicomotora, assim como, a satisfação ao integrarem este tipo de actividade. Por isso, a importância da realização de um diário de campo, onde o próprio/a investigador/a possa retirar um conjunto de conclusões do seu próprio trabalho.

Outra das técnicas de intervenção passou pelo inquérito por questionário – semiestruturado. Esta foi uma técnica de dupla aplicação: de facilitação do diagnóstico da realidade social objecto de intervenção e de *feedback* e avaliação do projecto. Assim, esta técnica foi utilizada na análise de necessidades/interesses e na avaliação das actividades desenvolvidas ao longo do estágio. Para a aplicação desta técnica empregamos uma linguagem acessível e interpretamos cuidadosamente as questões do inquérito para a compreensão por parte dos elementos do grupo das tarefas a realizar. Esta técnica “consiste em colocar a um conjunto de inquiridos (...) uma série de perguntas relativas à sua situação social, profissional, ou familiar, às suas opiniões, (...) às suas expectativas (...) ou ainda sobre outro ponto que interesse os investigadores” (Quivy & Campenhoudt, 2005:188), sendo de realçar que uma das suas limitações está na falta de profundidade das questões “que não permitem a análise de certos processos” (idem:189).

Para o desenvolvimento do projecto foi essencial o recurso à técnica de pesquisa/leituras bibliográficas e, posterior análise documental da bibliografias seleccionadas. Deste modo, cumprimos várias fases (Torres, 2006): *Definimos os documentos*, isto é, leituras relacionadas com a instituição em causa,

com a problemática de estágio e bibliografia necessário para a sustentação da intervenção; *Localizamos os documentos*, trata-se de procurar fontes/locais de informação, como na biblioteca da universidade e do local de residência, trabalhos e bibliografias adquiridas ao longo do percurso académico, com apoio do computador e acesso à internet; *Seleccionamos os documentos*, ou seja, depois de adquirir os documentos, importa analisar o seu âmbito e a sua pertinência para o contexto em causa; e *analisamos criticamente os documentos*, aqui pretende-se adquirir um conjunto de conhecimentos importantes para o cruzamento de dados e discussão de resultados. Estas técnicas representam fontes de informação sistematizada sobre temas importantes para o/a investigador/a e constituem-se “fontes estáveis, de fácil e imediata consulta, e o seu procedimento de análise não provoca alterações no ambiente e nas relações sociais dos sujeitos em estudo” (Fernandes, 2005:146).

No trabalho de estágio recorreremos também à entrevista. Segundo Bodgan & Biklen (1994:134), a entrevista “consiste numa conversa intencional, geralmente entre duas pessoas (...) dirigida por uma das pessoas, com o objectivo de obter informações sobre a outra”. A “entrevista é utilizada para recolher dados descritivos na linguagem do próprio sujeito, permitindo ao investigador desenvolver intuitivamente uma ideia sobre a maneira como os sujeitos interpretam aspectos do mundo” (Bodgan & Biklen 1994:194). Esta foi outra das técnicas documentais utilizadas por nós para o momento da avaliação final do projecto de estágio. Recorrendo a questões abertas, ultrapassamos o fechamento inicial de algumas questões, mas escolhemo-las pelo facto sobretudo de, ao permitir formular questões abertas, oferecer “ao entrevistador uma amplitude de temas considerável, que lhe permite levantar uma série de tópicos e oferecer ao sujeito a oportunidade de moldar o seu conteúdo” (idem). Assim, foram realizadas entrevistas a alguns utentes autónomos/as que participaram activamente no projecto, num período de duas semanas, com o recurso a gravador. A acrescentar, foi realizada uma entrevista à directora com perguntas direccionadas para avaliação do impacto da nossa actuação. Aqui foi-lhe entregue o guião com antecedência para uma maior consistência das respostas e preparação para a entrevista.

Como forma de apoiar as técnicas seleccionadas, recorreremos à análise de conteúdo que é uma técnica de tratamento de dados recolhidos na investigação e/ou intervenção. Na visão de Berelson (1952) serve para a “descrição objectiva, sistemática e qualitativa do conteúdo manifesto da comunicação” (Vala, 1986 IV – 103), tendo como finalidade a interpretação desses dados, sendo uma das técnicas “mais comuns na investigação empírica” (Vala, 1986: 101). Mais concretamente trata-se de uma técnica para o tratamento de dados recolhidos. Para ajudar ao nosso trabalho suportamo-nos de um

conjunto de orientações cedidas por Vala (1986:108) para a realização de análise de conteúdo: Com que frequência ocorrem determinados objectos (o que acontece e o que é importante); Quais as características ou atributos que são associados aos diferentes objectos (o que é avaliado e como); Qual a associação ou dissociação entre objectos (a estrutura de relações entre os objectos). Todavia, estas são questões que orientam uma etapa do trabalho de investigação pois, existem procedimentos para o desenvolvimento deste método: (Adaptado de Vala, 1986:109)

- Delineação de objectivos: Porquê da escolha e referencial teórico;
- Estrutura de *corpus*;
- Categorização;
- Análise.

Alguns autores defendem que este não é um procedimento fácil e recorre à construção *ad hoc* de dinâmicas de análise e ao recurso a referências teóricas que permitam desenvolver uma análise do *corpus*. Trata-se, fundamentalmente, de desmontar um discurso e construir outro numa perspectiva de edificar conhecimentos sobre a realidade.

As conversas informais não ficaram alheias ao processo metodológico. É um instrumento importante para a nossa prática profissional e resulta de uma escuta activa de todos/as intervenientes. Este instrumento permitiu saber dinâmicas institucionais, interesses/necessidades do grupo, actividades desenvolvidas, recursos humanos e materiais e características dos elementos do público-alvo através da acompanhante de estágio.

Para terminar este ponto será importante mencionar o instrumento que criamos para apoiar a metodologia de projecto: grelhas de presença das actividades diárias. Estas têm alguns objectivos como: Reunir informação sobre a frequência das actividades nos diferentes ateliês; Suporte para avaliação contínua e final; e criação de um historial de participação do plano de actividades socioculturais e de educação não-formal.

Para dar continuidade ao processo de integração recorreremos a algumas técnicas usadas na intervenção sociocultural (ver quadro 9.2. Vallicrosa in Trilla, 2004:174), nomeadamente, às *técnicas que facilitam a programação da acção*, mais concretamente, às *técnicas de elaboração de estratégias de intervenção e concretização das mesmas em acções simples*. Estas consistiram na elaboração de um conjunto de actividades a realizar na instituição com os/as utentes, subjugadas à temática da época do Natal e incluiu trabalhos manuais, visualização de um filme, festa de natal, entre outros.

Além das técnicas, acima mencionadas, ao longo do projecto, com a definição e a realização de diversas actividades inscritas em diferentes áreas, estabeleceu-se um conjunto de métodos e técnicas

sociais, pedagógicas e artísticas. Para definirmos as técnicas utilizadas, apoiamo-nos nos referenciais de Ander-Egg (2002) que nos dá a conhecer, as seguintes quatro principais técnicas que podem ser combinadas ou aplicadas de forma singular: as *técnicas de grupo*; as *técnicas de informação e comunicação*; as *técnicas para o desenvolvimento de actividades artísticas* e as *técnicas para o fomento de actividades de carácter lúdico*. Dentro destas áreas, iremos focar as técnicas utilizadas por nós ao longo da intervenção.

O recurso às *técnicas de grupo* fizeram todo o sentido na medida em que nos ajudaram a conhecer, a edificar, a estabelecer e a mediar o grupo com o qual desenvolvemos o trabalho de intervenção. Assim sendo, neste grupo de técnicas, recorremos às *técnicas de iniciação*, enquanto instrumentos de iniciação de trabalho em grupo, de desenvolvimento do conhecimento mútuo e de promoção da integração das pessoas envolvidas; às *técnicas de coesão*, as quais podemos denominar de dinâmicas de grupo que empregamos várias vezes como forma de quebrar algumas barreiras iniciais das actividades, a fim de cumprir os seus objectivos estabelecidos; e às *técnicas de produção grupal* que serviram para o grupo cumprir uma tarefa específica num clima favorável ao seu bem-estar.

Partindo para as *técnicas de informação e comunicação*, podemos referir que ao longo do projecto foram aplicadas as três vertentes que caracterizam esta área: as *técnicas de comunicação oral*, as quais pretendiam que o grupo expusesse e comunicasse sobre um determinado assunto, adquirindo informação sobre determinados temas; as *exposições* em que o grupo tomou conhecimento de um produto exposto, como por exemplo, uma amostra de um produto regional; e as *técnicas de comunicação social*, usadas através da escrita, da oralidade e de material audiovisual. Deste grupo, estas últimas, foram as técnicas mais utilizadas, tendo em conta as particularidades do público-alvo e a sua ampla aplicabilidade em diferentes áreas de actividades, como as actividades sociais, as formativas, as de expressão cultural e as de dinâmica ocupacional.

O terceiro grupo refere-se às *técnicas artísticas* que no nosso entendimento agregam uma vasta área de técnicas tendo em conta as actividades definidas, na medida em que incluem os trabalhos manuais, as acções de expressão dramática, a música e dança, os espectáculos, os concursos, entre outros.

Por último, temos as *técnicas para actividades lúdicas* que incluem, da mesma forma que a área anterior, vários procedimentos dependendo da actividade definida. De qualquer modo, Ander-Egg (2002) afirma que, apesar da grande variedade, estas técnicas procuram desenvolver três condições:

- As formativas que incidem no desenvolvimento da pessoa;
- As participativas que apostam na iniciativa, na pessoa e no grupo;

- As festas que procuram, pelas dinâmicas que lhes estão associadas, a alegria e a satisfação das pessoas envolvidas.

3.1.3. Avaliação da intervenção

Para a concretização deste parâmetro do projecto estabeleceu-se uma avaliação segundo a temporalidade, ou seja, recorreremos à avaliação inicial/diagnóstica, à avaliação contínua ou de acompanhamento e à avaliação final ou de resultados de carácter qualitativo e quantitativo.

A *avaliação inicial* surge por diversos autores com diferentes denominações contudo, caracteriza-se pela análise da realidade realizada antes da intervenção. Pretende nas palavras de Guerra (2002:95) “proporcionar elementos que permitam decidir se o projecto deve ou não ser implementado”. Nesta fase, utilizamos o inquérito por questionário, a observação, as conversas informais, a pesquisa e leituras bibliográficas e análise documental.

Por outro lado, a *avaliação do processo* define, igualmente pela diversidade de definições, mas “é orientada para a tomada de decisões (...) supõe observar, atentamente, cada uma das acções ou actividades planificadas” (Martínez in Trilla, 2004:200-201). Nesta fase, realizou-se quatro aplicações (quatro momentos distintos) de um inquérito por questionário e fez-se a observação directa participante – *grelha de ateliê dos sentidos*. Tratou-se, de proceder “adequadamente ao seguimento contínuo do programa, estabelecendo bem uma série de controlos, estratégica, distribuindo-os, temporalmente, ao longo do desenvolvimento” (idem:201).

Para finalizar, a *avaliação final ou dos resultados* passa pela avaliação da relação entre os objectivos cumpridos e os definidos na planificação. A avaliação final “aplica-se apenas uma vez terminado o programa e, como nas anteriores, serve para tomar decisões acerca da continuidade, finalização ou modificação do programa” (idem). Nesta fase, recorreu-se à técnica da entrevista e análise de conteúdo.

3.2. Identificação dos recursos mobilizados e das limitações do processo

No projecto de intervenção foi necessário mobilizar um conjunto de recursos para o desenvolvimento das diferentes actividades. Segundo Chiavenato os recursos são “ (...) meios que as organizações possuem para realizar suas tarefas e atingir seus objectivos” (2004:110). Esses recursos podem ser físicos, materiais, humanos e administrativos, contudo nesta secção considera-se os recursos físicos e materiais. Os recursos humanos centrais do projecto ficam-se pela técnica superior de educação e o

grupo de idosos/as, havendo outros núcleos que envolviam outros grupos e pessoas, como a direcção, os recursos humanos do infantário e centro de acolhimento do instituição de estágio, grupo de jovens, recursos humanos de iniciativas de instituições exteriores.

Quanto aos recursos materiais, esses variam consoante as actividades e áreas de actuação, e alguns repetem-se, contudo para constar neste trabalho os recursos materiais, no capítulo IV ponto 4.2.1. e 4.2.2 mencionamos os recursos principais dos ateliês/programas desenvolvidos por nós. Todavia, na fase de diagnóstico foi essencial fazer um levantamento de recursos existentes na instituição para a viabilização do projecto. Tendo em conta que a instituição é uma IPSS, os recursos económicos – materiais - não são abundantes e apesar da existência de espaços físicos proveitosos, a maioria do material para a realização das mais diversas actividades, principalmente na área de expressões artísticas, dependeu do nosso empenhamento para conseguir apoios para a concretização das actividades e consequentemente satisfação das necessidades e aspirações de todos/as os/as envolvidos/as. Esta situação conduziu a uma maior mobilização da nossa parte e envolvimento de alguns grupos exteriores à instituição, quer pessoas singulares, quer colectividades. De facto, esse apoio revelou-se de elevada importância: empresas que nos apoiaram, pessoas que nos cederam material diverso (roupa, material audiovisual) e auxiliaram com as suas habilidades (confecção de roupas). Por outro lado, houve empresas que não puderam dar apoio – até porque muitas já apoiam outras iniciativas e instituições – o que conduziu a uma procura de informação para o desenvolvimento de actividades de baixo custo, o que de forma positiva conduziu à exploração da nossa criatividade.

É, de sublinhar, também que nos foi colocada uma liberdade de acção que no início nos constrangeu dado à in experiência no terreno. Mas após o estágio, esta atitude por parte da direcção da instituição foi uma mais-valia para o desenvolvimento do perfil profissional.

Por outra via, o que se tornou num acto complexo foi a inexistência de actividades contínuas de um programa de animação sociocultural e de intervenção comunitária, que nos conduziu a um maior investimento no trabalho de sensibilização e dedicação ao grupo na medida em que se encontrou um grupo fragmentado e um pouco resistente a estas iniciativas.

Por outro lado, podemos enumerar outras limitações do projecto *Recolorindo Vidas*:

- Espaço para o desenvolvimento das actividades: O facto de as actividades se desenvolverem no mesmo local - a sala de convívio - onde se encontravam a maioria dos utentes dependentes e que não participam, trouxe alguns momentos constrangedores para o cumprimento dos objectivos das actividades a implementar. Acrescenta-se que algumas vezes, o público-alvo referiu que não se sentia

confortável no espaço físico. Por algumas vezes, com a devida autorização, deslocamos alguns utentes dependentes para outros espaços existentes na instituição.

- Local do ateliê de informática: Esta actividade desenvolve-se numa sala apelidada de capela, onde alguns idosos/as realizam as actividades espirituais, todos os dias às 18.30h, o que conduziu por parte de alguns utentes (que não participam) estranheza e manifestação de contestação. Teve que fazer-se uma sensibilização para a importância de partilha de espaços, demonstrar que o espaço em causa era respeitado e que a decisão partiu de superiores. Na mesma área, outras das limitações foi a impossibilidade dos/as utentes terem acesso à internet nos computadores. De qualquer forma, procedeu-se à estruturação do plano de actividades que correu na normalidade.

- Salão multiusos: Apesar da mais-valia que este salão de festa possui, sublinha-se a ausência de rampas de acesso ao palco que permitiriam maior facilidade para deslocamento dos/as idosos/as com dificuldades motoras.

Apesar das limitações, inerentes aos projectos, estas fazem parte de um processo contínuo de aprendizagem e foram ultrapassados pelos responsáveis. Por sua vez, a mobilização dos recursos constituem-se elementos dos planos de acção “com objectivo de melhorar a qualidade de vida dos idosos institucionalizados” (Jacob, 2007:36).

CAPITULO IV

APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DO PROCESSO DE INTERVENÇÃO

4.1. Introdução

Este capítulo vem dar continuidade à explicitação do processo de intervenção, referenciado em capítulos anteriores.

Inicia-se este capítulo com a realização de um roteiro sobre o trabalho inicial até ao momento de aplicação de um programa contínuo de acção. Desta maneira, esclarece-se alguns pontos não explorados anteriormente e relevantes para a compreensão deste projecto.

De seguida, encontram-se as actividades de sensibilização e as de implementação. Estas últimas são exploradas por áreas, referenciando os seus objectivos, acções concretas e discute-se os dados da avaliação contínua relativos a cada área, evidenciando os resultados obtidos. De seguida, proceder-se-á à evidenciação dos instrumentos utilizados na avaliação final e os conhecimentos e resultados obtidos. Para finalizar, abre-se a discussão fazendo uma ligação com os referenciais teóricos mobilizados.

4.2. Explicação do trabalho de intervenção

4.2.1 Fase de sensibilização para a participação nas actividades

O processo de sensibilização consiste na definição de um conjunto de tarefas para o impulso inicial na intervenção, a fim de criar um clima capaz de despertar o interesse do grupo para a participação nas actividades. Ander-Egg (2002) elucida os profissionais que as actividades desta fase devem estabelecer uma ponte com as situações reais pelas quais as pessoas envolvidas estão a passar, tendo em conta os interesses espontâneos, as aspirações, as necessidades e os problemas. Desconhecer esta realidade impossibilita a definição de estratégias de intervenção e de animação. A sensibilização passa pela motivação e, por isso, para esta fase foram escolhidas actividades abrangendo diferentes grupos: área de dinâmica ocupacional, áreas de actividades sociais e de convívio, área de desenvolvimento físico-psíquico e área de actividade formativas e de expressão cultural, desenvolvendo-se actividades esporádicas destas áreas a fim de perceber a adesão, as dificuldades e o impacto no grupo. O desenvolvimento das actividades decorreram no período da manhã entre as 10.30h e às 12h e no período da tarde entre as 14h às 15.30h. Tal como referenciado anteriormente, estas centraram-se numa época específica: o natal (ver tabela 6).

TABELA 6	
Área e acções desenvolvidas	Recursos materiais
Actividades sociais e de convívio - Festa de Natal. Passagem de vídeo com filme sobre actividades idosos. Actuação dos idosos com danças e peça de teatro. Actuação de grupos convidados: Grupo dramático e recreativo com dança, teatro e fado. Grupo de hip hop. Entrega de prendas aos utentes e entrega de postais de natal, elaborados pelos/as idosos/as a funcionários/as e convidados. Lanche-convívio; - Decoração de Natal <i>“No conforto do nosso Lar”</i> com objectos feitos pelos/as utentes e outros já existentes. Enfeite das árvores de natal; - Ensaios com os/as idosos/as para a festa de natal; - Decoração do salão de festas para a festa de natal; - Elaboração de embrulhos de natal para colocação de prendas; Participação na festa de natal do CAT.	Salão de festas; Refeitório; Entre outros adereços relativos às actuações; Livros, ráfia, computador, cartolina; impressora; Sala de convívio, refeitório, corredores; hall de entrada; bar; Salão de festas e adereços; Papel de embrulho;
Dinâmicas ocupacionais - Elaboração enfeites de natal para decoração no lar: Estrelas, árvores, placas; Anjos; Pintura de desenhos alusivos à época; - Elaboração de postais de natal <i>“A surpresa”</i> com poemas e mensagens dos/as utentes e um <i>cartaz-convite</i> sobre a festa de natal; - Criação de um canteiro de <i>“Flores de Ano Novo”</i> . Contextualização através da lenda árabe <i>“As duas moedas”</i> ; - Ensaio (s) e realização de uma peça de teatro, apresentada na festa de natal; - Comemoração de Dia de Reis: elaboração de um livro em formato de bíblia com imagem do menino Jesus; Recordação de músicas das janeiras.	Cartolinas, tesoura, fios, papel colorido; algodão; marcadores, terra, pano branco, arame, jornal, caule de flores; colas;
Desenvolvimento físico-psíquico - Sessão de animação motora.	Bolas; CD; extensão, cadeiras, rádio.
Actividades formativas e de expressão cultural Visionamento de filmes: - <i>“O nascimento de Cristo”</i> legendas em português e português para surdos com opção áudio-descrição para cegos; - <i>“As actividades do lar”</i> - vídeo realizado pela estagiária de	Tela, cadeiras, colunas, projector, portátil, extensões.

várias actividades da época festiva do Natal;	
Criação do painel dos desejos de Ano Novo dos/as utentes;	

Esta acção programada foi assistida pela avaliação de algumas actividades o que permitiu avaliar a actividade em concreto, possibilitando calcular a relevância da actividade para o/a idoso/a. Acrescenta-se que estas actividades permitiram caracterizar o próprio grupo, as suas particularidades e, concluir, a sua larga heterogeneidade. Deste modo, estaríamos a consolidar o trabalho de terreno para intervir de forma mais contínua com um programa regular. Assim, realizamos dois inquéritos por questionário: O primeiro à festa de natal e o segundo às actividades posteriores à festa de natal. Estes foram lidos e explicados aos elementos do grupo, individualmente e assinalados por nós, consoante as respostas dos/as inquiridos/as.

Posto isto, importa evidenciar os resultados aferidos nos primeiros inquéritos por questionário realizados aos/às utentes que participaram nas actividades iniciais – Novembro e Dezembro – pois os dados aí consolidados foram importantes para a construção de um plano mais ajustado à realidade e as necessidades / características dos elementos do grupo.

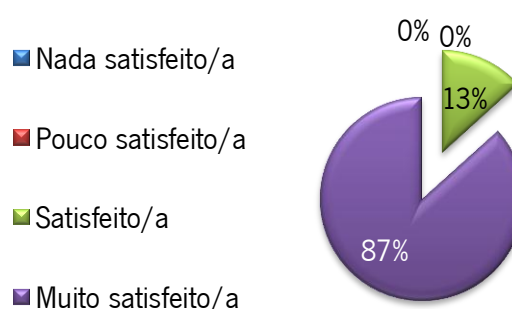
Ao inquérito relativo à festa de natal responderam 15 pessoas, das quais 12 são do sexo feminino e 3 do sexo masculino, quanto ao intervalo de idades situa-se entre os 70 e os 87 anos, havendo uma maior concentração entre os 76 e os 81

(ver anexo 4, ponto 1 e 2). A questão 3 de âmbito geral do inquérito (ver gráfico 10) visa saber o nível de satisfação em relação à festa, à qual 87% responderam estar *muito satisfeito/a* e 13% consideram-se *satisfeitos* , não havendo lugar para nenhuma resposta negativa.

Podemos classificar estas respostas positivas pelas sugestões que foram

dadas ao espaço para o efeito no final do inquérito (Ver anexo 4, ponto 3.6). O facto de ter variedade de actuações, quer dos mais novos, quer dos mais velhos, levou à satisfação geral desta festividade na instituição. Ao considerem que está *tudo bem* , exporem que *é sempre agradável que nos sejam mostrados vários espectáculos dos nossos jovens que nos dão sempre muita alegria* e ainda deixar agradecimentos e parabéns, justifica os resultados positivos desta iniciativa em que a finalidade de

Gráfico 10 - Nível de satisfação



promover o bem-estar não chega apenas aos/às participantes activos/as, mas também aqueles que gostam de ver estes espectáculos.

Quanto às actuações/acções distintas da festa, a questão relativa às actuações dos/as idosos/as nas danças e peça de teatro foi a que reuniu maior total de respostas positivas (ver anexo 4, ponto 3.3.). Contudo, as outras questões (ver anexo 4) que englobam a projecção do vídeo com fotografias dos utentes do lar (3.2.) e as actuações do grupo dramático e recreativo (3.5.) também estão ao mesmo nível da questão 3.3. na medida em que não se assinala respostas negativas.

Quanto à actuação do grupo de hip-hop (3.4) dos/as inquiridos/as, 10 responderam *sim* que gostaram, 1 deu resposta negativa – *não* - e 4 responderam que não viram. Similarmente, questionamos sobre as actuações que mais gostaram do grupo dramático e recreativo dado à diversidade de actuações o que também nos possibilitaria perceber algum foco dos seus interesses. Contudo, os 3 grupos de hipóteses (ponto 3.5.1.) – dança, teatro e fado – recolheram quase o mesmo número de respostas. Pois, 10 inquiridos que assistiram a todas as actuações, gostaram das danças e das actuações da fadista e 8 da apresentação de teatro. Não havendo, deste modo, um grupo de actividade que se destaque.

Reservamos lugar, também à avaliação das danças nas quais este grupo participou, actuação que por sua vez teve como responsável a professora das aulas de motricidade e que obteve a totalidade de respostas positivas (ver anexo 5, ponto 8). O inquérito era, igualmente direccionado para o grupo de idosos/as que participaram na peça de teatro (5 utentes), actividade da responsabilidade da técnica superior de educação. Assim, primeiramente, os/as idosos/as são questionados se cada um/a deles/as *gostou de participar na peça de teatro "A velhinha e os amigos"*, (ver anexo 5, ponto 4) à qual todos os elementos responderam afirmativamente, demonstrando interesse em participar novamente neste tipo de iniciativas (ver anexo 5, ponto 7). Para compreender a existência de alguns constrangimentos, foram questionados/as se consideraram os ensaios suficientes (anexo 5, ponto 5) e o nível a que estavam os cenários e respectivo guarda-roupa (anexo 5, ponto 6). Quanto à primeira questão, apenas um/a idoso/a mencionou que poderia ter havido mais ensaios, relativamente à segunda nivelaram as respostas entre o adequado – três respostas - e o muito adequado – duas respostas. A nível de sugestões (anexo 5, ponto 10), podemos sublinhar que o grupo referiu que a roupa da dança poderia ser outra, dado a que o grupo já actua com aquele vestuário há alguns anos e, por outro lado, referiram que gostaram das actuações que realizaram na festa.

Posto isto, podemos concluir que a festa de natal teve impacto positivo, sendo um dia diferente para todos/as que estiveram presentes e que *podia ser feito mais vezes* mas palavras de um/a utente.

Partindo, agora para a clarificação dos dados relativos ao segundo inquérito (ver exemplo anexo 6) que inclui algumas actividades realizadas, este foi aplicado ao grupo que participou em todas as actividades que estão incluídas no inquérito, apesar de haver mais participantes dispersos pelas diferentes actividades. Assim, temos um grupo de nove inquiridas do sexo feminino com idades compreendidas entre os 76 e os 87 anos, havendo uma maior incidência entre os 76 e os 81 anos (Ver anexo 7, ponto 1 e 2). As idosas foram inquiridas sobre cinco actividades concretas: Painei dos desejos de ano novo; Festa de natal de CAT; Filme “nascimento de cristo”; elaboração de flores em pano branco e comemoração do dia dos Reis. Deste modo, conseguimos obter a seguinte tabela 7:

TABELA 7					
3. Gostou de participar no Painei dos desejos de Ano Novo?	Não gostei	Gostei pouco	Gostei	Gostei muito	Não aplicável
	0	0	3	5	0
4. Gostou de participar na Festa de natal do CAT (Centro de Acolhimento Temporário)?	Não gostei	Gostei pouco	Gostei	Gostei muito	Não aplicável
	0	0	5	4	0
5. Gostou do filme do Atelier de Cinema: “O nascimento de Cristo”?	Não gostei	Gostei pouco	Gostei	Gostei muito	Não aplicável
	0	1	4	4	0
6. Gostou de elaborar flores em pano branco, símbolo de Ano Novo?	Não gostei	Gostei pouco	Gostei	Gostei muito	Não aplicável
	0	0	6	3	0
7. Gostou de participar na actividade do Dia de Reis?	Não gostei	Gostei pouco	Gostei	Gostei muito	Não aplicável
	0	0	7	2	0

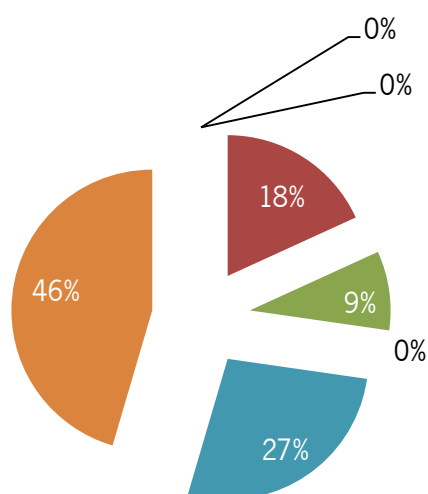
De forma geral pela análise da tabela 7, as actividades obtiveram respostas positivas pois apenas se detecta uma resposta menos positiva – *gostei pouco* – dirigida ao filme projectado. Nesta resposta, a idosa referiu que não ter gostado da actriz escolhida para a personagem de Maria, pois não correspondia à imagem que tinha de Maria. Quanto a esta questão as respostas estão equilibradas entre o *gostei* e *gostei muito*. A actividade que obteve mais respostas na hipótese *gostei muito* foi o painei de desejos de ano novo, aqui pretendia-se que os/as idosos/as numa sessão expusessem os seus desejos para o ano seguinte, nesta actividade foi colocada à disposição de todos/as a criação de outros desejos fora da sessão. Por sua vez, a actividade que obteve menos respostas à hipótese *gostei muito* – apenas duas respostas contra sete do *gostei* - foi a comemoração do dia dos Reis, todavia não obteve respostas negativas. A seguir e na mesma linha de pensamento, temos a actividade da criação

das flores em pano branco com seis respostas à hipótese do *gostei*, consecutiva da festa de natal do CAT com cinco respostas na mesma hipótese.

Para terminar, colocamos a questão sobre a preferência das actividades realizadas incluindo as hipóteses de gostar de todas as actividades que participou e por procedimentos metodológicos colocamos a hipótese de não ter gostado de participar nas actividades. Assim, obtivemos o seguinte gráfico 11:

- Paineis dos desejos de Ano Novo
- Festa de Natal do CAT (Centro de Acolhimento Temporário)
- Elaboração de flores de pano, símbolo de Ano Novo
- Comemoração do Dia de Reis
- Filme “Nascimento de Cristo”
- Gostei de todas as actividades que participei
- Não gostei das actividades que participei

Gráfico 11 - Preferências



Podemos verificar, no gráfico 11 que a 46% não menciona nenhuma actividade específica e prefere referir o interesse pela globalidade das actividades. Mas também, houve idosas que conseguem destacar actividades em relação às outras. Assim, temos respostas às hipóteses das actividades da visualização do filme (27%), da participação na festa de natal do CAT (18%) e elaboração de flores (9%), não havendo resposta a outras hipóteses.

Com estes dados tornou-se possível a elaboração de um plano de intervenção contínuo.

4.2.2. Actividades da fase de implementação

Segundo Espinoza (cit. Serrano, 2008: 51) “a actividade é um conjunto de operações ou tarefas próprias de uma pessoa ou instituição. Dentro da programação refere-se mais especificamente a uma unidade de trabalho que despende tempo na sua realização”. E é, neste âmbito que se elabora a programação mensal de várias actividades a desenvolver em contexto de estágio que podem classificar-se em várias categorias que são as seguintes: actividades sociais e de convívio, de dinâmica

ocupacional, de formação e expressão cultural, de desenvolvimento físico-psíquico. Estas incluem, por sua vez, uma diversidade de procedimentos e actividades.

Deste modo, adoptou-se a prática da elaboração de um quadro mensal de actividades (Anexo 13, ver exemplo), a partir de Janeiro, que ao longo do estágio foi entregue à direcção e afixado num placard para que todos/as pudessem visualizar. Nas actividades procurou-se promover a qualidade de vida do público-alvo através de actividades enquanto favorecimento das competências mentais, físicas e afectivas de cada um. Trata-se de acções para facilitar o acesso a uma vida mais activa, à melhoria da comunicação com os outros, para uma melhor participação na vida da comunidade, principalmente, de idosos/as institucionalizados/as. Importa referir que ao longo da intervenção foram implementadas actividades não programadas que foram surgindo por iniciativas de entidades exteriores e que por vezes requeria a nossa participação activa e do grupo de idosos/as. Há lugar, também para actividades que se desenvolvem todos os anos que envolve outras instituições, como é o caso da festa de São João noutra lar em que se promove o encontro interinstitucional.

De seguida, propomo-nos a apresentar as áreas de actividade que integram o projecto, referindo o número de participantes por ateliê/programa, números validados pelos inquéritos por questionário e grelhas de presença, o seu âmbito e a avaliação feita pelo grupo das respectivas áreas e actividades. Importa realçar que neste projecto, as áreas não estão desagregadas, pelo contrário interligam-se, partilhando objectivos, transversais a todas as acções.

4.2.2.1 Área de actividades sociais e de convívio

As actividades sociais e de convívio têm como objectivos: Estimular a comunicação, a convivência e as relações interpessoais; favorecer o bem-estar e a satisfação pessoal; e promover a aproximação de diferentes gerações. Deste modo, integrando estes objectivos, esta área engloba as seguintes dimensões: a intergeracionalidade, a animação social e as festividades/comemorações.

a) Intergeracionalidade

TABELA 8		
Acções desenvolvidas		Recurso (s):
Intergeracionalidade	<ul style="list-style-type: none"> - Visita de idosos/as a 4 escolas do pré-escolar e 1º ciclo do ensino básico do concelho para comemorar os 50 anos dos direitos das crianças (Convite da CPCJ). Data: 25/26/29 de Novembro; - Visita uma turma de 5º ano da escola básica. Área de projecto: A poesia; - Preparação do Carnaval com as crianças do infantário: Construção de instrumentos musicais recicláveis e ensaio de uma música de Carnaval (3 sessões – Ver Anexo) - Passeio com as crianças do Infantário festejando o Carnaval; - Comemoração do Dia da Juventude – Dia 28 de Março com turma de 10º ano da Escola Secundária através de jogos tradicionais; - Jogos populares com turma do 12º ano no âmbito da área de projecto: “3ª idade e a solidão”. - Dia Mundial da Criança - Entrega de recordação às crianças; 	Demonstração de jogos tradicionais e histórias. (ex.: peão, cabra-cega, macaca, etc.); Sala de Convívio; Jogos; Salas do Infantário; Cesta com lembrança;

As actividades de índole intergeracional (ver tabela 8) tiveram carácter complementar e esporádico no projecto mas devidamente programadas. As actividades neste sector foram promovidas pela técnica superior de educação – como exemplo, a preparação do carnaval, a respectiva festa de carnaval e o dia mundial da criança – ou por entidades exteriores à instituição – como a CPCJ e escolas locais. Estas actividades foram desenvolvidas ao longo da intervenção e em momentos diferentes – Novembro, Fevereiro, Março, Abril e Junho – para não trazer inconvenientes resultantes de práticas desadequadas no encontro entre gerações, havendo uma maior incidência de actividades na primeira fase. Quanto ao número total de utentes envolvidos no primeiro trimestre de actividades é de 18 pessoas, dezasseis do sexo feminino e duas do sexo masculino. Sublinha-se que algumas actividades como a festa de Carnaval levou a um maior número de idosos/as envolvidos/as com as crianças, contudo só validamos o grupo que participou activamente nas acções e que consequentemente respondem aos inquéritos por questionário. Relativamente ao número de pessoas que participou nas actividades no 2º trimestre é de 12 pessoas, dez do sexo feminino e duas do sexo masculino.

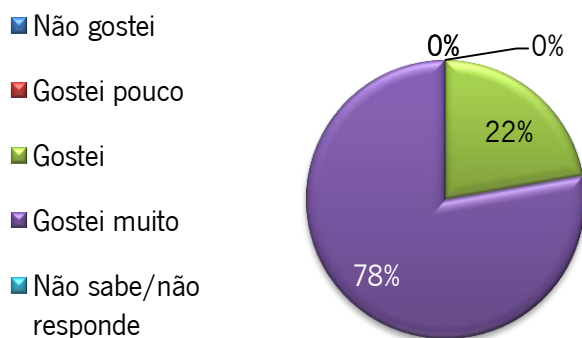
Estas acções envolvem várias gerações e assentam no pressuposto de interesse de todos os/as envolvidos/as na medida em que «os programas *intergeracionais* são veículos de partilha e desenvolvimento de aprendizagens geracionais entre idosos e jovens, a fim de alcançar benefícios individuais e sociais» (citado por Sánchez Martínez, M. y Díaz Conde, 2005- 393).¹

Nesta área podemos compreender o impacto que o estabelecimento de relações com outros grupos sociais e culturais tem na terceira idade e, conseqüentemente, no seu bem-estar. Trata-se de um programa de educação, envolvido num processo comunitário na medida em que os seres humanos aprendem na relação e na comunicação com os outros. Nestes espaços criados, os/as idosos/as puderam explorar as suas potencialidades com base na sua experiência de vida, assim como redefinir o seu papel social. Defende-se que as sociedades devem desenvolver trajectos, contribuindo para a integração social e cultural dos/as idosos/as, sendo este um dos desafios colocados às sociedades que enfrentam o envelhecimento demográfico. Igualmente, não ignoramos o impacto que estas acções têm nos grupos (crianças e jovens) que se envolvem com a terceira idade, pois estas acções desenvolvem o sentido de solidariedade e redefinem a imagem social dos grupos envolvidos, sobretudo, da juventude.

Dado a que as actividades foram desenvolvidas em momentos diferentes temos dados dos dois inquéritos constituintes da avaliação contínua, aplicados no final de Março e no final de Junho.

No primeiro inquérito realizado no 1º trimestre, 78% do grupo estava muito satisfeito, assinalando a hipótese *gostei muito*, enquanto os/as restantes, 22% tinham *gostado* de participar neste tipo de actividades (gráfico 12).

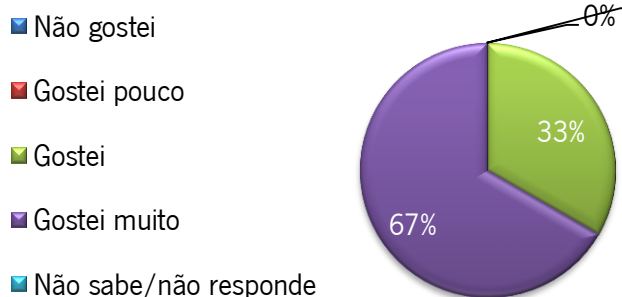
Gráfico 12 - Satisfação quanto às actividades intergeracionais



¹ Tradução nossa - "Los programas intergeracionales son vehículos para el intercambio determinado y continuado de recursos y aprendizaje entre las generaciones mayores y las más jóvenes con el fin de conseguir beneficios individuales y sociales" -

Quanto à avaliação realizada das actividades do segundo inquérito, recolhesse uma baixa na percentagem de utentes que assinalam a hipótese *gostei muito*, contudo esta continua em vantagem em relação à hipótese *gostei*, com 67% e 33%, respectivamente como se verifica pelo gráfico 13. Estes dados podem estar

Gráfico 13 - Satisfação quanto às actividades intergeracionais



relacionados com o facto de no 1º trimestre, como mencionado anteriormente, haver uma maior incidência de actividades e essas privilegiarem o maior interacção, como foi o caso da actividade do “Baú de histórias com música” (ver anexo 14) protagonizado com as crianças do infantário da mesma instituição que colmatou com a actuação conjunta. Para terminar, importa referir que em ambos os inquéritos, os/as inquiridos/as deram a sua opinião sobre o retorno de participação neste tipo de actividade (ver anexo 8 e 9, ponto 5.1. e 4.1) e no primeiro dezasseis – 16 - pessoas responderam que *sim* e duas que *talvez* no total das dezoito inquiridos/as, enquanto no segundo inquérito todos/as os/as inquiridos/as – no total de doze – assinalaram que voltariam a participar neste tipo de iniciativa.

b) Animação social e festas

TABELA 9		
Acções desenvolvidas		Recurso (s)
Festas	- Festa da Nossa Senhora da Conceição; 8 De Dezembro. Actuação de um grupo de coral;	Salão de festas; Refeitório;
	- Entrega de uma flor de papel ao grupo de voluntárias pelos/as utentes no dia internacional do voluntário;	Lanche-convívio; Flor;
	- Cantares das Janeiras pela Universidade Sénior;	Salão de festas;
	- Festa de Carnaval; (Ver guião, anexo 11)	Sala de convívio;
	- Festa de São João no Lar;	Refeitório;
		Lanche-convívio.

<p>Animação social</p> <ul style="list-style-type: none"> - Entrega de lembrança - postais - de aniversários aos/às utentes; - Decoração com os enfeites de carnaval feitos pelos/as idosos/as do salão de festas; - Visita a um lar de Castelo de Paiva: Celebração da missa e tertúlia sobre a mulher; Entrega de lembrança feita pelos/as idosos/as; - Criação de uma exposição com trabalhos manuais dos utentes sobre a Páscoa; - Actuações do Rancho folclórico infanto-juvenil. Lanche-convívio. Oferta de flores feitas pelas/os idosas/os; - Visita ao Fórum Cultural – Mês do Coração: Palestra, actuação dos/as idosos/as do lar e rastreios gratuitos; - Comemoração dos 10 anos do Fórum Cultural; - Ensaio (s) das marchas populares para festa interinstitucional e no lar; - Visita a um Lar Santo Tirso – Comemoração do São João; - Ida à praia. 	<p>Salão de festas e adereços; CD e Rádio; mesas, toalhas, trabalhos; Sala de convívio, refeitório; Exterior; Roupa das marchas; Arcos; Bolas; Jogos; Cadeiras e outros;</p>
--	--

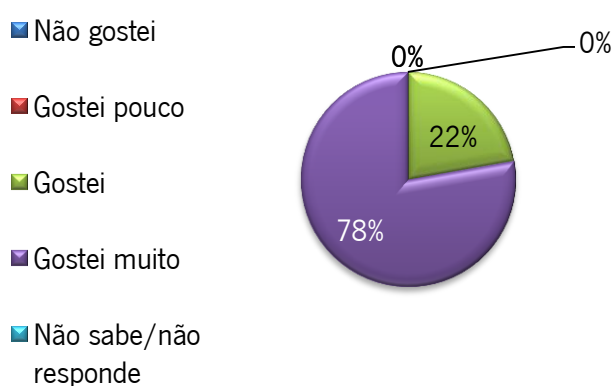
No âmbito desta área temos as actividades inseridas no sector das *festas e animação social*. Estas actividades proporcionam o sair da rotina e o maior contacto com outros grupos da sociedade, quebrando o isolamento e favorecendo a convivência. Segundo Ander-Egg (2002) existem três domínios estimulados por esta área de actividades: criar lugares e ocasiões de encontro; constituir o ponto de partida para um incentivo adicional para realizar as actividades; e criar espaços e lugares para a participação cidadã. Pretende-se proporcionar, igualmente, momentos de alegria, de diversão e a desinibição, como formas de fortalecer o seu *eu* e a sua posição no seio do grupo.

Dado à avaliação positiva, da festa de natal percebemos que esporadicamente seria pertinente proporcionar momentos diferentes do habitual: as festas. Estas seriam positivas, principalmente quando associadas a comemorações nacionais ou regionais que resultaram em actuações de grupos da comunidade em geral e actuações do grupo de idosos/as no lar. Algumas vezes, essas festas realizavam-se em conjunto com outras valências da instituição, como foi o caso da festa de Carnaval (ver anexo 11), beneficiando da polivalência do salão multiusos que a instituição tem desde o ano de 2009.

A animação social está alicerçada, como vimos com as festas e momentos significativos da vida da instituição, podendo este tipo de animação acontecer na instituição ou fora dela, como por exemplo a exposição com trabalhos manuais dos/as utentes sobre a Páscoa e a visita a um lar de Santo Tirso para a comemoração do São João (ver tabela 9). Salienta-se, ainda que que faz parte da animação social, entrega de uma lembrança a todos/as os/as utentes aniversariantes, que consistiram num pequeno coração ou postal com uma mensagem e relembando aqueles que não sabem ler, oferecemos uma flor, feita no ateliê de expressão plástica. Este tipo de actividades acaba por implicar a participação do/a idoso/a no seio da comunidade, principalmente enquanto sujeito válido e útil, com o direito a uma vida social mais activa. Deste modo, as acções mais consideráveis foram alvo de avaliação por parte do grupo.

No primeiro inquérito, o grupo teve que expressar-se sobre a festa de carnaval em que participou e, a maioria fê-lo assinalando a hipótese *gostei muito* que reuniu 78% das respostas e os restantes 22% correspondem à hipótese *gostei*, (Gráfico 14) podendo-se concluir que a festa de carnaval obteve uma avaliação positiva de todos/as.

Gráfico 14 - Avaliação à festa de Carnaval.



Já na segunda avaliação realizada houve três actividades alvo de avaliação: As visitas do rancho folclórico infanto-juvenil, a iniciativa do *mês do coração* com a visita ao fórum cultural de Ermesinde e a preparação e festejo dos santos populares.

Quanto à visita do rancho folclórico realizou-se pela 1ª vez no mês de Abril, no dia 29 – dia em que se comemora o dia Mundial da Dança e o dia da cooperação e solidariedade entre gerações - seguida da visita do mês de Maio. Salienta-se que dado às visitas decorrem durante a semana, a maioria do grupo infanto-juvenil não pôde estar presente mas contamos com cerca de 10 elementos mais velhos que estiveram a animar as tardes dos/as idosos/as. Este tipo de acções acaba por abranger mais do que o público-alvo do projecto, chega a familiares e amigos que nos dias referidos, visitavam os/as utentes do lar e, incentivaram os/as idosos/as a assistirem. Outros idosos/as acabaram também por assistir, pois é um tipo de actividade que não envolve a sua exposição perante os outros, mas a participação relaciona-se sobretudo com as características e interesses de cada um, que seleccionam as actividades nas quais querem participar e assistir. Posto isto, nas visitas do grupo à instituição, estiveram cerca de

vinte e oito pessoas do público-alvo a assistir dos quais vinte e cinco responderam ao inquérito. Recorde-se a existência de pessoas com demência grave que não responderam aos inquéritos, mas nesta actividade em concreto foram incentivados a assistir. Frisa-se que, nesta actividade, uma utente com Alzheimer dado à *tradicionalidade* das músicas, cantou e dançou com outros participantes o que nos motivou a continuar o nosso trabalho com este grupo.

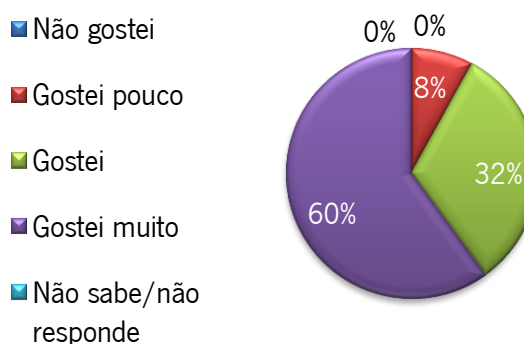
Reflectindo agora sobre os dados dos inquéritos, estes revelam que mais de metade, dos/as inquiridos/as gostaram muito da visita e actuação do rancho, 60 % seguido de 32% que aponta ter gostado e 8% que assinala ter gostado pouco, como se verifica no gráfico 15.

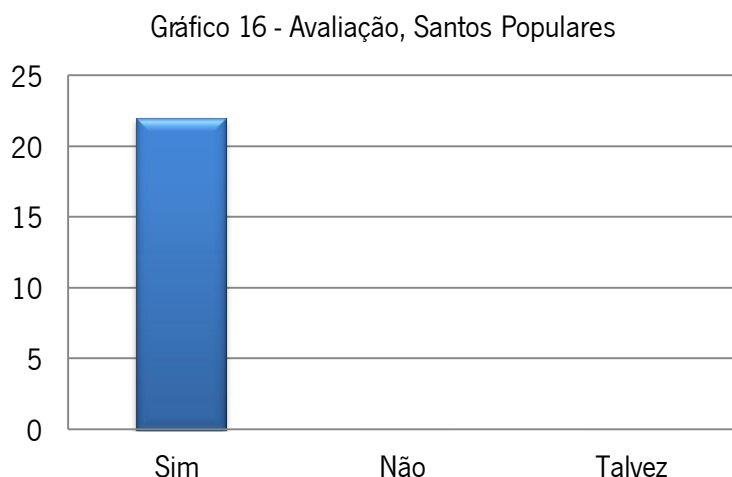
Relativamente à actividade “mês de Maio – mês do coração”, iniciativa da Câmara Municipal e do Hospital da cidade, os/as

idosos/as foram convidados/as a assistir à palestra, a realizarem com a ajuda de técnicos especializados vários rastreios e efectuarem o esclarecimento de informações. Por outro lado, foi-nos proposto a nossa participação numa acção de sensibilização dos cuidados a ter com o coração e, deste modo, a participação numa pequena peça de teatro intitulado de “o coração feliz”. Neste sentido, foram seleccionados/as idosos/as mais autónomos/as e assíduos às sessões de animação motora e motricidade. Dado ao carácter que tem este tipo de iniciativa, decidimos colocá-la na área da expressão dramática. Mas esclarece-se que a pergunta “gostou de participar na iniciativa Mês de Maio, mês do coração” foi dirigida a todo o grupo que esteve presente. Deste modo, no total deslocaram-se ao fórum, dez utentes do público-alvo dos quais cinco apresentaram a encenação e todos foram unânimes quanto à apreciação positiva da actividade.

Partindo para a última actividade avaliada, ao grupo foi colocada a seguinte questão: *Gostou de preparar e/ou festejar os Santos populares?*; Esta questão englobava os ensaios, a apresentação da marchas populares, as decorações feitas pelo grupo para o efeito, a comemoração do S. João no lar e a deslocação que fizemos ao exterior para um convívio interinstitucional. Posto isto, obtivemos o gráfico 16, no qual verificamos que as vinte e duas pessoas inquiridas assinalaram a hipótese *sim*, demonstrando-se todos/as satisfeitos/as com as comemorações feitas nesse período.

Gráfico 15 - Avaliação à visita do Rancho Folclórico





4.2.2.2. Área de dinâmica ocupacional

Esta área tem como objectivos: Potenciar a imaginação e a capacidade criativa; estimular a inter-relação humana e integração social; e favorecer o desenvolvimento psicomotor e coordenação das diferentes partes do corpo. Esta área divide-se em três ateliês: ateliê de expressão plástica; ateliê dos sentidos e ateliê de expressão dramática.

a) Ateliê de expressão plástica

TABELA 10	
Ateliê de expressão plástica	
Acções desenvolvidas	Recurso (s)
- Preparação da decoração de Carnaval: Elaboração de mascarilhas e aplicações, de um palhaço em tamanho grande, palhaços decorados com papel crepe e grinaldas em elásticos; (3 sessões).	Cartolinas, tesoura, fios, papel colorido; marcadores, terra, pano
- Comemoração do dia da Mulher: Elaboração de flores com jornal e rolos de papel higiénico; Construção de um painel com poema e flores; Dinâmica do espelho; (2 sessões)	branco, arame, jornal, caule de flores; colas; portátil, tela, colunas;
- Construção de um painel de primavera com árvore de flores, calendário, relva, fotos de actividade dos utentes e outros adereços;	Tecidos, moldes, tesouras, agulhas, linhas, palitos de
- Comemoração do dia da árvore e da floresta: Elaboração de jardineiras em garrafas e plantação de plantas e sementes.	churrasco, pistola de cola quente; Lona; Papel

<ul style="list-style-type: none"> - Elaboração dos jogos do “Atiro ao alvo” e da “Lona”; - Preparação da Páscoa: <ol style="list-style-type: none"> 1. Pintura de caixas e garrafas – cestinhos de ovos - para a páscoa; 2. Elaboração de quadro em esferovite com a imagem de Cristo através da técnica de <i>patchwork</i> 3. Pintura de um cartaz de felicitações da Páscoa; 4. Criação de coelhos da páscoa com toalhas de banho; 5. Elaboração de coelhos em cartolina e feltro para as cestinhas da páscoa. - Elaboração de flores para o dia de mãe com cartão. - Comemoração do dia 15 De Maio - Dia Internacional da Família: Construção de textos sobre a família em papel cenário; Elaboração de potes com sais/flores secas para oferecer aos familiares; - Elaboração de moinho de vento para oferecer às crianças do infantil no dia Mundial da Criança; Preparação dos Santos populares: <ul style="list-style-type: none"> - Criação de manjericos em vasos com papel crepe; lanternas e de flores em plástico para as marchas; manjericos de cartão com papel crepe com quadras populares; - Realização de uma cascata de S. João; 	<p>higiênico; Sal; Areia; Tintas várias; Alfinetes; Rolhas; garrafas de plásticos; caixas; jornais; esferovite; toalhas de banho; fitas de cetim; cartões de felicitações; Copos de iogurte de vidro; produtos reciclados; papel crepe; Vasos de plástico; terra; sementes; imagens de santos; pedras; madeira;</p>
---	---

Ander-Egg (2002) afirma que estas actividades de expressão plástica constituem-se em acções pelas quais as pessoas se expressam, através da criação e manipulação de materiais, que permitem, por sua vez, responder às suas necessidades. Trata-se, sobretudo, de uma actividade de desenvolvimento pessoal e de sentido artístico.

Desta forma, neste ateliê são desenvolvidas actividades diversas no âmbito das expressões plásticas a fim de possibilitar que o/a idoso/a explore a sua dimensão artística, havendo uma estimulação motora e cognitiva. Este ateliê foi desenvolvido periodicamente como estabelecido no calendário, no horário entre as 14 e as 16 horas. As actividades fomentadas estão, maioritariamente, relacionadas com a preparação e comemoração de dias, como por exemplo, o Natal, o Carnaval, a Primavera, a Páscoa e os Santos populares (ver tabela 10). Aqui as actividades eram programadas atempadamente, utilizando técnicas fáceis e, várias vezes materiais recicláveis, enquanto forma de promover a preservação do

ambiente mas também a criatividade que a manipulação deste tipo de objectos proporciona. Consoante as actividades, essas eram divididas em tarefas conforme as particularidades de cada um, gostos e habilidades. A duração do ateliê por sessão era de duas horas normalmente, decorridas durante a tarde e o número de participantes totais está entre os dezasseis (1º inquérito) e dezoito participantes (2º inquérito), variando de sessão para sessão. Este tipo de programa chega a um número menor de utentes, talvez por receio de não conseguirem efectuar as tarefas, como algumas vezes expressaram no início das sessões, mas que concluíam que era bastante agradável efectuar as nossas propostas mas, também pode estar relacionada com o facto de não ser uma área de interesse. Frisa-se que aqueles que o integraram sentem-se confortáveis em exprimir-se através dos trabalhos manuais, menos com algumas dificuldades ligadas à idade, como é o caso da visão.

Partindo agora para a avaliação deste ateliê em ambos os inquéritos o grupo foi questionado sobre a sua posição quanto aos trabalhos manuais. No primeiro trimestre, 69% do grupo valida a hipótese *gostei muito* e 31%, hipótese *gostei*, (ver gráfico 17) enquanto no segundo inquérito (ver gráfico 18), há uma progressão na satisfação quanto a este ateliê, pois adquire um aumento de 9% de respostas à hipótese *gosto muito*, alcançando-se 78% de respostas e as restantes 22% assinaladas na hipótese *gostei*. Salienta-se que no 1º trimestre tivemos a presença total de 16 utentes e no 2º trimestre conseguimos mais dois elementos, obtenção o total de 18 participantes.

Gráfico 17 - Posição quanto aos trabalhos manuais de Janeiro a Março.

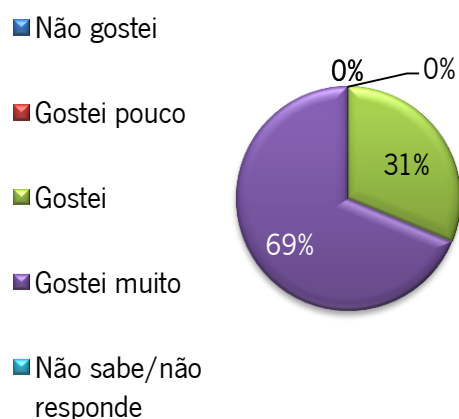
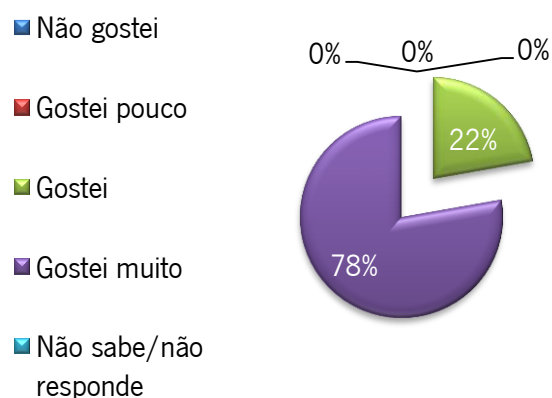


Gráfico 18- Posição quanto aos trabalhos manuais de Abril a Junho.



b) Ateliê dos sentidos

TABELA 11		
Acções desenvolvidas		Recurso (s)
<i>Ateliê dos sentidos</i>	<ul style="list-style-type: none"> - Dia de Reis: Elaboração de coroa de reis. Pintura. - Pintura de molduras em cartão para colocação de fotos dos utentes no painel de cortiça. - Jogo dos cheiros. Identificação de cheiros e aromas. - Jogo de apresentação: A “Teia” com novelo de lã; - Jogo dos objectos e dos conjuntos. - Jogo dos sons e “Baú das músicas de infância”; - Jogo do tiro ao alvo e da lona; - Decoração de caixas reutilizadas através do trabalho de <i>patchwork</i> com jornal. - Dinâmica da “Dança do Chapéu”; - Jogo do “Ouve o som”; - Jogos dos sentidos: Visão, Audição, Tacto, Olfacto, Paladar; - Dança da laranja; Jogo do derrube de latas; - Dinâmica do “Bom dia” e do “Cumprimento Criativo”; - Jogo do Bowling. 	Cartolinas, tesoura, agraphador, pinceis, marcadores, lápis de cor. Projector, tela, portátil. Recipientes com ingredientes diversos; novelo de lã; Maça, telemóvel, chave de casa, relógio, lápis, garrafa de água, pano, máquina fotográfica, tesoura; Chapéu; Leitor de CD; CD´s; Latas, bolas; Jornal; caixas; Venda para os olhos; Garrafas;

Este outro ateliê desenvolvido por nós denomina-se de *ateliê dos sentidos* e visa trabalhar áreas específicas a fim de estimularem o indivíduo: ao nível físico, ao nível psíquico e ao nível social. Este caracteriza-se pela diversidade de actividades de carácter cognitivo e motor e de expressão plástica com o intuito de estimular os diversos sentidos dos/as utentes com maiores dificuldades de relacionamento com o mundo que os rodeia. Este ateliê desenvolveu-se semanalmente, com algumas excepções, às quintas-feiras de manhã, durante 1.30h (10.30h – 12h) a fim de proporcionar a participação de todos/as através de actividades de fácil acesso. Todavia, tínhamos a preocupação de realizar no ateliê dos jogos “anima”, actividades nas quais esse grupo poderia, também, participar. Inicialmente seria um programa para o grupo específico com dificuldades físicas, cognitivas e sociais, contudo a participação voluntária de idosos/as mais autónomos/as levou à constituição de um grupo

mais alargado, levando à adopção de estratégias de integração de idosos/as mais autónomos/as como forma de interajuda dos mais dependentes e favorecimento da sua própria estimulação.

Através de actividades centradas na cognição, os grupos tiveram a oportunidade de exercitar as suas capacidades a nível da percepção, da atenção, da observação e da comunicação. Estes exercícios acabam por atingir os dois grupos na medida em que as actividades aumentam a actividade cerebral e retardam os efeitos da perda de memória e diminuem o declínio das suas aptidões. Os jogos como o da memória, o qual denominamos do jogo dos objectos e o jogo dos conjuntos (ver tabela 11) visam reter acontecimentos, actos e sensações, exercer a actividade mental e desenvolver as capacidades mentais. A todas as actividades, apelidados de *jogos* enquanto forma de cativar os grupos, através de uma dimensão lúdica e de divertimento. Os outros jogos apresentados aqui visam estimular a concentração, raciocínio e a observação e exemplo disso são o jogo dos cheiros, dos sons e o baú das músicas de infância (Ver tabela 11).

Para que este ateliê fosse alvo similarmente, de um processo de apreciação, foi criado um instrumento de avaliação: um quadro de observação, onde em cada sessão, a responsável, reflectiu sobre o desenvolvimento da sessão. Neste quadro, deu-se prioridade à observação das seguintes competências cognitivas: a atenção, a coordenação motora, abstracção lógica, organização perceptiva e a satisfação. Deste modo, obtivemos a seguinte tabela 12:

TABELA 12
Ateliê dos Sentidos - Observação directa participante
6 De Janeiro – Comemoração do dia de reis Este ateliê foi criado exclusivamente para um grupo de cerca de 7 idosas com défice cognitivo e dificuldades nos diferentes sentidos. Contudo, logo nesta primeira sessão alguns/as idosos/as que, numa 1ª fase não estavam incluídos, dirigiram-se para o espaço da actividade. Esta actividade decorreu na normalidade e deu para compreendermos o ritmo necessário para estarmos com este grupo. A pintura revelou-se uma forma de expressão alternativa que permitiu captar a atenção e abstracção lógica.
13 De Janeiro – Criação de molduras Esta actividade foi bastante produtiva pois o grupo sentiu-se confortável pintando pequenas molduras de cartão. Mais uma vez, alguns/as idosos/as mais autónomos dirigiram-se, também, para realizar a actividade. Desde modo, a nossa estratégia mudou, optando-se por integrar os/as vários/as idosos/as, deste modo, cumpre-se o objectivo deste ateliê de garantir condições para a satisfação e integração social.

20 De Janeiro – Jogo dos cheiros

Esta actividade com a componente lúdica tornou-se divertida pois os/as idosos/as expressaram-se de forma diversificada quanto aos cheiros, principalmente o grupo com declínios cognitivos. Para os/as idosos/as com mais dificuldades foi necessário incentivá-los através de mais perguntas e criar diálogo a fim de se sentirem confortáveis à exposição. Assim, procurou-se favorecer a atenção, a memória e a abstracção lógica. Sendo que a memória tem mais efeitos no grupo de utentes sem graves alterações cognitivas.

27 De Janeiro - Dinâmica da teia e jogos dos objectos e dos conjuntos

A dinâmica utilizada na actividade ajudou à integração e desinibição dos diferentes membros do grupo. De seguida, os jogos sensoriais tornaram-se uma boa aposta, pois permitiu que realizássemos perguntas adequadas a cada grupo. Assim, podemos compreender que os jogos são formas libertadoras de tensões. Sublinha-se que se procurou desenvolver um conjunto de competências como atenção e abstracção lógica, introduzindo, também, a organização perceptiva.

17 De Março – Baú das músicas de infância

A actividade decorreu na normalidade com a participação de um grupo mais autónomo e o grupo com dificuldades a nível sensorial (audição, visão, locomoção) e doenças do foro mental (Alzheimer); Na parte dos sons, o último grupo referenciado, revelou dificuldades em recordar os sons, assim, colocou-se o som e pedia-se que o identificassem, o que conseguiram aos poucos identificá-los. A segunda parte tornou-se num momento de desconcentração de todos os elementos. É de sublinhar a envolvimento das pessoas com a doença Alzheimer a recordar tão bem as músicas da sua infância e juventude, dando assim pertinência à importância da estimulação da memória.

24 De Março – Jogo da lona e tiro ao alvo

O jogo que revelou mais dificuldades para o grupo mais dependente foi o jogo da lona pois exigia a distinção das cores para o cumprimento dos objectivos de jogo. Contudo, com a ajuda de todos/as no jogo revelou-se um momento desenvolvimento de competências através do seu carácter lúdico. Aqui, introduziu-se, o desenvolvimento da competência da coordenação motora alicerçada à organização perceptiva.

31 De Março – Elaboração de caixas da páscoa

O grupo com graves alterações mentais ficou responsável pelos torcidos de jornal. Apesar de a actividade à partida ser fácil, é um grande desafio para grupo em causa que conseguiu com tempo fazer os torcidos de jornal, aprendendo a fazer os movimentos necessários para realizar a tarefa. Aos mais autónomos coube a tarefa de decorar as caixas de páscoa com os torcidos. Trata-se, de

estimular nos grupos, a coordenação psicomotora, a organização perceptiva e abstracção lógica apesar de se cumprir em tempos diferentes.

7 De Abril – Dinâmica da dança do chapéu, ouve o som e jogo dos objectos

A actividade decorreu com menos utentes do que o normal dado às confissões a decorrer nessa manhã. De qualquer forma, foi uma actividade interessante, dado ao diálogo que esse criou sobre os 5 sentidos que temos. O recurso a imagens foi importante para compreenderem quais os sentidos que temos. Ainda é sublinhar as dinâmicas/jogos que foram criados e que todos participaram com gosto. De qualquer forma, o jogo “ouve som” como exigia mais atenção e, conseqüentemente, a coordenação psicomotora o grupo revelou mais dificuldades e, acabou por revelar que se sentia desconfortável por não conseguir cumprir com êxito a actividade.

14 e 28 De Abril - Jogo da lona e tiro ao alvo

Um dos pontos fortes deste ateliê é a compreensão dos/as idosos/as mais autónomos pelas inaptidões de outros/as idosos/as. Já vínhamos a observar este comportamento pelos/as idosos/as mais autónomos/as. Os jogos são, sem dúvida, um momento “libertador” de tensões para todos/as, mas essencialmente, para o grupo com maiores dificuldades. Estes jogos adaptados para as suas características fazem da actividade um momento de descontração e de afastamento de estados de ansiedade, características de doenças como Alzheimer e Parkinson. Os idosos já estão familiarizados com o jogo da lona e o jogo do tiro ao alvo. Deste modo, acaba-se por introduzir outra competência a trabalhar: o relacionamento interpessoal, sendo que esse acaba pode ser mais trabalhado com o grupo autónomo do que no outro grupo.

12 De Maio – Jogos de estimulação: as diferenças, o paladar, o tacto e o olfacto.

A actividade correu de forma positiva havendo um envolvimento positivo entre os dois grupos dado à criação de duas equipas. O jogo das diferenças revelou mais dificuldades pelo grupo em relação aos outros, foi difícil desenvolver a organização perceptiva na maioria do grupo. Acrescenta-se que os outros jogos dos sentidos permitiram criar um momento divertido e de descoberta. O tempo foi limitado para as dinâmicas previamente programadas. Importa referir que a relevância da repetição das actividades como forma de assimilação do grupo dos objectivos a atingir e permite-nos analisar a evolução do grupo.

19 De Maio – Dinâmica da dança da laranja e o jogo motor: *derrube de latas*

Esta actividade iniciou-se com momento de “alívio de tensões” com uma dança entre duplas. A música aliada ao momento competitivo conduziu os mais autónomos a participar activamente e a incentivar o grupo no geral. De seguida, e na mesma linha de tivemos o jogo do “Derrube latas”

que, tendo, carácter lúdico do ponto de vista do idoso/a, cumpre os objectivos de promoção da rapidez/coordenação psicomotora e a organização perceptiva.

26 De Maio – Dinâmicas: “Cumprimento criativo” e “Bom dia” e jogo motor do tiro ao alvo e derrube de garrafas

Esta sessão correu bastante bem, dado às dinâmicas iniciais escolhidas que permitiram um momento de descontração e de divertimento. Os jogos seguintes tornaram-se entusiastas para a manhã. Mais uma vez os jogos de movimento para idosos/as são pontos fortes deste projecto, pois cada vez mais o grupo demonstra capacidade psicomotora.

2 e 9 De Junho – Jogo do tiro ao alvo e derrube de garrafas

Esta sessão decorreu novamente com êxito dado aos jogos escolhidos. Todos se empenham e tentam cumprir a finalidade do jogo, estas práticas conduziram a um aspecto importante: a interacção social saudável e não conflituosa no decorrer da actividade, permitindo uma maior satisfação na participação nestas actividades.

Com o decorrer do projecto percebemos que poderíamos ter questionado os/as utentes mais autónomos/as sobre a participação neste ateliê, tornando os dados a avaliação contínua mais pertinentes, eficazes e eficientes de análise e reflexão das acções do projecto. Importa, ainda referir que este ateliê teve o número mínimo de treze - 13 - participantes e máximo de vinte – 20 – participantes nas sessões. Tendo no total vinte e seis utentes participantes. Estas conclusões são possíveis através das grelhas de presença (ver exemplar, anexo 12).

a) Ateliê de expressão dramática

TABELA 13		
Acções desenvolvidas		Recurso (s)
Expressão dramática	<ul style="list-style-type: none"> - Ensaios com os/as idosos/as do desfile de carnaval e respectivas músicas e apresentação do desfile de carnaval; - Ensaio (s) para encenação “Coração Feliz”, Maio – mês do coração: Iniciativa da Câmara Municipal – Hospital e apresentação; 	Guarda-roupa diverso; Material de cenário;

Na área de dinâmica ocupacional temos o bloco dedicado à expressão dramática. Este tem como objectivos ajudar o/a idoso/a ao desenvolvimento da sua personalidade, assim como conduzi-lo à expressão de sentimentos, criatividade, desempenho de papéis, recompensa e sublimação. Esta é uma área difícil de trabalhar e que não envolve tantas pessoas quanto desejaríamos, pois o grupo prefere falar do que actuar, sendo necessárias estratégias para desbloquear inibições e motivar à participação. São papéis que durante as suas vidas não exerceram e que influencia o modo como se envolvem. Contudo, o grupo demonstrou que quando assume o compromisso de realizar este tipo de tarefa, compromete-se afincadamente e apresentam excelentes capacidades para interpretação de papéis. Aqui, também, é importante a entrega e dedicação por parte do educador para que os envolvidos/as sintam que é um projecto comum e que o esforço é mútuo. Esta área foi desenvolvida, essencialmente, nas festas da instituição, antes das quais falávamos com o grupo para a possibilidade de realizarmos uma actuação ou várias e caso fosse do interesse do grupo ou de alguns elementos iniciávamos os ensaios. Aqui não apresentamos dados das avaliações pois inserimos anteriormente, nas *festas e animação social*.

4.2.2.3. Área de desenvolvimento físico-psíquico

Esta área tem como objectivos: combater as diminuições e limitações quer físicas e psicossomáticas; promover a consciência de utilidade e auto-estima; conseguir o relaxamento e libertação das tensões; e desenvolver a capacidade lúdica. Esta área agrega a animação motora e os jogos “anima”. Destaca-se nesta área, a participação dos elementos do grupo com graves alterações neurológicas em ambas as actividades. Consegue-se concluir que esta é a área que reúne o maior número de participantes.

a) Animação motora

TABELA 14		
Acções desenvolvidas		Recurso (s)
Animação motora	Consiste em exercícios de aquecimentos através de relaxação activa e exercitação dos membros: mãos, braços, pernas; Exercícios com bolas diversas, arcos, elásticos, garrafas de água, pinos, argolas de borracha.	Sala de convívio; Bolas diversas; arcos; garrafas; cadeiras; elásticos; Pinos; leitor de CD; Cd 's.

Dentro de um plano de animação, as actividades físicas e motoras surgem como acções benéficas à saúde mental, ao desfrute, ao prazer, ao divertimento e ao desenvolvimento dos membros do corpo e da mente e, identicamente, à reabilitação.

A animação motora relaciona-se com um conjunto de actividades físicas programadas (Ver tabela 14), às quais os/as idosos/as gostam de chamar ginástica. Promove o desenvolvimento das capacidades físicas, pretende combater o sedentarismo e o *stress*, prevenir as depressões e aumentar a auto-estima. Pretende-se que o/a idoso/a realize movimentos importantes na terceira idade que não é apenas o último período da vida do homem, mas antes uma outra fase de evolução, com formas diferentes de viver e de existir. Esta actividade é aberta a todos/as e inclui o grupo de utentes em cadeira de rodas, tem a duração de 60 minutos semanais e ocorreu à sexta-feira de manhã, antes do almoço, sendo promovida pela responsável do projecto. Nesta área não é necessário ser-se especialista mas requer a busca de informação e estudo da nossa parte para a sua aplicabilidade e adequação à terceira idade na medida em que existem cuidados a ter com este grupo. Este tipo de actividade teve no total vinte e nove - 29 – utentes participantes, quatro - 4 – do sexo masculino e vinte e cinco – 25 - ao longo da intervenção, variando o número consoante a sessão.

Dedicamos nos inquéritos por questionário, espaço para a avaliação contínua deste programa semanal. Deste modo, o grupo foi questionado sobre a sua posição na animação motora, tendo que a classificar numa escala entre o *não gostei* e o *gostei muito*. Deste modo, obtivemos o gráfico 19 que compreende o período de Janeiro a Março, com um total de 20 respostas, em que 60% - que corresponde a 12 idosos/as – respondeu à hipótese *gostei muito* e 40%, isto é, 8 elementos assinalaram a hipótese *gostei*.

Dado a extensão deste programa no projecto de intervenção, este também foi avaliado no 2º trimestre – período de Abril a Junho. Nesse trimestre participaram dois novos

Gráfico 19 - Posição quanto à animação motora de Janeiro a Março.

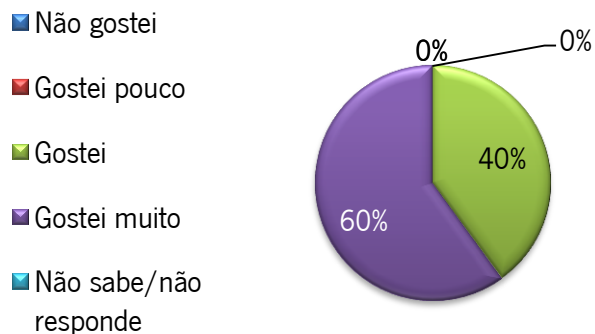
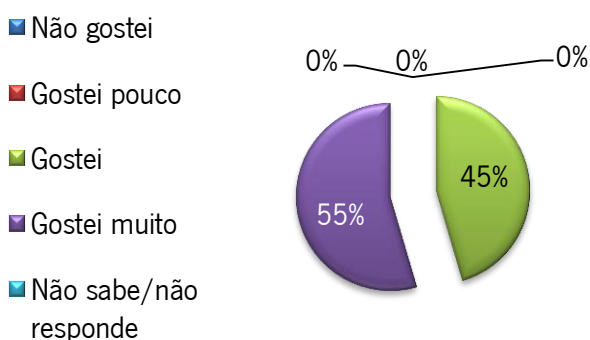


Gráfico 20- Posição quanto à animação motora de Abril a Junho



elementos na animação motora e deste modo, obtivemos o gráfico 20 com um total de 22 respostas. Mais uma vez, alcançamos uma avaliação nas categorias positivas, com 55% a assinalar que gostou *muito* e 45% a responder à hipótese *gostei*. Este programa, apesar das diferentes condições essencialmente, físicas dos elementos do grupo, pretende que cada um com as suas possibilidades faça a manutenção dos vários membros do seu corpo.

b) Jogos “Anima”

TABELA 15		
Acções desenvolvidas		Recurso (s)
Jogos “Anima”	- Jogo de bowling; jogo do bingo; jogo da lona; jogo do tiro ao alvo;	Sala de convívio; Bolas, garrafas, acessórios do bingo; Patacas; Lonas;

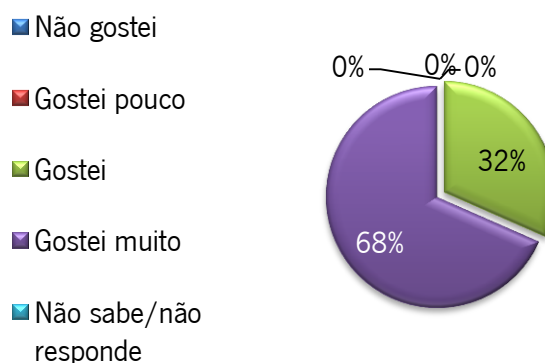
O programa de jogos “anima” (tabela 15) visa o desenvolvimento das capacidades físicas, o divertimento do grupo e a promoção do convívio entre diferentes pessoas. Destina-se, essencialmente, ao desenvolvimento de jogos diversos. Insere-se, na chamada, animação lúdica que tal como no ateliê dos sentidos, dá enredo à estimulação cognitiva e psicomotora. O jogo, dependendo da fase da vida, desempenha diferentes funções mas, de modo geral, qualquer que seja o grupo destinatário e o tipo de jogo que se desenvolve, esse deverá expressar sempre o prazer de viver (Ander-Egg, 2002).

Este programa foi implementado semanalmente, às quintas-feiras entre as 14horas e as 15.30horas, salvo algumas excepções devido a actividades não programadas e de carácter esporádico. Os jogos aqui desenvolvidos, foram algumas vezes utilizados no ateliê dos sentidos pois, os jogos da lona, tiro ao alvo e *bowling* são jogos pedagógicos de estimulação que os idosos com Alzheimer e outras doenças neuro-degenerativas, podem realizar e são usados para o retardamento dessas doenças. O jogo da lona dado aos círculos de vários tamanhos espalhados e de cores diferentes permitem ao/à idoso/a desenvolver a concentração e a coordenação óculo-manual. Outro exemplo do desenvolvimento destas competências é do tiro ao alvo, no qual o grupo se esforça por acertar no centro. O jogo do bingo, também é um jogo bastante apreciado e visa a estimulação da memória, a capacidade intelectual, participativa e organizativa. Contudo, nem todos/as podem participar neste jogo dado serem analfabetos. Todavia, incluímos três idosas analfabetas: uma consegue identificar os números,

contudo, às vezes faz a leitura inversa, precisando de apoio; outra identifica sozinha, os números; e outra inicialmente não sabia os números mas aos poucos com este jogo consegue enunciá-los. Participaram, também, duas idosas com Alzheimer que ainda recordam os números. Este grupo requeria da nossa parte atenção e apoio a fim de conseguir alcançar os objectivos de jogo.

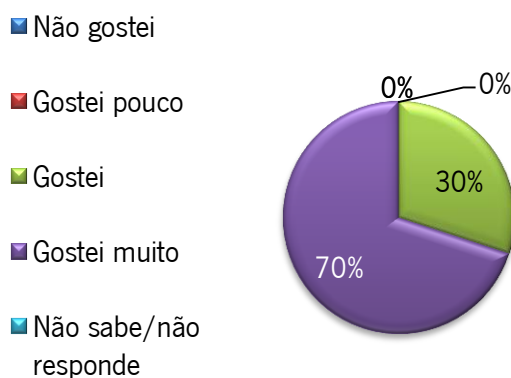
Na primeira fase, de Janeiro a Março, tivemos dezanove participantes que responderam ao inquérito de avaliação contínua, incluindo mais quatro idosas – dados das fichas de presenças - que não responderam devido às suas características neurológicas. Assim, temos um total de 23 participantes no 1º trimestre. Através desse instrumento de avaliação (gráfico 21) podemos aferir que 68% gostou muito de participar neste programa e os restantes 32 % gostou de participar.

Gráfico 21 - Avaliação aos jogos de Janeiro a Março



Quanto ao período de Abril a Junho, contamos com a participação de mais um elemento, o que leva a totalizar vinte o número de inquiridos. No total, inclui-se as quatro idosas anteriormente referidas, integrando o programa 24 pessoas, vinte e uma – 21 - do sexo feminino e três – 3 - do sexo masculino. Perante os dados recolhidos (gráfico 22), concluímos que 70% do grupo gostou muito e 30% inscreve-se na categorização positiva – *gostei*.

Gráfico 22 - Avaliação aos jogos de Abril a Junho



Deste modo, podemos concluir que esta área

com os objectivos gerais de estimulação cognitiva, física e social aliou-se, ainda ao prazer e ao lazer.

4.2.2.4 - Área de actividades formativas e de expressão cultural

A área que concluí as actividades formativas e de expressão cultural tem como objectivos: estimular a ginástica cerebral exercitando as faculdades mentais; animar cultural e socialmente; e promover a

difusão cultural. Esta área integra três ateliês: o de cinema, de informática e das letras. Acrescenta-se o desenvolvimento pessoal, valorizando as experiências de vida e promovendo o autoconhecimento.

a) Ateliê de cinema

TABELA 16		
<u>Actividades</u>		<u>Recursos</u>
Ateliê de Cinema	1. “Fados” e repetição do vídeo “Actividades do lar”; 2. “Filme das actividades de Carnaval” - vídeo realizado pela estagiária de várias actividades da época em questão; 3. Filme alusivo à Páscoa: “Jesus” de John Heyman; 4. Cerimónias do 13 de Maio; 5. Filme “Canção de Lisboa” de Cottinelli Telmo; 6. Filme de actividades vídeo realizado pela estagiária de várias actividades;	Tela, cadeiras, colunas, projector, portátil, extensões.

Esta área de actividade visa proporcionar ao público-alvo, circunstâncias de difusão cultural, ajudando-os a compreender e a apreciar o nosso património histórico-cultural, através do mundo tecnológico. Consiste em aproveitar os benefícios da evolução tecnológica, a favor daqueles que viveram, exclusivamente, de uma cultura de oralidade e onde os recursos eram escassos. Ander-Egg (2002) defende que os programas de animação devem ter como recursos, os meios técnicos ligados ao mundo audiovisual que passam, por exemplo, pelo cinema ou pelo vídeo.

Neste sentido, o ateliê de cinema destina-se ao visionamento de filmes e vídeos vários tendo em conta os gostos e especificidades do público-alvo. Este teve um carácter esporádico e realizou-se uma vez por mês, excepção do mês de Março, dado a outras actividades principais. Os filmes eram escolhidos tendo como requisitos a dobragem em português ou ser um filme português, pois a maioria do grupo não consegue acompanhar as legendas e outros não sabem ler. Escolheu-se alguns filmes relacionados com a época, como por exemplo, o filme *Jesus*, para a época da Páscoa (ver tabela 16). Também, se elaborou vídeos com fotos das actividades e do público-alvo. Neste programa tivemos que nos mobilizar quanto a alguns recursos, para que a visualização fosse feita através de tela, recorrendo a recursos exteriores como projector, portátil, colunas de maior potência, o que ajuda a ultrapassar algumas dificuldades inerentes à idade do grupo, como a maximização da imagem possível através do projector. Este ateliê teve no 1º trimestre a participação de catorze idosos/as e no 2º trimestre a participação de 21 elementos. Importa dizer que como a projecção dos filmes/vídeos era feita na sala de convívio,

vários idosos/as que se ali se encontravam acabavam por assistir, levando a que o número de participantes seja superior ao mencionado anteriormente. A diferença entre trimestres pode estar relacionada com o interesse dos elementos pelo filme/vídeo, pela maior frequência de filmes/vídeos no 2º trimestre e dado ao carácter casual, os elementos poderiam estar ausentes devido a determinadas rotinas: consultas, fisioterapia e banho semanal, como referido, anteriormente. Em ambas avaliações, foi colocada aos elementos a seguinte questão: *Gostou dos vídeos/filmes projectados?* E em ambas as avaliações todos/as responderam à hipótese *sim*.

b) Ateliê de Informática

TABELA 17		
Acções desenvolvidas		Recurso (s)
Ateliê de Informática	Neste ateliê é feito o primeiro contacto com as novas tecnologias. As actividades passam pelo reconhecimento do material informático, programas e funções essenciais de manuseamento das tecnologias. (Windows, Paint, Microsoft – Word, Powerpoint). Realização de fichas de apoio.	Sala com o respectivo equipamento informático; Folhas; CD'S; Pen's;

O ateliê de informática nasceu da vontade que oito idosos/as manifestaram em aprender a manusear o computador. Apesar do número reduzido, a vontade e interesse demonstrados por esta área não poderia ser descartada pelas potencialidades que esta área desencadeia nos/as idosos/as, não esquecendo que tínhamos o apoio para o material informático. É, particularmente, uma área de actividade de formação inserida na animação enquanto forma de educação não formal. Constitui-se numa estratégia pedagógica que possibilita mudanças nas condições concretas de existência dos seres humanos na terceira idade e na forma como eles vêem o mundo. Conclui-se que o computador é uma ferramenta importante pelo facto de conter elementos dinâmicos, de estimular o raciocínio e de colocar à terceira idade um conjunto de desafios.

Este ateliê iniciou-se a doze de Janeiro, com a descoberta do computador. Assim, dedicamos a atenção à familiarização dos/as idosos/as com o teclado, rato, monitor e a torre, com a identificação de algumas teclas do teclado, como a localização de letras e números; a funcionalidade das teclas CAPS LOCK, ENTER, BACK SPACE e alguma acentuação; passou também pela identificação e utilidade do

cursor do rato; pela aprendizagem de *Ligar/Desligar* o computador. Para complementar na 1ª sessão foi aberto um documento em Word pela responsável para que os/as idosos/as pudessem “experimentar” o teclado. Assim, foi pedido que escrevessem o seu nome. Estas práticas estenderam-se ao longo das sessões, na medida em que o nível de aprendizagem e adequação às novas tecnologias é diferente sendo necessário adequamo-nos aos distintos ritmos, assim como, à utilização de linguagem apropriada. As sessões decorreram às quartas-feiras, das 10.30horas às 12horas, nas quais antecipadamente tínhamos que preparar o espaço, contando com a colaboração de alguns idosos/as. Ao longo do ateliê foram cedidos documentos de apoio para as actividades, elaborados pela responsável do projecto com o recurso a linguagem acessível e esclarecedora. Trabalhou-se ainda no programa *paint*, microsoft office word e powerpoint 2003 onde os elementos puderam escrever textos, formatá-los, colocar imagens e guardar os documentos. Foi dada a possibilidade de aprender a abrir e fechar documentos, visualizar imagens e fotos, assim como realizar a leitura de jornais. Infelizmente, não se cumpriu o desejo de ter acesso à Internet nos computadores de secretária, mas através de um portátil com banda larga, alguns idosos/as tiveram acesso à Internet, pesquisando sobre os locais donde são naturais e textos e frases sobre alguns temas do seu interesse.

Quanto à avaliação foi dividida pelos dois inquéritos aplicados, nos quais foram formuladas algumas questões, sendo algumas transversais. As questões e os resultados do primeiro inquérito são os seguintes:

TABELA 18				
12. Gostou de estar em contacto com os computadores?	Sim	Não	Não sabe/não responde	Total de participantes
	8	0	0	8
12.1.Gostou do que aprendeu?	Sim	Não	Não sabe/não responde	Total de participantes
	8	0	0	8
12.2.Considera que a estagiária dirige bem as sessões?	Sim	Não	Não sabe/não responde	Total de participantes
	8	0	0	8

Pela análise da tabela 18, a primeira avaliação é positiva tanto pela aprendizagem como pela gestão das sessões, pois todos os elementos responderam que gostaram do contacto com os computadores e do que aprenderam a manusear. Os/as oito idosos/as – através das grelhas de presença – foram

assíduos a todas as sessões, contando ainda com uma participação extra de uma utente que algumas vezes estava no lar. A fim de melhorar as sessões de informática o grupo foi questionado sobre o que poderia melhorar e o que gostou mais de fazer nas sessões. Recorda-se que tiveram alguma dificuldade em responder a estas questões, pois disseram gostar de tudo, mencionando que *Para mim, está muito bem, era uma coisa que nem me passava pela cabeça*. Mas enunciaram que gostavam de escrever e fazer textos e, por outro lado, sugeriram uma maior frequência de aulas.

Quanto ao segundo inquérito, formularam-se três questões, duas iguais ao primeiro e uma nova (ver anexo 9, ponto 13, 13.1, 13.2). Desta forma, os/as inquiridos/as responderam novamente à questão 12 e 12.1 da tabela 18, onde igualmente todos/as assinalaram a hipótese *sim*. Quanto à terceira questão, a nova questão, cinge-se à continuidade do ateliê, como forma de recebermos o *feedback* de forma não implícita sobre nível de interesse nesta área e concluímos que todo o grupo gostaria de continuar frequentá-lo, evidenciando a vertente positiva deste ateliê.

c) Ateliê das letras

TABELA 19		
Acções desenvolvidas		Recurso (s)
Ateliê das letras	<ul style="list-style-type: none"> - Elaboração de mensagens e poemas de natal pelos utentes. - Jogo dos provérbios e das rimas (ao longo da intervenção); - Painel das imagens e mural das fotos de jornal e revistas; - Comemorar o Dia do Pai: Elaboração de um saquinho de pacotes de leite com mensagem e imagem de S. José para oferecer aos idosos; Leitura de um conto do Dia do Pai; - Dinâmica “Das cores à linguagem e às letras”; - Comemoração do Dia das mentiras com recordações sobre o dia e com o Jogo “Verdade ou mentira”; - Jogo comunitário; Partilha de experiências/ tradições, no mês de Maio – Mês de Maria; - Músicas de “Animar” e descoberta das “Figuras públicas”; 	Canetas, caderno; lápis, borracha, mesas e cadeiras, livros, folhas;

O ateliê das letras (ver tabela19) tem como objectivos estimular as capacidades intelectuais e culturais, valorizar os conhecimentos pessoais, a interacção de grupo e a comunicação. As sessões tiveram a

duração de 60 minutos e aconteceram à sexta-feira das 14.30h até às 15.30h, sofrendo algumas alterações dado a outras actividades. No início, foi colocada à disposição dos/as utentes uma variedade de livros, desde religiosos à literatura portuguesa. Aqui realizam-se leituras, treino da escrita, exercícios envolvendo números e/ou letras de carácter individual. Após esta fase, dado há pouca interacção e quantidade de utentes, decidimos realizar um conjunto de actividades em grupo que passassem, também, pela estimulação das capacidades intelectuais e culturais. Assim, constituímos um grupo no total de dezasseis pessoas, treze - 13 - do sexo feminino e - 3- três do sexo masculino, que se propunham a testar os seus conhecimentos através de por exemplo, da actividade *completa o provérbio*, da descoberta das *figuras públicas* e *palavras rimadas*, entre outros (Ver tabela 19).

Quanto à avaliação, esta realizou-se em duas fases: no primeiro e segundo trimestre e de modo geral, os/as participantes avaliam de forma positiva o ateliê. Mais concretamente no gráfico 23, 56% indicou a hipótese *gostei muito* e 44% a hipótese *gostei*. Inversamente está a avaliação do período entre Abril e Junho, em que 56% aposta na categoria *gostei* e 44% na categoria *gostei muito* (Gráfico 24), o que corresponde a nove participantes e a sete participantes, respectivamente. Sendo este o primeiro ateliê que não apresenta crescimento estatístico do primeiro para o segundo trimestre.

Gráfico 23 - Avaliação ao ateliê das letras de Janeiro a Março

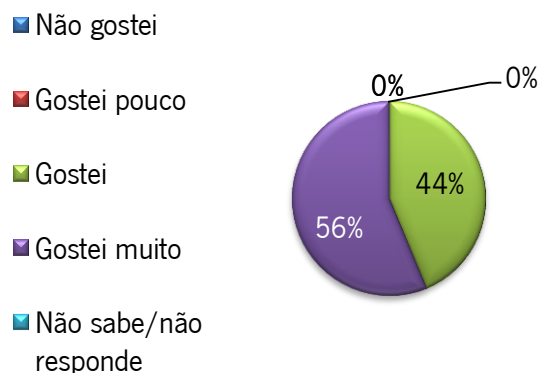
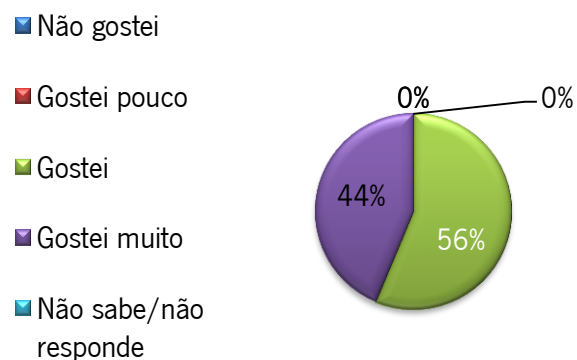


Gráfico 24 - Avaliação ao ateliê das letras de Abril a Junho



4.2.2.5. Avaliação contínua: Perspectiva global do público-alvo

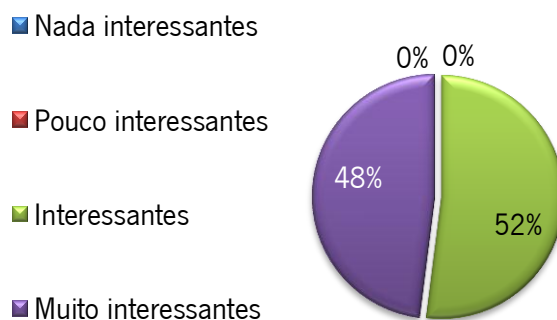
Após a apresentação e a explicitação das áreas de acção, as respectivas actividades e a avaliação de cada uma das actividades, consideramos que é o momento para expor os outros dados da avaliação contínua obtidos nos inquéritos por questionário. Estes dados são relativos à apreciação global do grupo sobre as actividades em que estiveram envolvidos desde Janeiro a Junho, iniciando a análise pelo inquérito realizado em Março, seguido dos dados do inquérito administrado no mês de Junho.

Os/as idosos/as que responderam ao primeiro inquérito, vinte e um – 21 - são do sexo feminino e quatro - 4 - do sexo masculino (Ver anexo 8, ponto 1.1 e 1.2.) Quanto às idades, a média centra-se nos 80,5 anos de idades, sendo o máximo de idades de 95 anos e o mínimo de 67 anos.

Após esta contextualização, o primeiro ponto de análise é a avaliação positiva dada pelo grupo ao longo da intervenção, havendo sinalização das hipóteses *interessantes* e *muito interessantes* (Ver gráfico 25 e 26).

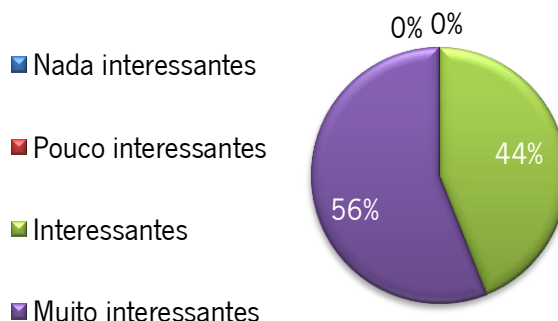
Referindo singularmente, o gráfico 25 relativo ao período de Janeiro a Março, 52% do grupo – que corresponde a 13 pessoas - classifica as actividades como *interessantes* e 48% assinala a hipótese *muito interessantes*, o que corresponde a 12 pessoas. O que acaba por apresentar uma balança equilibrada numa categoria de avaliação favorável.

Gráfico 25 - Avaliação geral às actividades até Março



Quanto ao período de intervenção entre Abril e Junho, os/as idosos/as que responderam a este inquérito, igualmente como no anterior, 21 – vinte e um - são do sexo feminino e 4 – quatro - do sexo masculino, apesar dos 21 femininos não representarem na totalidade o mesmo número de idosas que o primeiro, dado a entradas e saídas na instituição, mas nada

Gáfico 26 - Avaliação geral às actividades de Abril a Junho



significativo. Quanto às idades encerram-se em intervalos de 5 em 5 anos, iniciando-se nos 65 anos e terminando no intervalo a *partir dos 95 anos*. Importa, apenas referir que o intervalo com maior número de respostas é o dos 77 anos até aos 82 anos, seguido pelo intervalo dos 83 aos 88 anos.

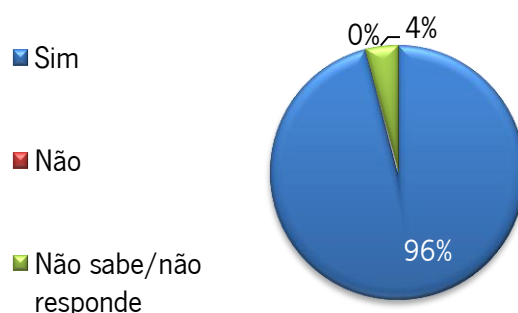
Partindo, para a avaliação das actividades em geral (gráfico 26), a hipótese que classifica como *muito interessantes* as actividades obteve mais respostas com o total de 56% que equivale a 14 pessoas, seguida de 11 respostas na hipótese *interessante*, equivalente a 44% do total.

Esta evolução relativa entre períodos pode estar relacionada com vários factores, entre os quais podem destacar-se: o fortalecimento das relações com a responsável do projecto; o maior envolvimento dos

sujeitos em programas de educação não-formal; ajustamento (s) realizados após a primeira avaliação contínua; época (s) mais propícia (s) à participação dado à chegada do bom tempo, estados de saúde – nomeadamente, estados depressivos - que apresentam resultados mais favoráveis. Claro está que consideramos que todos estes factores juntos contribuíram para esta pequena progressão de resultados.

Outro dado importante, recolhido no primeiro inquérito, é a opinião dos/as idosos/as sobre a *importância do lar desenvolver actividades diversas* (Ver anexo 8, ponto 4). E os resultados são animadores e demonstram a abertura do grupo a acções, dado à não existência de respostas à hipótese *não*. Contrariamente, temos 96% de respostas positivas – 24 utentes – que apontam este pilar como importante para a manutenção de um lar de idosos. Obtivemos ainda, uma resposta (4%) ao *não sabe/ não responde*. (ver gráfico 27)

Gráfico 27 - Considera importante desenvolver actividades diversas no lar?



Como forma, de compreendermos as respostas às hipóteses, foi dado no inquérito espaço para que os/as inquiridos/as pudessem justificar a sua resposta a pergunta anterior. Das 24 respostas, 15 justificaram as suas opções (ver anexo 8, ponto 17), havendo uma categoria a destacar pelo grupo: Um programa de actividades num lar surge como alternativa saudável ao tempo que têm disponível. O grupo encara estes programas como estimulação do cérebro que *mantém activas as mentalidades*, como distracção, como forma de *passar melhor o tempo*, como benefício à saúde, fuga ao fechamento, positiva pela comunicação que proporciona entre as pessoas e pelo simples facto de os períodos de inactividade conduzirem ao cansaço do próprio grupo.

No primeiro inquérito, e dado ao carácter contínuo deste instrumento, questionamos se haveria alguma (s) actividade (s) que gostariam de fazer e que ainda não tiveram oportunidade de realizarem (ver anexo 8, ponto 13) à qual vinte e um elementos respondeu que *não*, um elemento assinalou a hipótese não sabe/não responde e três elementos responderam que *sim*. Com a possibilidade da existência de respostas à hipótese sim, formulamos a questão 13.1. (ver anexo 8), onde referiram que gostavam de fazer croché e renda, o que nos levou a informá-las da existência do grupo de voluntárias que trabalha essa área. A outra resposta, prende-se com o gosto pelos trabalhos manuais, mas que as condições físicas do idoso/a não permitem o manuseamento de materiais.

Os elementos foram inquiridos, em ambos os inquéritos, sobre se o trabalho que temos desenvolvido no lar, teria contribuído para o bem-estar de cada um (ver anexo 8 e 9, ponto 14). Em ambos os inquéritos, todos/as responderam à hipótese *sim* o que nos deixou das duas vezes satisfeitos com o trabalho feito até então e com a vontade de continuar a fazer um trabalho ainda melhor. Podemos cruzar, estes dados com as sugestões de alguns utentes em ambos os inquéritos (ver anexo 8 e 9, ponto 18 e 17, respectivamente). Uma das opiniões/sugestões insere-se na categoria de apreciação do nosso trabalho, dizendo gostar de falar connosco, da nossa imaginação e dinamismo aplicado ao trabalho, à competência e educação por nós demonstrada e acrescenta-se a referência feita para a continuidade do nosso trabalho. Salienta-se ainda, o frisar do gosto pelas actividades que envolvam teatro, brincadeiras e músicas.

Para continuar a avaliar as actividades do projecto, os elementos do público-alvo foram também, questionados da possibilidade ou não de terem adquirido novos conhecimentos ao longo da intervenção. Na avaliação de Janeiro a Março, vinte e três idosos/as responderam que *sim* e os dois elementos assinalaram a hipótese *não sabe/não responde*, como se verifica no gráfico 28.

Gráfico 28 - Considera ter aprendido algo de novo?

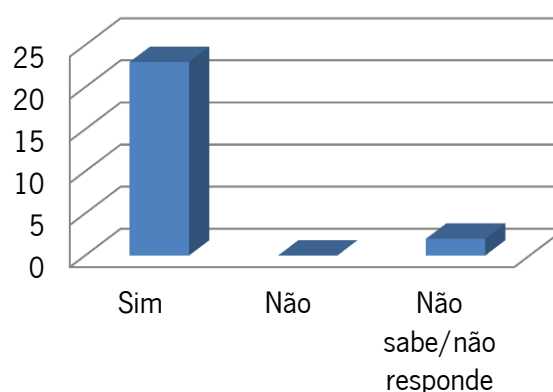
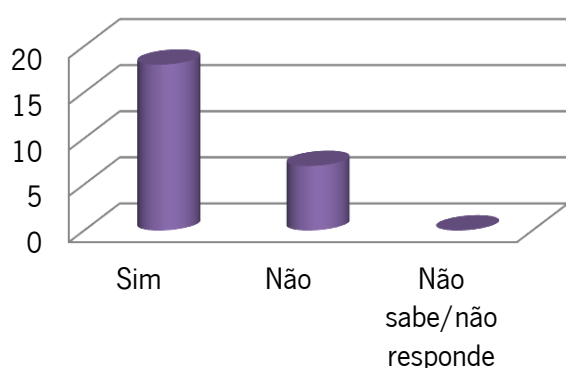


Gráfico 29- Aprendeu algo de novo com as actividades em que esteve presente?



Já no período correspondente a Abril e Junho (gráfico 29), dezoito elementos disseram que *sim* e sete que *não*. Esta baixa relativa entre períodos pode estar relacionada com a continuidade de algumas actividades.

Este também é, o momento importante, para referir que um grupo de idosos/as não responderam a este tipo de instrumento, dado à sua condição neurológica que contudo, não

incapacitou a sua participação num conjunto de actividades. Este grupo de seis – 6 - pessoas sofre de perturbações neurológicas graves – demências - como a doença de Alzheimer. Todavia, este grupo demonstrou outras possibilidades que podem ser trabalhadas e que, apesar do esforço e dedicação que requerem, decidimos não excluí-los. Lamentamos, não conseguir chegar a todo ou mais alguns

elementos que integram este grupo mais debilitado, mas eles também sabem dizer *não* e este princípio necessita de ser respeitado. Este grupo foi participando na animação motora progressivamente, em jogos de movimento e, principalmente, no ateliê dos sentidos. Compete ainda, referir no campo de acção da avaliação, que utilizamos a observação directa participante para compreender como este grupo específico interage e responde às actividades propostas.

Neste âmbito do desenvolvimento das actividades, é de referir a variável participação dos elementos do público-alvo. Existem algumas condicionantes para a participação dos/as utentes em determinadas actividades, pois como podemos verificar na descrição e análise das áreas de actividade, existe alguma variância de participação de ateliê/programa. Essas estão relacionadas com os interesses de cada um; com as dificuldades relacionadas com a idade que em determinadas alturas se acentuam mais; e com acções marcadas e que fazem parte da sua vida do utente, tais como as consultas, fisioterapia, banho semanal e visitas de familiares e amigos, estas últimas atingem mais as actividades da parte da tarde. As variações na participação resultam, também de limitações físicas e psicológicas as quais algumas vezes, tentamos contornar. Não poderíamos, como as vezes desejado, desenvolver simultaneamente duas actividades, dado à necessidade de monitorização na medida em que uma actividade já apresenta ritmos diferentes dada às características dos grupos.

4.3. Avaliação final: Objectivos, processos e resultados

Para a realização da avaliação final recorreremos a métodos e técnicas qualitativas que conferem mais autenticidade, pertinência, transparência ao trabalho de terreno. Deste modo, optamos por realizar entrevistas a um grupo de idosos/as mais autónomos/as que pelos seus testemunhos poderiam trazer conclusões importantes. A selecção ficou a dever-se ao nível elevado de participação na maioria dos ateliês/programas. A aliar a isto, procedeu-se a uma entrevista à directora da instituição que nos possibilitará consolidar conhecimentos e apresentar uma perspectiva diferente da nossa actuação no terreno. Estes instrumentos foram alvo de análise e reflexão que nos propomos realizar de seguida.

Primeiramente, vamos focar-nos nas entrevistas (anexo 10) realizadas ao grupo de nove idosos/as. Estas foram realizadas individualmente, num espaço sossegado e os seus objectivos explicados aos/às idosos/as, como a recurso à gravação e sua utilidade para o estudo académico e constituição de conhecimento (s). Após a realização das entrevistas fez-se a análise de conteúdo, onde se procedeu à categorização em cada pergunta de momentos pertinentes para avaliação final do projecto.

A entrevista é constituída por seis perguntas, cada uma com objectivos específicos. Desde modo, e de acordo com os procedimentos da análise de conteúdo, o objectivo da primeira pergunta é saber o nível de integração dos/as idosos/as nas actividades do projecto e porquê. Assim, todos/as responderam que gostaram de estar integrados nas actividades do nosso projecto, e a partir daqui foram questionados sobre o porquê e podemos distinguir dois grupos: os que não conseguem aprofundar a questão e os que justificam a sua resposta. As categorias de codificação identificadas nas respostas passam pela importância dada à implementação de actividades para grupos de idosos/as, pelas potencialidades que as actividades possuem na manutenção e activismo da mente e a componente da aprendizagem, enquanto novas formas de intervir e educar para a terceira idade. Outras categorias foram detectadas e não menos importantes, e residem na componente lúdica e de lazer do projecto, nas características dos/as responsáveis que dirigiram o projecto, a animação proporcionada ao longo do projecto e a forma saudável como o tempo passa. Desta forma, podemos concluir que apesar da variedade das categorias de codificação, estas interligando-se, contribuindo para a construção de um projecto comum.

As questões seguintes formulam-se com o objectivo de apurar o que o/a idoso/a mais gostou e o que menos gostou nas actividades, através das quais conseguimos obter a seguinte tabela:

Tabela 20		
Objectivo da questão	Categoria de codificação	Citações da entrevista
<p>Questão 2</p> <p>Compreender quais as actividades que o público-alvo mais gostou</p>	a) Interesse por todas as áreas que participa	UA – “Eu até gostei de tudo (...)”; UC – “Tudo o que faço (...) gosto. Tenho prazer de fazer”; UI – “ Eu gosto muito, como tudo em geral.”
	b) Trabalhos manuais	UB - “Gostei muito de fazer os coelhinhos... (...) estes vasilhinhos pelo S. João, fazer ursinhos também, nas garrafas”, “Fizemos aqui umas flores muito lindas, gostei muito do dia da mãe.” UF: “Gosto muito de fazer os trabalhos manuais”; UG – “florzinhas, gostei muito e gostei daquelas coisinhas que parecem uns cadeeiros em

	c) Dança (marchas populares)	papel, eu tenho lá um, eu fiz lá em casa”; UB: “Gosto muito de dançar, gosto muito de cantar, gosto de fazer marchas populares (...)”
	d) Informática	UD – “(...) Gosto muito é dos computadores”; UI: “(...) marcou mais foi os computadores”
	e) Desfile de Carnaval	UE – “(...) Gostei muito de fazer de Luís de Camões”;
	f) Jogos e Animação Motora	UH – “Essas actividades que tem tido aqui, essas diversões, eu tenho gostado bastante disso. Gosto de jogar esses exercícios que tem a bola, as garrafas (...)”; UB – “(...) que tem 4 ou 5 rodas (<i>o tiro ao alvo</i>), adoro”; UF – “Do bingo gostei muito não é? Gostei de tudo, e de todos os jogos que fizemos.”;
<p>Questão 3</p> <p>Compreender quais as actividades que o público-alvo o que menos gostou</p>	a) Jogos	UA – “ (...) esta coisa do bingo, também não me interessa assim muito, não é assim nada de especial. Mas gosto de assistir”; UB – “Não gosto muito daquele papel que tem vermelho, roxo, laranja, tá muito pertinho e não se pode jogar (...) o jogo da lona não gosto tanto porque a malha pincha muito.”;
	b) Interesse por todas as áreas que participa	UC – “ não tenho nada, no fundo, gostei, gostei.”; UD – “Não me recordo de nada”; UE – “não me recordo porque até gosto de fazer tudo”; UG - “ (...) acho que não

		fizemos nada que não gostasse. Do bingo gostei muito não é? Gostei de tudo, e de todos os jogos que fizemos.”;
	c) Dificuldade na execução da(s) actividade (s)	UC – “ Há actividades que se fez aqui que custa mais a fazer”; - UF – “ Custava-me a fazer estas florzinhas das faixas, as vezes não entrava bem, mas gostei de aprender.”;
	d) Trabalhos manuais	UH – “ Nem sei dizer o que menos gosto (...) Há coisas menos valorizadas como por exemplo fazer uma rosa, é muito útil, mas para certas pessoas como eu que não estão dentro da costura.”;

Observando a tabela acima, podemos referir que existe uma balança equilibrada que pesa de um lado uma avaliação positiva de todas as actividades, não havendo lugar para distinção de uma área ou situação de que gostam mais e, por outro lado, temos um prato que pesa algumas áreas de actividade que alguns elementos do público-alvo “deixaram” escapar como preferidas, tais como: trabalhos manuais, dança, informática, desfile de carnaval, jogos e animação motora (questão 2, a, b, c, d, e, f – tabela 20).

Na terceira questão que surge para antagonizar as categorias de codificação da segunda pergunta, os/as idosos/as sentiram dificuldade em expressar o que menos gostaram, confundindo algumas vezes com a dificuldade sentida no decorrer das actividades como podemos comprovar pelas declarações dos utentes C e F na questão 3, categoria de codificação C. Nota-se, também que na questão 3, justificam a suas respostas apontando gostar de tudo que realizaram (categoria b, tabela 20) e onde detectamos a referência a áreas e actividades de que gostaram menos, estas respostas imediatamente, completadas com exemplos de actividades que mais gostaram de realizar. Podemos verificar, esta conclusão pelo relato da/o utente B que refere não gostar tanto do jogo da lona mas interessa-se por outros jogos, apontando ainda que:

“fizemos aqui umas flores muito lindas, gostei muito muito do dia da mãe. Eu sou franca o que eu quero é isto, é viver, é lutar com a minha vida. Porque eu tenho uma vida muito complicada, tenho três dentro da porta tenho que ter muita genica porque sou uma mulher doente mas também tenho recuperado muito”.

Para concluir, importa referir ainda outras categorias da questão 3, como os trabalhos manuais e jogos, mais especificamente, confecção de flores e o bingo, respectivamente.

Quanto às outras questões elaboramos a seguinte tabela:

Tabela 21		
Objectivo da questão	Categoria de codificação	Citações da entrevista
<p>Questão 4</p> <p>Saber se a integração no projecto permitiu uma maior qualidade de vida e de que forma</p>	a) Afirmação	UA – “Eu acho que sim.”; UD – “ Ajudaram, sim.” UH – “Permite sim, ajudou-me muito”;
	b) Alegria	UB – “ Sinto-me mais alegre (...) ”;
	c) Paciência	UC – “ (...) ter mais paciência, ter assim mais calma, inclusive.
	d) Combate ao isolamento	UE - “Ajudam a pessoa a não estar tanto tempo isolada”; UF – “Sinto-me melhor do que estar assim parada ou em casa da minha filha”; UH – “ (...) passo a vida como vê, muito alegre e as vezes nem estou tanto por dentro, mas tenho melhorado, porque era uma pessoa sozinha, isolado e caminhava nesse sentido.”
	e) Convívio	UE – “ (...) conviver umas com as outras.”;
	f) Passar o tempo	UE – “ (...) ajuda a passar o tempo e qualquer nó que temos ele voa”;

	g) Alívio	UG – “a gente até fica mais aliviada de fazer estas actividades do que estar parada.”;
	h) Distracção	UI – “Estou mais distraída”;
	i) Aprendizagem	UI – “(...) nos computadores um pouco mais de instrução.”
<p>Questão 5</p> <p>Detectar dificuldades na execução das actividades</p>	a) Afirmação das dificuldades	UB – “Sim eu sinto dificuldades mas com a ajuda (...) ela vai-nos ensinando e a gente lá vai praticando até estar bem.” UC – “senti e por isso é que perguntava à menina mais do que duas vezes, assim como no computador, e nas outras actividades mas são coisas que eu gosto”; UF – “Algumas são para a minha idade, porque eu nunca fiz isto mas eu tenho gosto e aprendo.” UG - A menina ensinando-nos a gente íamos fazendo não é? Se não ensinasse eu não ia fazer”;
	b) Negação das dificuldades	UA – “Não. Não acho que sejam difíceis, (...) acho que está tudo muito bem para todos...”; UD – “Não, eu acho que não.”; UE – “Não, não, são fáceis. O que é preciso é a gente ter vontade de as fazer. Gostamos, gostamos.”; UI – “Não, são acessíveis às pessoas de idade que aqui estão e à compreensão até das pessoas porque nem todas têm grande instrução.”
	c) Informática	UA – “ O que eu gostava mais era no computador, gostava de saber mais, do que aquilo que sei, não é porque as pessoas não

		ensinam (...) “
<p>Questão 6</p> <p>Entender a receptividade da continuidade do projecto e porquê</p>	a) Afirmação da continuidade	UA – “Acho que sim, é muito importante, é muito importante”; UC – “Sim, isso era óptimo.”; UD – “Acho que uma coisa principal.” UH – “Sim, sim é muito vantajoso.”; UI – “Acho que sim (...) nunca deve desistir de fazer as actividades que fez até aqui.”
	b) Melhorar a qualidade de vida	UA – “a pessoa sente-se mais um bocadinho daquilo do que é porque a gente tem que fazer sempre por melhor”; UB – “Isto é tudo para a gente rir e ficar bem da memória.”; UC – “ (...) nós precisamos de alguém que nos tire da “Serpa torta”, não é do mau caminho, mas que nos leve ao bom caminho que nos faça esquecer das coisas más (...)”; UD – “ (...) a gente abre mais, pronto, tem mais lembranças, assim, de quando era nova e fico mais animada”; UF – “Gosto muito e espero que isto nunca vá ao charco um dia. É um medo que eu tenho (...) a gente perde tudo.”; UG – “eu até tenho que fazer mas deixo o trabalho (...) Mas jogar, fazer ginástica, dançar, fazer estas coisinhas gosto, a gente até se sente melhor (...)”;

Quanto à questão que reporta à qualidade de vida proporcionada pelo projecto, os/as inquiridos/as responderam afirmativamente (tabela 21, Q4, CC a). Essa qualidade de vida reflecte-se na sensação inerente ao público-alvo, sensação que se guia por uma postura de vida mais positiva e de valorização do valor da sua existência, proporcionando momentos de alegria, o rompimento com a solidão, o alívio de tensões e *stress*. O próprio aspecto da convivência harmoniza as relações, desencadeia o afecto, o

conhecimento e uma adequação à perda progressiva das capacidades funcionais. Este conceito – qualidade de vida – estreita-se com o conceito de bem-estar, finalidade deste projecto e que visa desencadear alguns dos processos mencionados pelo público-alvo como alegria, paciência, distração, convívio e aprendizagem (ver tabela 21, categorias de codificação). Contudo, estes não são processos fáceis e isolados pois relacionam-se com as actuações de outros intervenientes, com os estados de saúde, com os percursos de vida e com as estruturas familiares.

De seguida, os/as inquiridos tiveram que reflectir sobre a (s) dificuldade (s) na execução das actividades, aqui pretendíamos perceber a adequabilidade das actividades sobre o ponto de vista dos envolvidos (tabela 21, Q5), até porque várias vezes nos deparamos com a frase: *Isto é muito difícil para a minha idade*. No conjunto das respostas, existe a referência a um determinado grau de dificuldade que está subjacente à novidade da realidade mas que não é vista como impedimento mas como desafio a ser cumprido, principalmente pelo apoio prestado por nós. Podemos compreender isso pelas seguintes afirmações de elementos do público-alvo (Tabela 21): “Sim eu sinto dificuldades mas com a ajuda da nossa dra.,ela vai-nos ensinando e a gente lá vai praticando até estar bem” (UB); “Senti, senti e por isso é que perguntava à menina mais do que duas vezes, assim como no computador, e nas outras actividades mas são coisas que eu gosto” (UC); “Algumas são para a minha idade, porque eu nunca fiz isto mas eu tenho gosto e aprendo.” (UF); “A menina ensinando-nos a gente íamos fazendo não é? Se não ensinasse eu não ia fazer” (UG). Estes são alguns exemplos que nos ajudam a analisar e a reestruturar o nosso trabalho.

Por outro lado, temos os elementos que não consideram as actividades difíceis e apontam como adequadas ao grupo que participa, vejamos alguns exemplos através das afirmações dos/as inquiridos/as: “Não. Não acho que sejam difíceis (...) Eu acho que todas as actividades que têm, acho que está tudo muito bem para todos... todas as pessoas que estão cá”; “Não, não, são fáceis. O que é preciso é a gente ter vontade de as fazer”; “Não, mas admiro muito a pessoa que faz isto, dá estas coisas imaginárias para a gente fazer, porque é uma complexidade de muita coisa”; “Não, são acessíveis às pessoas de idade que aqui estão e à compreensão até das pessoas porque nem todas têm grande instrução.”;

Para terminar, a entrevista aos/às idosos/as foi-lhes colocada a seguinte questão: *Deseja que o lar continue a desenvolver actividades para os seus utentes?*; A questão (tabela 21, Q6), foi formulada a pensar na validação dos princípios da pertinência e eficácia do projecto. As possíveis respostas positivas a esta questão, ajuda-nos a perceber, de forma indirecta, a satisfação do público-alvo pelo projecto, com a tónica dada na continuidade.

Deste modo, a totalidade dos elementos, aposta na continuidade da intervenção, respondendo afirmativamente à questão que lhes foi colocada, justificando-as. As justificações passam pela melhoria da qualidade de vida e promoção de bem-estar que se desdobram em indicadores. A continuidade do projecto fundamenta-se pelo trabalho que faz para a redefinição da identidade do/a idoso/a, pelo afastamento de frustrações e medos, pelo divertimento e cariz lúdico, pelo desenvolvimento das capacidades mentais e físicas, pelas dinâmicas de activação das memórias e lembranças, pela valorização dos saberes e conhecimentos que o público-alvo detém assim como, pelo perfil da equipa do projecto.

Para cumprir com os objectivos da avaliação final, como anteriormente referido, realizamos uma entrevista à directora da instituição. As questões formuladas visam obter dados de análise e reflexão da nossa actuação no contexto, evidenciando as competências profissionais e técnicas, conhecimento sobre cumprimento dos objectivos do projecto, isto é, a adequabilidade do projecto, a pertinência do papel dos licenciados e mestres em Educação mais, especificamente em educação de adultos e intervenção comunitária. Da entrevista realizada conseguimos a seguinte tabela 16:

Tabela 22		
Objectivo da questão	Categoria de codificação	Citações da entrevista
Questão 1 Saber o grau de adequabilidade do projecto	a) Afirmação	“(…) tendo em conta o publico-alvo considero que os objectivos propostos no projecto foram implementados adequadamente”;
Questão 2 Perceber se as características profissionais exigidas no contexto foram cumpridas	a) Afirmação b) Várias áreas de actuação	“Sim considero que a estagiária promoveu estratégias de reforço da auto-estima, comunicação, convivência e ocupação do tempo livre (...) intergeracional, (...) convívio (...) animação cultural, dinâmicas ocupacionais, (...) actividades formativas de expressão cultural (...) TIC”

<p>Questão 3</p> <p>Compilar os aspectos positivos</p>	<p>a) Organização</p> <p>b) Responsabilidade</p> <p>c) Interpessoalidade</p>	<p>“ (...) são o bom sentido de organização, responsável, capacidade de gerir o tempo, independente, criativa, bom espírito de equipa e bom relacionamento interpessoal.”</p>
<p>Questão 4</p> <p>Compilar os aspectos negativos</p>	<p>a) Trabalho em equipa</p>	<p>“ (...) integrar ideias e sugestões de terceiros nas suas práticas profissionais.”</p>
<p>Questão 5</p> <p>Compreender a importância da actuação de um/a técnico/a na área em questão</p>	<p>a) Afirmação</p> <p>b) Competência</p>	<p>“ (...) é importante que um lar ou centro de dia tenha um técnico de educação. (...) pois desenvolve competências que de outra não seriam exploradas”</p>

Desta maneira, conseguimos avaliar de forma genérica a relevância e pertinência deste projecto, alicerçado na sua adequabilidade e características do dinamizador do projecto. Veja-se que pelas declarações da directora técnica (questão 1 e 2, CC. A/A), o projecto orientado por um conjunto de objectivos foi adequado, tendo em conta o contexto em que trabalhávamos, contribuindo para este facto as estratégias adoptadas que se centraram no desenvolvimento de competências de comunicação, relacionamento interpessoal e bem-estar do público-alvo. Sendo que estas formas de operar se cruzam com características do/a animador/a que trabalha na base da organização, da responsabilidade, criatividade e bom relacionamento interpessoal (questão 3, CC, a.,b.,c.).

Para terminar, importa dizer que se volta a frisar por parte de técnicos habilitados, a pertinência de incluir técnicos superiores de educação nas áreas sociais, nomeadamente, no trabalho com a comunidade sénior, reforçando o nosso perfil profissional.

Como síntese dos resultados obtidos verifica-se que as actividades propostas proporcionaram momentos de bem-estar, uma vez que os/as idosos/as tiveram uma participação activa nas actividades propostas, apesar da resistência inicial. Conseguimos perceber esta realidade pelo número médio de participantes iniciais e o número contínuo que se manteve desde Janeiro ao final do estágio, havendo, assim, uma maior adesão por parte dos/as utentes, reactivando a motivação como ponto

fundamental para o bem-estar. Esta evidência fica-se, também, pelos resultados da avaliação final, os quais mereceram da nossa parte reflexão e nos incentivam a uma melhoria contínua da nossa prática. Os resultados também se devem ao respeito pelas individualidades, nunca se obrigou algum elemento do público-alvo a participar involuntariamente, apenas se incentivava cada um, a participar nas actividades, mesmo os/as idosos/as que eram deslocados em cadeira de rodas, era-lhes questionado a vontade de estar em grupo e participar na actividades.

Neste capítulo importa referir a abrangência deste projecto a outros grupos na medida em que se verificou que o grupo de idosos/as autónomos/as que regularmente não participam nas actividades promovidas pelo lar, manifestam interesse em actividades festivas e em saídas ao exterior. É este tipo de espaços que é essencial que se criem pois é necessário à comunidade *o grupo que actua* e o *grupo que aplaude*, base da vivência em comunidade que deve espelhar as vontades de cada um, sob o princípio do respeito pela dignidade humana. Recordemos que “os critérios da avaliação da idade, da juventude ou da velhice, não podem ser os do calendário” (Freire, 1995:56).

CAPÍTULO V

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste capítulo do relatório final propomo-nos fazer um roteiro sobre mais alguns resultados verificáveis da nossa actuação no terreno e as suas implicações. Deste modo, entraremos na reflexão e evidenciação do impacto do estágio a nível pessoal, a nível institucional e a nível de conhecimento na área de especialização.

A primeira consideração a fazer é salientar que o caminho até aqui não foi fácil, a adaptação foi difícil mas os resultados da aprendizagem muito mais proveitosos. Este foi um trabalho extraordinário de aprendizagem: Aprendemos que o nosso tempo não é o tempo dos/as idosos/as e, por isso, existe um ritmo a ser respeitado. Os próprios elementos do público realçavam as próprias aprendizagens e as nossas através dos incentivos, do conhecimento que produziam e pela forma como comunicavam connosco. O facto de questionarem a nossa dedicação, a nossa disponibilidade ao tempo deles, a nossa actuação e as nossas formas particulares de estarmos com eles, constituiu-se uma bagagem de saberes e de conhecimento. Percebemos e decidimos com o tempo que havia muito a fazer antes da hora marcada da (s) actividade (s): ir ao seu encontro, perguntar como estavam, explicar o que íamos fazer e, também, quando resistissem, convidá-los apenas a assistir à actividade.

Algumas vezes, durante as sessões, ouvimos elementos dos grupo dizer que *isto não é para a minha idade*, afirmando que já não tinham habilidade para fazer determinadas tarefas. Contudo, dávamos incentivo para que tentassem mais uma vez e explicávamos que a perfeição não era o objectivo pretendido. Foi gratificante ver a surpresa e satisfação do grupo quando o trabalho estava concluído com sucesso. Este foi um resultado visível mais evidente no ateliê de expressão plástica, de expressão dramática e no ateliê de informática.

Deste modo, percebemos que quando se trabalha com públicos específicos que tem particularidades diferenciadas, exige do responsável capacidade de adaptação e flexibilidade sem nunca perder a postura de orientador, mediador e facilitador. De facto, o/a técnico/a tem quer estar dotado de várias habilidades e competências, principalmente quando apresenta novas ideias e tarefas para a terceira idade realizar. Assim, aprendemos a adaptar a execução das actividades e conhecemos novas formas de realizar tarefas que só foram possíveis no confronto com o terreno. Estas práticas conduziram a uma das competências imprescindíveis da solidariedade e da educação: a aprendizagem faz-se, sobretudo em conjunto.

Umas das análises que consideramos de relevo fazer é os resultados favoráveis apresentados ao longo da avaliação contínua e final. Estes bons resultados, na sua maioria, estão relacionados com diversos factores como por exemplo a não obrigatoriedade de participação nas actividades, pois esta decorria das suas vontades, do seu estado de espírito do momento e interesse. Existindo, exclusivamente, um incentivo e convite da nossa parte à participação, não havendo qualquer tipo de penalidade e modos de actuação de diferenciação dessas pessoas. Resultam também, dos espaços onde foram desenvolvidas as actividades, do *modus operandi* do responsável, dos motivos do grupo de idosos/as que são os mais diversos e distintos, do grau de dependência física e mental, da escolaridade e, principalmente, do percurso biográfico de cada um. Apesar da multiplicidade de factores que exercem influência, há um padrão positivo de interesse e entusiasmo no nosso projecto, por parte do público-alvo. Claro está que fomos realizando algumas alterações ao projecto, como alargamento de tempo/horários para execução de tarefas, respondendo às particularidades, interesses e necessidades do grupo. Estas alterações relacionam-se com a cumplicidade e relação que se foi estabelecendo ao longo do tempo com este grupo, na medida em que com o tempo foi-se quebrando a barreira do desconhecimento e da desconfiança e possibilitam o despontar de uma relação mais sólida que permitiu ver mais além das características superficiais.

Não esquecemos que o trabalho não é independente das acções de outros profissionais, pois essas últimas também interferem no bem-estar da pessoa idosa. Menciona-se, de igual modo, que não conseguimos abranger toda a população idosa do lar, mas sabemos que tentamos fazer o nosso melhor enquanto profissionais e seres humanos. Mesmo que isso acontecesse, os recursos humanos não seriam suficientes para realizar um bom trabalho com as características específicas e particulares de cada um e da terceira idade.

Será este o momento, igualmente para reflectir sobre acções que poderíamos ter realizado e não o fizemos e que poderiam ser propostas a integrarem a reformulação do projecto como: repensar a organização semanal das actividades, estabelecimento de mais parcerias na comunidade para a convivência com o público-alvo, aumento das saídas ao exterior para alguns dependentes, semi-autónomos, autónomos e actualização de materiais adequados à terceira idade.

Com o objectivo de aumentar a auto-estima, este projecto caracteriza-se por uma intervenção alargada, trabalhando em diferentes áreas desde o físico, o psicológico e o social. E, por isso, os ateliês despertaram em cada um, o sentido do sorriso, da alegria, da aprendizagem, da estimulação, da memória/recordação e da partilha. A verdade é que, algumas vezes, fomos invadidos por um

sentimento de *incapacidade*, de querer fazer mais e não poder. Mas, também sabemos que o próprio grupo reconhecia aos poucos que estávamos a dar o nosso melhor para garantir o seu bem-estar.

Não menos importante é a aprendizagem que fazemos em volta do contexto de estágio, ou seja, os conhecimentos que adquirimos sobre a organização e funcionamento da instituição enquanto estrutura de solidariedade social, sujeita a regras e normas de conduta e de qualidade, sobre a realidade socioeconómica do concelho, sobre a problemática da terceira idade, entre outros temas inscritos nestes grandes grupos.

Outra das considerações finais é o não cumprimento linear do plano de estágio relativamente às actividades propostas pois, foi necessário ajustar as actividades a um grupo que era cada vez maior e que demonstrava características distintas mas também pela preponderância do estabelecimento de um plano de animação e ocupação de tempos livres mais extenso e compacto no tempo.

No desenvolvimento do projecto, as acções visaram primar o respeito pelos/as idosos/as no seu espaço político, social e cultural, através da implementação de actividades que estimulassem a autonomia e o autocuidado, não esquecendo o fomento da conscientização da população em geral sobre a necessidade de programas para idosos/as institucionalizados/as. A sociedade e o poder público devem definir a terceira idade como uma das prioridades de investimento que procurem a melhoria da qualidade de vida e a promoção de um envelhecimento saudável estabelecendo parcerias com instituições que trabalham directamente com a população em causa.

Ao longo do trabalho, compreendemos que existe uma diminuição que é natural, no desempenho do idoso/a, contudo esta diminuição pode ser atenuada se forem desenvolvidos com as pessoas da terceira idade, programas de actividades amplas que visem a melhoria das capacidades motoras, sociais, emocionais e intelectuais.

Estas aprendizagens e saberes que emergiram na e pela (in) visibilidade das relações com os diversos intervenientes no percurso de estágio são transportados para “princípios transdisciplinares, configuradores de uma pedagogia transformadora” (Vieira et al., 2004). Assim sendo, uma das aprendizagens reside no próprio *saber* enquanto conhecimento, pois foi enriquecedor o trabalho feito em torno dos saberes e do hetero-conhecimento. Este último teve realmente sentido para nós, visto que o nosso conhecimento, obtido tanto das experiências singulares como das vivências no colectivo, que se construíram em função do meio sociocultural em que estamos inseridos, foram trabalhados sem hierarquização, sendo ponto partida para uma nova etapa de saberes. Este ciclo edificou-se no *saber-ser* que agrega o saber sobre si e o saber sobre o outro, a aceitação das diferenças e a procura da identidade pelo consenso progressivo a respeito dos objectivos do grupo e do meio em que

actuámos. Quanto ao *saber-aprender*, muito impulsionado pela orientadora de estágio, consolidou-se na resolução de problemas tanto individuais como colectivos, na busca autónoma de ferramentas para novos conhecimentos, na auto-organização e na tomada de decisões.

As competências transversais ligam-se com o impacto que o estágio teve a nível institucional e pessoal, enquadrando-se naquilo que Vieira (2004) denomina de *relevância*, na medida em que este princípio de “acção pedagógica completa expectativas, necessidades, ritmos e interesses diferenciados, mobiliza e promove saberes, linguagens e experiências relevantes à futura profissão, promove o contacto com a realidade sócio-profissional e perspectiva o currículo de forma articulada”. Todas estas acções desencadeiam processos importantes para a prática profissional pois desconstroem o medo da tentativa e da formulação de hipóteses e conduz-nos a compreender que os espaços de educação são lugares de troca de conhecimento e devido às relações horizontais que estabelecemos preside a “reconstrução contínua da experiência” (Dewey, 2005:15). Desta forma, em contexto de estágio, somos capazes de reflectir na acção e assim, tornamo-nos em investigadores no nosso contexto prático (Correia, 1993:9).

BIBLIOGRAFIA REFERENCIADA

- Albarello, L. Digneffe, F. Hiernaux, J.-P., Maroy, C., Ruquoy, D., Saint-Georges, P. (1997). *Práticas e métodos de investigação em ciências sociais*. Lisboa: Gradiva.
- Ander-Egg (2002). *Metodología y práctica de la animación sociocultural*. Editorial CCS. Madrid.
- Ander-Egg (1990). *Repensando la investigación-acción participativa*. México: Editorial El Ateneo.
- Antunes, M.C. (2008). *Educação, saúde e desenvolvimento*. Coimbra: Edições Almedina
- Antunes, M. C. (2001). *Teoria e prática pedagógica. Ruptura e ensaios de recontextualização da educação à luz do projecto Rortyano da cultura poetizada*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Berger, Louise & Mailloux-Poirier, Daniell (1994). *Pessoas idosas, uma abordagem global*. Lisboa: Lusodidacta.
- Bogdan, Robert & Blikem, Sari (1994). *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.
- Boutinet, Jean-Pierre (1996). *Antropologia do projecto*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Carrasco, J.G. Dujo, A (1997). Planteamiento sociopolítico de la educación de adultos en sociedades desarrolladas. In Carrasco, J.G. (coord.). *Educación de adultos*. (pp. 1-21). Barcelona: Editorial Ariel.
- Chiavenato, Idalberto (2004). *Recursos humanos: O capital humano das organizações*. São Paulo: Atlas.
- Comissão Europeia. (2000). *Memorando sobre aprendizagem ao longo da vida*. Bruxelas.
- Conferencia Geral da UNESCO. (1976). *Recomendação sobre o desenvolvimento da educação de adultos*. Trad. e apresentação de Maria José Gusmão, António J. Gomes Marques.
- Correia, J. Alberto (actas de 1998). Conferência de abertura do 1º congresso das licenciaturas em ciências da educação - Profissões e espaços sociais in *Educação, sociedade e culturas* nº 24 (2007) (193-208).
- Dewey, John (2005). *A concepção democrática da educação*. Viseu: Livraria Pretexto Editora.
- Dias, J. R. (2009). *Educação. O caminho da nova humanidade: Das coisas às pessoas e aos valores*. Papiro Editora. Porto.
- Fernandes, M. (2005). *Dar Vida aos Anos... Envelhecendo. Uma análise sócio-organizacional de um lar de Idosos*. Universidade do Minho: Instituto de educação e psicologia. Tese de mestrado em educação, área de especialização em educação de adultos.
- Fernández-Ballesteros, Rocío (2000). (coord.) *Gerontología social*. Ediciones Pirámide. Madrid.
- Fonseca, António M. (2005). *Desenvolvimento humano e envelhecimento*. Lisboa: Climepsi Editores.

- Freire, Paulo (1996). *Pedagogia da autonomia*. São Paulo: Paz e Terra.
- Freire, Paulo (1995). *À sombra desta mangueira*. São Paulo: Olho d'Água.
- Guerra, Isabel C. (2002). *Fundamentos e processos de uma sociologia de acção*. O planeamento em Ciências Sociais. Cascais: Principia.
- Grupo de coordenação do plano de auditoria social & CID (2005). *Manual de boas práticas. Um guia para o acolhimento residencial das pessoas mais velhas*. Instituto da Segurança Social, I.P. Lisboa.
- Iturra, Raul (1986). Trabalho de campo e observação participante em Antropologia. Silva, A. Madureira Pinto J. (Org.). *Metodologia das ciências sociais*. Porto: Afrontamento.
- Jacob, Luís (2007). *Animação de idosos: actividades*. Porto: Ambar.
- Laville, Christian & Dionne, Jean. (1999). *A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas*. Belo Horizonte: Editora UFMG.
- Lobo, Maria & Camilo, Joaquim (2006). *Misericórdia de Valongo. 100 anos de solidariedade para com os mais desprotegidos*. Santa Casa da Misericórdia de Valongo.
- Lorda, C. Raúl (2001). *Recreação na terceira idade*. Rio de Janeiro. 3º Edição. Sprint.
- Morin, Edgar (2002). *A Cabeça bem-feita: repensar a reforma reformar o pensamento*. Lisboa. Instituto de Piaget.
- Pacheco, José A. (2002). *Políticas curriculares*. Porto: Porto Editora.
- Quivy, Raymond & Campenhoudt, Luc Van. (2005). *Manual de investigação em ciências sociais*. Lisboa: Gradiva.
- Ranpolph, W. Alan & Posner, Barry (1992). *Planeamento e gestão de projectos*. Lisboa: Editorial Presença.
- Regulamento interno das valências de internamento e centro de dia da Santa Casa da Misericórdia de Valongo.
- Serrano, Glória P. (2008). *Elaboração de projectos sociais. Casos práticos*. Porto: Porto Editora.
- Simões, António (2006). *A nova velhice. Um novo público a educar*. Porto: Ambar.
- Torres, Leonor (2004). Apontamentos da unidade curricular metodologias da investigação em educação da licenciatura em Educação, da Universidade do Minho.
- Trilla, Jaume (2004). (coord.). *Animação socio-cultural. Teorias, programas e âmbitos*. Horizontes pedagógicos. Instituto Piaget.
- UNESCO, (1997). *Conferência internacional sobre a educação de adultos*. Hamburgo.

Úcar, Xavier. & Bernê, Asun (2006). (coords.). *Miradas y diálogos en torno a la acción comunitária*. Barcelona; Editorial Grão.

Vala, Jorge (1986). A análise de conteúdo. A. S. Silva & J. M. Pinto (orgs). *Metodologia das Ciências Sociais*. Lisboa: Afrontamento.

Vieira, Flávia (2005). Transformar a pedagogia na universidade? – Universidade do Minho, Instituto de Educação e Psicologia. in *Currículo sem fronteiras*, v.5, n.1, pp.10-27, Jan/Jun 2005.

Zimmerman, I. Guite (2000). *Velhice. Aspectos biopsicossociais*. Porto Alegre: Artmed.

Bibliografia consultada

Canário, R. (1999). *Educação de Adultos. Um campo e uma problemática*. Lisboa: Educa (pp:11-22)

Sites consultados

www.ine.pt (Agosto de 2011)

Anexos e/ou Apêndices

Anexo 1 - Exemplar de inquérito por questionário aplicado aos utentes do lar e centro de Dia

Número de questionário: _____

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Nome:	_____
Utente (Serviço):	_____
Data de Nascimento:	_____
Sexo:	_____
Estado civil:	
Casado/a <input type="checkbox"/>	Solteiro/a <input type="checkbox"/>
Viúvo/a <input type="checkbox"/>	Divorciado/a <input type="checkbox"/>
Grau de escolaridade	_____
Profissão(ões)	_____
Quanto tempo frequenta o respectivo serviço?	_____

BREVE CARACTERIZAÇÃO FAMILIAR DO IDOSO

Composição do agregado familiar:

(Aplicável apenas a utentes do lar) Recebe visitas? De quem?

Como considera o seu estado de saúde?	
Excelente	<input type="checkbox"/>
Muito bom	<input type="checkbox"/>
Bom	<input type="checkbox"/>
Razoável	<input type="checkbox"/>
Fraco	<input type="checkbox"/>

DEPENDÊNCIA DO IDOSO

Grau de dependência global do idoso	
Autónomo, não necessita de apoio	<input type="checkbox"/>
Necessita de pequenos apoios na vida quotidiana e no apoio à mobilidade	<input type="checkbox"/>
Necessita de apoio na higiene pessoal, tarefas de vida quotidiana e na mobilidade	<input type="checkbox"/>

Capacidade Física e Funcional	
Higiene pessoal	
Faz a sua higiene sem dificuldades	<input type="checkbox"/>
Necessita de ajuda parcial	<input type="checkbox"/>
Necessita de ajuda total	<input type="checkbox"/>
Vestir-se	
Não necessita de ajuda	<input type="checkbox"/>
Necessita de ajuda total	<input type="checkbox"/>
Necessita de ajuda parcial	<input type="checkbox"/>
Actividades Sensoriais	
Fala	<input type="checkbox"/>
Exprime-se sem dificuldades	<input type="checkbox"/>
Exprime-se com dificuldades	<input type="checkbox"/>
Visão	
Vê sem dificuldades	<input type="checkbox"/>
Vê com dificuldades	<input type="checkbox"/>
Vê com dificuldades severas	<input type="checkbox"/>
Actividades Locomotoras	
Efectua sem dificuldades	<input type="checkbox"/>
Necessita de ajuda parcial ou de apoio	<input type="checkbox"/>
Necessita de ajuda humana total ou de uma cadeira elevatória	<input type="checkbox"/>
Refeições	
Faz sem dificuldades	<input type="checkbox"/>
Necessita de ajuda parcial ou de apoio	<input type="checkbox"/>
Necessita de ajuda total	<input type="checkbox"/>

ACTIVIDADES

Como ocupa os seus tempos livres diariamente?

Como gostaria de ocupá-los?

Quais as tradições e costumes locais que gostaria que fossem de novo recuperados?

Gostava de realizar actividades com crianças e/ou jovens?

Sim ☐

Não ☐

Não sabe ☐

Gostava de receber cartas/ surpresas de um/a amigo/a secreto/a?

Sim ☐

Não ☐

Não sabe ☐

Gostava que se realizarem acções de esclarecimento sobre alguns temas?

Sim ☐

Não ☐

Não sabe ☐

Quais?

Actividades nas quais gostaria de participar ou desenvolver	Gostava muito	Gostava	Não gostava	Sem resposta
Trabalhos manuais	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Informática	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Desportivas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Comemorar dias festivos (Natal, Reis, Dia dos Namorados, Dia do Pai e da Mãe, entre outros)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Leitura	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Escrita	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Música	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Poesia	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Visualização de filmes	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Tradições – Adivinhas, Anedotas e Provérbios	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Jardinagem	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Jogos – Baralho de cartas, dominó, damas e promoção de	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

torneios				
Outras Quais?	<input type="checkbox"/>			

Para si o que é ser uma pessoa idosa?

Observações:

Anexo 2 - Dados recolhidos dos inquéritos por questionário: Avaliação das necessidades /interesses

1. Serviço	
Centro de Dia	7
Lar	10

	3. Idade
1	74
1	75
2	78
4	80
1	81
2	82
2	83
1	85
1	95
2	Não se recorda

4. Sexo	
Masculino	2
Feminino	15

4. Grau de escolaridade	
Não sabe ler nem escrever	4
3º Classe (antiga)	4
Curso de professora primária	2
Saber ler e escrever	2
4º Ano	4
Liceu	1

5. Estado Civil	
Casado/a	1
Solteiro/a	3
Viúva/o	11
Divorciado/a	2

6. Profissão	
Indústria diversa	3
Serralheiro	1
Não respondeu	1
Limpezas, porteiro e escritório	1
Agricultura	2
Empregada doméstica	4
Britadeira nas minas	1
Professora Primária	2

Governanta	1
Café	1
Regente Escolar e administrativa	1

7. Como considera o seu estado de saúde?	
Excelente	0
Muito Bom	1
Bom	2
Razoável	12
Fraco	2

8. Grau de dependência global do idoso	
Autónomo, não necessita de apoio	13
Necessita de pequenos apoios na vida quotidiana e no apoio à mobilidade	4
Necessita de apoio na higiene pessoal, tarefas de vida quotidiana e na mobilidade	0

9. Como ocupa os seus tempos livres diariamente?
Ginástica
Actividades da vida diária - AVD (refeições, tomar banho, limpezas)
Crochet
Ler jornal
Ver televisão
Passeios
Exercitar o corpo
Jogar dominó
Conversar
Ler
Passar o tempo no centro de dia
Dormir

10. Como gostaria de ocupá-los?
Não sei, não tenho vontade de fazer nada. Gostava de ver grupos de música populares, fados e teatros
Caminhar e distrair com outras pessoas
Aprender a usar o computador
Passeios
Teatro
Qualquer coisa/ Fazer qualquer trabalho
Gosto de apoiar os mais necessitados
Jogar o quino, a malha, a macaca
Trabalhos manuais
Desenhos
Não quero fazer nada

Gostava de ver pessoas para fazer rir.
--

11. Quais as tradições e costumes locais que gostaria que fossem de novo recuperados?

Não me lembro. Os meus pais não me deixavam fazer muita coisa.

A Macaca

Fazer versos antigos e versos de música

Não me lembro.

Não tinha tempo para jogos. Dedicava-me às limpezas

Estive em Moçambique, não me recordo de nada

A "glória", a macaca e o peão.

Jogo da "choca", bola de madeira

12. Gostava de realizar actividades com crianças e/ou jovens?

Sim	13
Não	0
Não sabe	2
Sem resposta	2

13. Gostava de receber cartas/ surpresas de um/a amigo/a secreto/a?

Sim	10
Não	5
Não sabe	0
Sem resposta	2

14. Gostava que se realizarem acções de esclarecimento sobre alguns temas?

Sim	14
Não	1
Sem resposta	2

Quais?

Religião. Teatro.

Alimentação

Música.

15.		
Idade dos utentes do centro de dia	1	40
	1	48
	2	58
	1	60
	1	63
	2	65
	1	70

	1	72
	1	75
	1	76
	2	77
	3	80
	2	82
	2	85
	2	86
	1	88
	24	70,3

Anexo 3 – Exemplar do inquérito por questionário de avaliação

Este inquérito visa avaliar a *feira de natal* do lar de idosos a fim de melhorar ou dar continuidade às nossas práticas. Pedimos-lhe que, por favor:

- Assinale (com um X) ou escreva a sua resposta no espaço destinado a cada questão;
- Responda de acordo com o que pensa;

Este inquérito é anónimo, por isso não necessita de escrever o seu nome.

Nº de inquérito: _ _

1. Sexo: 1.1.Feminino ☐ 1.2. Masculino ☐

2. Idade: _____

3. Questões relacionadas com a avaliação da actividade “Festa de Natal”:

3.1. Na globalidade, qual o seu grau de satisfação em relação à festa de Natal?

Nada satisfeito/a ☐ Pouco satisfeito/a ☐

Satisfeito/a ☐ Muito satisfeito/a ☐

3.2. Gostou do vídeo projectado sobre os/as utentes do Lar/centro de Dia?

Sim ☐ Não ☐ Não vi ☐

3.3. Gostou da actuação dos/as utentes do Lar/Centro de Dia nas danças e na peça de teatro?

Sim ☐ Não ☐ Não vi ☐

3.4. Gostou da dança do grupo de Hip/Hop?

Sim ☐ Não ☐ Não vi ☐

3.5. Gostou das actuações do grupo recreativo e dramático da Retorta?

Sim ☐ Não ☐ Não vi ☐

3.5.1. Quais as actuações que gostou mais do grupo? (Selecione as opções que quiser)

Dança ☐ Teatro ☐ Fado ☐

3.6. Tem alguma (s)

sugestão(ões)? _____

4. Gostou de participar na peça de teatro "A velhinha e os amigos"?

Sim ☐ Não ☐ Não vi ☐

5. Considera que os ensaios foram suficientes?

6. O cenário e guarda-roupa das personagens estava:

Nada adequado ☐ Pouco adequado ☐

Adequado ☐ Muito adequado ☐

7. Voltaria a participar neste tipo de actividades?

Sim ☐

Não ☐

Talvez ☐

8. Gostou de participar nas danças apresentadas?

Sim ☐

Não ☐

9. Voltaria a participar neste tipo de actividades?

Sim ☐

Não ☐

Talvez ☐

10. Sugestões: _____

Anexo 4 - Dados do inquérito por questionário no âmbito da “Festa de Natal”

1. Sexo	
Feminino	12
Masculino	3
Total	15
2. Idade	
Dos 70 aos 75	1
Dos 76 aos 81	8
Dos 82 aos 87	6
Total	15

	Sim	Não	Não vi
3.2. Gostou do vídeo projectado sobre os/as utentes do Lar/centro de Dia?	14	0	1
	Sim	Não	Não vi
3.3. Gostou da actuação dos/as utentes do Lar/Centro de Dia nas danças e na peça de teatro?	15	0	0
	Sim	Não	Não vi
3.4. Gostou da dança do grupo de Hip/Hop?	10	1	4
	Sim	Não	Não vi
3.5. Gostou das actuações do grupo dramático e recreativo?	14	0	1
	Dança	Teatro	Fado
3.5.1. Quais as actuações que gostou mais do grupo? (Seleccione as opções que quiser)	10	8	10

3.6. Tem alguma (s) sugestão (ões)?
"Não tenho, achei tudo bem"
"É sempre agradável que nos sejam mostrados vários espectáculos dos nossos jovens que nos dão sempre muita alegria."
"Agradecer e que estão todos de parabéns"
"Gostei de tudo"
"Podia ser feito mais vezes"
"Menos repetição nas danças do grupo recreativo da retorta."
"Não me lembro de algumas coisas, mas gostei da festa"

Anexo 5 - Dados do inquérito aplicado apenas aos intervenientes nas actuações da festa de natal –
questões inseridas no inquérito “Festa de Natal”

	Sim	Não	Outra
4. Gostou de participar na peça de teatro "A velhinha e os amigos"?	5	0	0
	Sim	Não	Outra
5. Considera que os ensaios foram suficientes?	4	1	0
6. O cenário e guarda-roupa das personagens estava:			
Nada adequado	0		
Pouco adequado	0		
Adequado	3		
Muito adequado	2		
	Sim	Não	Talvez
7. Voltaria a participar neste tipo de actividades?	5	0	0
	Sim	Não	
8. Gostou de participar nas danças apresentadas?	5	0	
	Sim	Não	Talvez
9. Voltaria a participar neste tipo de actividades?	5	0	0
10. Sugestões:			
"Gostei muito das nossas actuações"			
"A roupa para a dança podia ser outra"			

Anexo 6 - Exemplar de inquérito por questionário de avaliação

Este inquérito visa avaliar as actividades que foram desenvolvidas no lar de idosos. Esta prática tem como finalidade melhorar ou dar continuidade às nossas acções. Pedimos-lhe que, por favor:

- Assinale (com um X) ou escreva a sua resposta no espaço destinado a cada questão;

- Responda de acordo com o que pensa;

Este inquérito é anónimo, por isso não necessita de escrever o seu nome.

Nº de inquérito: _ _

1. Sexo: 1.1.Feminino ☐ 1.2. Masculino ☐

2. Idade: _____

3. Gostou de participar no *Painel dos desejos de Ano Novo*?

Não gostei ☐ Gostei pouco ☐ Gostei ☐ Gostei muito ☐ Não aplicável ☐

4. Gostou de participar na Festa de natal do CAT (Centro de Acolhimento Temporário)?

Não gostei ☐ Gostei pouco ☐ Gostei ☐ Gostei muito ☐ Não aplicável ☐

5. Gostou do filme do Atelier de Cinema: “O nascimento de Cristo”?

Não gostei ☐ Gostei pouco ☐ Gostei ☐ Gostei muito ☐ Não aplicável ☐

6. Gostou de elaborar flores em pano branco, símbolo de Ano Novo?

Não gostei ☐ Gostei pouco ☐ Gostei ☐ Gostei muito ☐ Não aplicável ☐

7. Gostou de participar na actividade do Dia de Reis?

Não gostei ☐ Gostei pouco ☐ Gostei ☐ Gostei muito ☐ Não aplicável ☐

8. Quais das seguintes actividades gostou mais?

8.1.Painel dos desejos de Ano Novo ☐

8.2.Festa de Natal do CAT (Centro de Acolhimento Temporário) ☐

8.3.Elaboração de flores de pano, símbolo de Ano Novo ☐

8.4.Comemoração do Dia de Reis ☐

8.5. Filme “Nascimento de cristo” ☐

8.6.Gostei de todas as actividades que participei ☐

8.7. Não gostei das actividades que participei ☐

9. Sugestões: _____

Anexo 7 – Dados complementares do 2º inquérito por questionário da avaliação contínua

1. Sexo	
Feminino	9
Masculino	0
Total	9
2. Idade	
Dos 76 aos 81	6
Dos 82 aos 87	3
Total	9

8. Quais das seguintes actividades gostou mais?	
Painel dos desejos de Ano Novo	0
Festa de Natal do CAT (Centro de Acolhimento Temporário)	2
Elaboração de flores de pano, símbolo de Ano Novo	1
Comemoração do Dia de Reis	0
Filme “Nascimento de cristo”	3
Gostei de todas as actividades que participei	5
Não gostei das actividades que participei	0

Anexo 8 - Exemplar do inquérito por questionário – Avaliação de Janeiro a Março

Este inquérito visa avaliar as actividades que foram desenvolvidas no lar. Esta prática tem como finalidade melhorar ou dar continuidade à nossa intervenção. Pedimos-lhe que, por favor:

- Responda de acordo com o que pensa;

Este inquérito é anónimo, por isso não é necessário escrever o seu nome.

Nº de inquérito: _ _

1. Sexo: 1.1.Feminino ☐ 1.2. Masculino ☐

2. Idade: _____

3. De modo geral, como avalia as actividades em que participou até ao momento?

Nada interessantes ☐ Pouco interessantes ☐ Interessantes ☐ Muito interessantes ☐

4. Considera importante desenvolver actividades diversas no Lar?

Sim ☐ Não ☐ Não sabe/não responde ☐

a. Porquê?

Caso o/a idoso/a não participe em determinado grupo de actividades, passar para o grupo de actividades nas quais participa.

Intergeracionalidade

5. Como classifica as actividades nas quais esteve em interacção com crianças?

Não gostei ☐ Gostei pouco ☐ Gostei ☐ Gostei muito ☐ Não sabe/não responde ☐

a. Voltaria a participar neste tipo de actividades?

Sim ☐ Não ☐ Talvez ☐

Festas

6. Das opções abaixo, assinale a sua posição quanto à festa de Carnaval.

Não gostei ☐ Gostei pouco ☐ Gostei ☐ Gostei muito ☐ Não sabe/não responde ☐

Atelier de expressão artística

7. Das opções abaixo, assinale a sua posição quanto aos trabalhos manuais.

Não gostei ☐ Gostei pouco ☐ Gostei ☐ Gostei muito ☐ Não sabe/não responde ☐

Animação motora

8. Das opções abaixo, assinale a sua posição quanto à animação motora.

Não gostei ☐ Gostei pouco ☐ Gostei ☐ Gostei muito ☐ Não sabe/não responde ☐

Jogos “Anima”

9. Das opções abaixo, assinale a sua posição quanto aos jogos realizados.

Não gostei ☐ Gostei pouco ☐ Gostei ☐ Gostei muito ☐ Não sabe/não responde ☐

Atelier do Cinema

10. Gostou dos vídeos/filmes projectados?

Sim ☐ Não ☐ Não sabe/não responde ☐

Atelier das letras

11. Das opções abaixo, assinale a sua posição quanto ao *atelier das letras*?

Não gostei ☐ Gostei pouco ☐ Gostei ☐ Gostei muito ☐ Não sabe/não responde ☐

Atelier de Informática

12. Gostou de estar em contacto com os computadores?

Sim ☐ Não ☐ Não sabe/não responde ☐

12.1. Gostou do que aprendeu?

Sim ☐ Não ☐ Não sabe/não responde ☐

12.2. Considera que a estagiária dirige bem as sessões?

Sim ☐ Não ☐ Não sabe/não responde ☐

12.3. O que poderia melhorar nas sessões de informática?/Ou o que gosta mais de fazer nas sessões?

13. Tem alguma (s) actividade (s) que gostasse de participar e, ainda não teve oportunidade de o fazer?

Sim ☐ Não ☐ Não sabe/não responde ☐

13.1. Se sim, qual? _____

14. Considera que o trabalho que tenho desenvolvido no lar contribui para o seu bem-estar?

Sim ☐ Não ☐ Não sabe/não responde ☐

15. Considera ter aprendido algo de novo/ ou fez algo que não nunca tinha feito e gostou de o realizar ao longo das actividades?

Sim ☐ Não ☐ Não sabe/não responde ☐

16. Tem alguma sugestão para fazer?

Sim ☐

Não ☐

16.1. Se sim, qual?

Obrigado pela colaboração.

17. Respostas dadas pelos/as utentes à questão 4.1

4.1. Porquê?
" Porque assim não fico parada e enquanto se faz alguma coisa o cérebro está a trabalhar"
"Porque para nós é muito importante, assim a gente distrai-se"
"Porque faz bem à saúde. Porque se a pessoa está fechada é pior"
"Passa-se melhor o tempo"
"Porque mantém activas as mentalidades"
"Para passar o tempo e entreter, senão é só tristezas"
"Porque sempre há actividades para fazer. Há vontade de as fazer"
"Porque comunico com as pessoas do lar"
"Considero que devia haver mais actividades físicas"
"Porque colocam em actividade os utentes fazendo com que o tempo passe mais depressa."
"Para passar o tempo aqui"
"Porque ajuda os idosos a passar o melhor o tempo"
"é muito bom, porque senão ficamos cansadas"
"Para a gente se distrair um pouco e passa-se melhor o tempo"
" Não sei porquê, mas gosto"
"é importante para a gente se entreter"

28. Respostas dadas pelos utentes à questão 16.1.

16.1. Se sim, qual?
" A menina trabalha muito e faz coisas bonitas"
"Gosto muito de falar com a menina"

"Espero que fique para aqui muitos meses ou muito tempo"
"Tenho sempre receio de não fazer bem as actividades, por isso, não participo tanto"
"Nunca falte até eu aqui estar"
"Tem muita imaginação e é muito activa"
"Que faça cada vez mais porque precisamos"
"O que a menina me der eu faço-o de boa vontade"
" A menina Marta têm competência , tem muita educação"
"Gostava de realizar mais vezes informática"
"Quero aprender mais alguma coisa"
"Para continuar o trabalho que até tem jeito"
"Quero que seja bem atendida e respeitada"

Anexo 9 - Inquérito por questionário - Avaliação de Abril a Junho

Este inquérito visa avaliar as actividades que foram desenvolvidas no lar. Esta prática tem como finalidade averiguar os resultados da nossa intervenção. Pedimos-lhe que, por favor:

- Responda de acordo com o que pensa;

Este inquérito é anónimo, por isso não é necessário escrever o seu nome.

Nº de inquérito: _ _

1. Sexo: 1.1.Feminino ☐

1.2. Masculino ☐

2. Idade: _____

3. De modo geral, como avalia as actividades em que participou até ao momento?

Nada interessantes ☐

Pouco interessantes ☐

Interessantes ☐

Muito interessantes ☐

Caso o/a idoso/a não participe em determinado grupo de actividades, passar para o grupo de actividades nas quais participa.

Intergeracionalidade

4. Como classifica as actividades nas quais esteve com crianças e jovens?

Não gostei ☐

Gostei pouco ☐

Gostei ☐

Gostei muito ☐

Não sabe/não responde ☐

4.1. Voltaria a participar neste tipo de actividades?

Sim ☐

Não ☐

Talvez ☐

Animação social

5. Das opções abaixo, assinale a sua posição quanto às visitas do Rancho Folclórico “As Padeirinhas de Valongo”.

Não gostei ☐

Gostei pouco ☐

Gostei ☐

Gostei muito ☐

Não sabe/não responde ☐

6. Gostou de participar na iniciativa do *mês do coração* com a visita ao Fórum Cultural de Ermesinde?

Sim ☐

Não ☐

Talvez ☐

7. Gostou de preparar e/ou festejar os Santos populares?

Sim ☐

Não ☐

Talvez ☐

Atelier de expressão artística

8. Das opções abaixo, assinale a sua posição quanto aos trabalhos manuais.

Não gostei ☐

Gostei pouco ☐

Gostei ☐

Gostei muito ☐

Não sabe/não responde ☐

Animação motora

9. Das opções abaixo, assinale a sua posição quanto à animação motora.

Não gostei ☐ Gostei pouco ☐ Gostei ☐ Gostei muito ☐ Não sabe/não responde ☐

Jogos “Anima”

10. Das opções abaixo, assinale a sua posição quanto aos jogos realizados. (Bingo, Bowling, Atiro Alvo, Jogo dos Arcos, Jogo das latas;)

Não gostei ☐ Gostei pouco ☐ Gostei ☐ Gostei muito ☐ Não sabe/não responde ☐

Atelier do Cinema

11. Gostou dos vídeos de fotos dos utentes do lar/centro de dia, filme da vida de “Jesus” e a “Canção de Lisboa”?

Sim ☐ Não ☐ Não sabe/não responde ☐

Atelier das letras

12. Das opções abaixo, assinale a sua posição quanto ao *atelier das letras*?

Não gostei ☐ Gostei pouco ☐ Gostei ☐ Gostei muito ☐ Não sabe/não responde ☐

Atelier de Informática

13. Gostou de estar em contacto com os computadores?

Sim ☐ Não ☐ Não sabe/não responde ☐

13.1. Considera que a estagiária dirige bem as sessões?

Sim ☐ Não ☐ Não sabe/não responde ☐

13.2. Gostaria de continuar a ter aulas de informática?

Sim ☐ Não ☐ Não sabe/não responde ☐

14. Considera que o trabalho que fiz no lar contribui para o seu bem-estar?

Sim ☐ Não ☐ Não sabe/não responde ☐

15. Aprendeu algo de novo com as actividades em que esteve presente?

Sim ☐ Não ☐ Não sabe/não responde ☐

16. Tem alguma (s) sugestão (ões) para fazer para a melhoria das actividades do lar?

Sim ☐ Não ☐

16.1. Se sim, qual (ais)?

Obrigado pela colaboração.

17. Respostas dadas pelos/as utentes à questão 16.1.

"Está tudo perfeito em tudo"
"A menina sabe o que faz"
"Gosto de fazer teatro e brincadeiras"
"Gosto de cantar músicas e dizer versos; podíamos fazer um campeonato de versos e depois o melhor tinha um prémio"
"Fazer coisas boas para o lar"
" Eu quero que continue que é uma mulher fixe, que é para a gente andar alegre e contente"
"O que eu lhe posso dizer é que desejo tudo de bom"

Anexo 10 - Dados das Entrevistas aos/às utentes – Avaliação Final

1. Gostou de estar integrado nas actividades realizadas no lar?

Utente A: Gostei sim, porque acho que é muito bom para as pessoas de certa idade, assim como eu, não é? E, muitas piores do que eu e melhores do que eu. Mas acho sempre muito bom, porque torna as pessoas mais activas e acho que sim, está muito bem.

Utente B: Gostei sim, gostei muito.

Utente C: Sim, sim. Gosto de estar nas actividades porque estou a aprender umas coisas e a distrair-me e a falar com uma pessoa como a menina que é uma pessoa enfim que sabe, como é que hei-de dizer, sabe conduzir as pessoas de idade, mas sabe conduzir a sério? E é esse o motivo pelo qual eu gosto.

Utente D: Ai, isso gostei muito. Porque anima a gente, faz com que a gente esteja mais animada aqui, senão estamos aqui todos a chorar.

Utente E: Muito e oxalá que se repita por muitos anos e que a menina, doutora continua a estar aqui para nos dar o prazer de a gente se entreter.

Utente F: Gostei muito. Gosto porque são carinhosas e aprendo.

Utente G: Gostei muito, porque a gente já é de idade e até dá gosto a gente *tar* assim a trabalhar, fazer estas coisas, aprendesse, não é?

Utente H: Gostei porque ajuda a passar o tempo e aprendemos coisas que não sabíamos.

Utente I: Gostei e muito porque activaram parte das pessoas idosas que não tem que fazer e esta senhora fez muitas actividades.

2. O que mais gostou?

Utente A: Não, eu até gostei de tudo, gostei mesmo de tudo.

Utente B: Gostei muito de fazer os coelhinhos... Gosto muito de dançar, gosto muito de cantar, gosto de fazer marchas populares... gosto muito de fazer estes vasilhinhos pelo S. João, fazer ursinhos também, nas garrafas, coisas importantes, ficar as mãozinhas que ficam agarradas... fizemos, também, aqui vasos para as plantas com garrafas, que coisa mais linda que estava, eu sei lá. Gosto muito de estar aqui, muito de fazer coisas, e gosto muito desta dra.

Utente C: Tudo que faço com a menina, gosto. Tenho muito prazer de fazer, sempre, sempre.

Utente D: Eu gosto muito é dos computadores.

Utente E: O que gostei muito de fazer foi de Luís de Camões no Carnaval.

Utente F: Ai aquelas orelhinhas das flores que parecia orelhinhas de gato e aqueles arquinhos, aqueles que tinha um botão, gostei muito de aprender. E gostei muito de fazer manjericos que nunca fiz, os de cartolina e os de vaso. Gosto muito de fazer os trabalhos manuais.

Utente G: Aquelas florzinhas, gostei muito e gostei daquelas coisinhas que parecem uns cadeeiros em papel, eu tenho lá um, eu fiz lá em casa e agora pôs um frasco dos grandes de café e está tão lindo que eu sei lá. A minha netinha pôs em baixo e em cima uma coisa como a decorar ficou muito bonita.

Utente H: Essas actividades que tem tido aqui, essas diversões, tenho gostado bastante disso. Gosto de jogar esses exercícios que tem a bola, as garrafas, no cestinho, etc. Eu gosto muito, como tudo em geral.

Utente I: A mim o que me marcou mais foi os computadores.

3. O que menos gostou?

Utente A: Por exemplo o que passava mais por alto? (*sim, exactamente*). Quer dizer, esta coisa do bingo, também não me interessa assim muito, não é assim nada de especial. Mas gosto de assistir, se vão todos... todos querem ganhar... e eu nunca ganhei nada, a gente, também gostava de ganhar.

Utente B: Não gosto muito daquele papel que tem vermelho, roxo, laranja, tá muito pertinho e não se pode jogar mas aquele que tem 4 ou 5 rodas (*o atiro ao alvo*), adoro, até é para rir, a gente vai com a malha... o jogo da lona não gosto tanto porque a malha pincha muito. Fizemos aqui umas flores muito lindas, gostei muito do dia da mãe. Eu sou franca o que eu quero é isto, é viver, é lutar com a minha vida. Porque eu tenho uma vida muito complicada, tenho três dentro da porta tenho que ter muita genica porque sou uma mulher doente mas também tenho recuperado muito.

Utente C: Há actividades que se fez aqui que custa mais a fazer ... (*Não lhe estou a perguntar a dificuldade das actividades mas se não gostou de algo.*) Então, não tenho nada, no fundo, gostei, gostei.

Utente D: Não me recorde de nada assim...

Utente E: Eu não me recorde porque até gosto de fazer tudo. Eu gosto de fazer coisas assim de brincadeiras, tortas, quanto mais tortas para mim melhor.

Utente F: Custava-me a fazer estas florzinhas das faixas, as vezes não entrava bem, mas gostei de aprender. E aquelas florzinhas de papel, que até fiz uma para o meu genro, até calhou muito bem. (*Mas o que menos gostou de fazer?*) Não, não pra agora tem-me caído tudo muito bem.

Utente G: Acho que não, acho que não fizemos nada que não gostasse. Do bingo gostei muito não é? Gostei de tudo, e de todos os jogos que fizemos.

Utente H: O que menos gosto? Nem sei dizer o que menos gosto. Claro que há coisas com menos importância como seja... Eu gosto de tudo. Há coisas menos valorizadas como por exemplo fazer uma rosa, é muito útil, mas para certas pessoas como eu que não estão dentro da costura. Mas eu faço tudo, se a pessoa que estiver supervisionando achar útil eu faço.

Utente I: Não tenho. Não tenho mesmo nada, não tenho indicação de nada que tenha gostado pouco.

4. As actividades nas quais estive integrado permitiram uma maior qualidade de vida?

Utente A: Eu acho que sim.

Utente B: Sinto-me mais alegre, mais... embora vá para a cama toda “arrebentadinha” mas lá vou andado toda contente.

Utente C: Exactamente ter melhor qualidade de vida, ter mais paciência, ter mais, assim mais calma, inclusive. É claro, eu sou aquela pessoa que estou sempre com aquela ânsia e, além da impressão do meu corpo, estou num sofrer propriamente dito e, as vezes, é claro que “a gente vai assim aos arames”.

Utente D: Ajudaram, sim. Por isso, é que eu não quero que a menina vá embora.

Utente E: Ajudam a pessoa a não estar tanto tempo isolada, conviver umas com as outras e ajuda a passar o tempo e qualquer nó que temos na garganta, voa.

Utente F: Sinto melhor do que estar assim parada ou em casa da minha filha, só há uma coisa que eu não gosto muito é o livro, o caderno e assim já digo a verdade já sei escrever as letras do 1º nome mais nada não sei, já não tenho cabeça para isso. Olhe gosto muito de pintar, adoro pintar bonecos, gostei de pintar aquela borboleta grande, a minha filha disse que ela estava bonita e parece que pinte um cãozinho, ajeito-me muito bem a pintar.

Utente G: Melhor, a gente até fica mais aliviada de fazer estas actividades do que estar parada.

Utente H: Permite sim, ajudou-me muito porque eu antes, ficava sempre com o meu pensamento o que vai ser o que não vai ser, e com estas actividades e com a assistência que dão aqui no lar e completada com essas diversões eu passo a vida como vê, muito alegre e as vezes nem estão tanto por dentro, mas tenho melhorado, porque era uma pessoa sozinha, isolado e caminhava nesse sentido. Eu só com muito tempo é que me dou a conhecer.

Utente I: Sim, sim, permitiram sim. Estou mais distraída e, por exemplo nos computadores um pouco mais de instrução, etc...etc...

5. Em algum momento sentiu-se dificuldades na realização das actividades? Quais? Porquê?

Utente A: O que eu gostava mais era no computador, gostava de saber mais, do que aquilo que sei, não é porque as pessoas não ensinam, até ensinam bem, a cabeça é que já não dá para mais.

(Mas acha que as actividades são difíceis?)

Não. Não acho que sejam difíceis, só mesmo para alguma pessoa esteja tapada de um certo jeito. Eu acho que todas as actividades que têm, acho que está tudo muito bem para todos... todas as pessoas que estão cá.

Utente B: Sim eu sinto dificuldades mas com a ajuda da nossa dra., ela vai-nos ensinando e a gente lá vai praticando até estar bem, e *‘tá-se porreiro*. Apesar de na maré estar-se nervosa “lá se vai ao tempo antigo lá se vai ao tempo moderno”.

Utente C: Senti, senti e por isso é que perguntava à menina mais do que duas vezes, assim como no computador, e nas outras actividades mas são coisas que eu gosto. *(Mas fez alguma actividade que considera-se pouco apropriada?)* Ai, não, não. Tudo o que fiz aqui com a menina, já lhe disse, eu gostei de tudo e gosto e estou pronto a fazer outra vez.

Utente D: Eu sinto que não posso fazer *(aponta para as pernas)*. *(Quer dizer que as suas dificuldades resumem-se às limitações motoras mas acha que as actividades são difíceis de se fazerem?)* Não, eu acho que não.

Utente E: Não, eu quando fazia as marchas eu dançava era quase das primeiras, eu virava-me que eu parecia um vira-vento. Chegamos a fazer um rancho em Ermesinde, viramos assim, e depois assim eu era a que abanava mais o rabo. *(Mas nas actividades que fez recentemente, acha que são muito difíceis?)* Não, não, são fáceis. O que é preciso é a gente ter vontade de as fazer. Gostamos, gostamos. Por isso, é que nós pedimos ao Sr. Provedor que não fosse embora para ficar aqui *(muito obrigado, são muito carinhosos)*. Isto é para levar para a faculdade? *(Sim)*. Então vou dizer uma quadra ao Sr. Doutor da faculdade: “Sr. Doutora, a Dra. Marta faz coisas muito lindas e muito depressa, dê-lhe o canudo que ela tanto merece.”

Utente F: Sim um bocadinho. Sinto assim dificuldades a fazer por exemplo, coisas que eu, as vezes, tenha medo que não calhe bem, tenho dificuldade, mas se atear vou indo. *(Mas acha que as actividades são difíceis?)* Algumas são, para a minha idade, porque eu nunca fiz isto mas eu tenho gosto e aprendo. Gostei aprender de tudo pois também ensinei as minhas filhas a fazer tudo.

Utente G: A menina ensinando-nos a gente iam fazendo não é? Se não ensinasse eu não ia fazer.

Utente H: As dificuldades são essas: ou fica melhor feito ou pior feito. *(Mas acha que as actividades são difíceis?)* Não, mas admiro muito a pessoa que faz isto, dá estas coisas imaginárias para a gente

fazer, porque é uma complexidade de muita coisa e parece uma profissional e uma pessoa fica a pensar.

Utente I: Não, não. (*Acha que as actividades são difíceis?*) Não, são acessíveis às pessoas de idade que aqui estão e à compreensão até das pessoas porque nem todas têm grande instrução.

6. Deseja que o lar continue a desenvolver actividades para os seus utentes?

Utente A: Acho que sim, é muito importante, é muito importante, certas actividades, porque uma pessoa, quer dizer, a pessoa sente-se mais um bocadinho daquilo do que é porque a gente tem que fazer sempre por melhor para lutar na vida.

Utente B: Gostava e é importante porque a gente parece que não, não fica a pensar nas doenças, 'ta ali entretida, a trabalhar a fazer estas coisas... Tanto que me lembro de derreter o sal e a tinta para colocar naqueles copos, como tanto coisa que a gente faz aqui que a gente fica banzada. Ela é importante a verdade tem que se dizer. Quando me lembro de um guardanapo fazer um coelho (*de uma toalha*) sim, mas cortaste aos bocados, e nós dobrar, virar e por o elástico e ficar ali as orelhas e cozer o rabinho. Adoro, adoro, adoro. E aquele cristo, era uma riqueza. Ai, temos um jogo de garrafas que tem uma bolas muito "libeirinhas" que se a gente atirar com força caiem todas, mas as vezes fica uma e tim tim tim. Isto é tudo para a gente rir e ficar bem da memória.

Utente C: Sim, isso era óptimo. (Tem mais alguma coisa que queira dizer?) Era isso, não tenho nada assim a apresentar, mas a menina, como já disse aqui, no nosso meio é, é um ser mais, é uma pessoa muito grande e é esse motivo que nós precisamos de alguém que nos tire da "serpa torta", não é do mau caminho, mas que nos leve ao bom caminho que nos faça esquecer das coisas más, e lembrar coisas mais ou menos boas, senão for boas, boas, boas... melhores.

Utente D: Sim, porque sim, porque a gente abre mais, pronto, tem mais lembranças, assim, de quando era nova e fico mais animada.

Utente E: Acho que é uma coisa principal. Claro que primeiramente a comida aqui é boa, a limpeza também, as empregadas também são boas, se a gente têm alguma chatice é com as utentes porque aqui nem todos temos o feitio igual umas às outras. Por exemplo, eu gosto de contar umas histórias, as outras não gostam de as ouvir, paciência.

Utente F: Gosto muito e espero que isto nunca vá ao charco um dia. É um medo que eu tenho que isto, às vezes, leve aí um tombo e a gente perde tudo.

Utente G: Ai, sempre, sempre. E eu até tenho que fazer mas deixo o trabalho, mas agora já nem faço muito as minhas coisinhas, agora no verão. Mas jogar, fazer ginástica, dançar, fazer estas coisinhas

gosto, a gente até se sente melhor, parece que estamos morrinheiros mas com isto a gente até desperta.

Utente H: Sim, sim é muito vantajoso.

Utente I: Acho que sim, acho que, muito bem, acho que nunca deve desistir de fazer as actividades que fez até aqui.

Anexo 11 - Guião da festa de carnaval - 3 de Março de 2011 - 14.15h

Músicas de Carnaval para momentos “mortos”

Actuações

1. “O palhaço músico” – Actuação de 2 músicas (Abre-se o pano do palco e não está ninguém, surge o utente X da parte debaixo a cantar uma música; Sobe ao palco, cantando outra) – Fecha-se o pano;

(Prepara-se o palco com 13 cadeiras para o desfile onde os idosos depois de desfilarem se sentarão)

2. Desfile (Abre-se o pano do palco com música de carnaval)

- Idosos (Apresentação feita pela Marta que ajudará os idosos a desfilarem um por um, com músicas respectivas com a ajuda do técnico de som;)

- Os idosos permanecem no palco os funcionários também desfilem (os que desejarem).

No final, fecha-se o pano do palco ao som de uma música de carnaval. Os idosos que actuarão (de seguida) com as crianças permanecem no palco.

3. Actuação das crianças 4/5 do infantário e alguns idosos com a música: “Viva ao Carnaval”; A directora do infantário faz uma breve apresentação sobre a apresentação; (Fecha o pano do palco)
4. Actuação das crianças do infantário - dois grupos, uma dança cada;
5. Entrega de vários certificados aos/às idosos/as e crianças pelos responsáveis (directoras).

Actividade: _____

Duração (tempo médio)_____

Nome	Data											

PLANO DE ACTIVIDADES DE 11 DE ABRIL A 13 DE MAIO 2011

Anexo 13

Exemplar de plano de actividades

	Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta
Manhã	Ginástica - Prof., <u>Dia 11, 25 de Abril;</u> <u>Dia 2 e 9 de Maio.</u>		<i>Ateliê</i> Informática - <u>Dia 13, 20, 27 de Abril</u> - <u>Dia 4, 11 de Maio</u>	<i>Ateliê</i> dos Sentidos - <u>Dia 14 e 28 de Abril</u> - <u>Dia 5 e 12 de Maio</u>	<i>Ateliê</i> dos Sentidos - <u>Dia 14 e 28 de Abril</u> - <u>Dia 5 e 12 de Maio</u> <i>Ateliê</i> de Cinema: Cerimónias de 13 de Maio, <u>Dia 13 de Maio</u>
Tarde		Grupo Voluntárias <i>Ateliê</i> de Cinema - Filme “Jesus”, alusivo à Páscoa, <u>Dia 19 De Abril</u>	<i>Ateliê</i> de expressão plástica - Trabalhos da Páscoa, <u>Dia 13 de Abril</u> - Trabalhos do Dia da mãe, <u>Dia 27 de Abril</u> - Trabalhos para o Dia Internacional da Família, <u>Dia 11 de Maio</u> Aula de Ginástica com Prof.– <u>Dia 20 de Abril</u> <i>Ateliê</i> de Cinema - Filme sobre as Aparições de Fátima, <u>Dia 4 de Maio</u>	<i>Ateliê</i> de expressão plástica - Trabalhos da Páscoa, <u>Dia 14 de Abril</u> - Trabalhos do dia da mãe, <u>Dia 28 de Abril</u> Aula de Ginástica com Prof.– <u>Dia 21 de Abril</u> <i>Jogos “Anima”</i> <u>Dia 5 e 12 de Maio: Bingo/Malha</u>	<i>Ateliê</i> de expressão plástica - Trabalhos da Páscoa, <u>Dia 15 de Abril</u> Comemoração do Dia Mundial da Dança – <u>Dia 29 de Abril</u> Ida ao Fórum Cultural de Ermesinde: <u>Maio, Mês do Coração</u> , - <u>Dia 6 de Maio</u> <i>Ateliê</i> das letras: Mês de Maria e Provérbios de Maio. - <u>Dia 13 de Maio</u>

Plano de Actividades sujeito a alterações.

<p>Anexo 14 – Programa de actividades inter-geracionais na Santa Casa da Misericórdia</p> <p>“Baú de histórias com música”</p>
<p>Público: Utentes do lar de idosos / Crianças do infantário (sala dos 4 e 5 anos)</p> <p><i>Outros recursos humanos:</i> Estagiária de educação, auxiliares de acção educativa e Educadoras de infância.</p>
<p>Datas das actividades: 3, 10, 24 de Fevereiro de manhã</p> <p><u>3 De Março</u> (quinta-feira):</p> <ul style="list-style-type: none"> - Festa de Carnaval com as actuações do grupo em conjunto; - Actuações das crianças do infantário; - Convidar um grupo para animar; - Desfile de alguns utentes com máscaras ou fantasias; <p><u>4 De Março:</u> Desfile de Carnaval das crianças no Centro da Cidade à qual os/as idosos/as poderão assistir;</p>
<p>Objectivo geral: Promover a aproximação de diferentes gerações através da música.</p> <p>Objectivos específicos: Proporcionar a troca de saberes; Despertar a criatividade; Incentivar à tolerância e à cooperação entre as crianças e idosos; Proporcionar vivências ecológicas; Desencadear experiências musicais.</p>
<p>1. Descrição da actividade (3 de Fevereiro): Criação de instrumentos de música através de materiais recicláveis. Aqui serão constituídos grupos de trabalho (crianças, idosos/as, auxiliares, educadoras, estagiária).</p> <p>Instrumentos definidos:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Tambores: <p>1. Materiais: Latas de bolachas, plástico grosso, elástico forte, fita-cola, tira de papel para decoração.</p> <p><i>Execução:</i> Cortar um círculo e plástico maior do que a lata. Decorar a tira de papel e colar à volta da lata. De seguida, prender com um elástico o plástico à lata, em tensão e fixar bem com fita-cola. Bater com as mãos no plástico para fazer música.</p> <p>2. Vaso de jardim, serapilheira, elásticos, cola branca, fita colorida.</p> <p><i>Execução:</i> Cortar um quadrado de serapilheira de forma a cobrir a abertura do vaso. Esticar muito bem e amarrar com um elástico. Aplicar cola branca sobre o tampo e deixar secar até ao dia seguinte. Aparar o excesso de serapilheira e rematar com uma tira larga de papel autocolante. Decorar com uma fita/laço.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Chocalhos:

1. Materiais: Garrafas de plástico, bugalhos, cascas de nozes, amêndoas, pregos, tampas de canetas variadas, algodão, lãs.

Execução: Encher as garrafas com os materiais e fechar com a respectiva tampa. Decorar as garrafas com papel autocolante. Agora é só agitar.

2. Materiais: 1 lata de refrigerante, pedras pequenas, fita adesiva e acessórios para decoração.

Execução: Pelo furo colocar pedrinhas pequenas, até preencher cerca de 1/3 da lata. Tapar o furo com a fita adesiva.

- Maracas:

1. Materiais: Embalagens de iogurte ou de sumos, legumes secos, areia e/ou cereais e cola quente.

Execução: Encher uma das embalagens com os produtos naturais. Aplicar a cola quente no rebordo de uma das embalagens e unir as duas partes para fechar a maraca. Deixar secar.

2. Materiais: Lata de refrigerante e cerca de 30 cm de um cabo de vassoura.

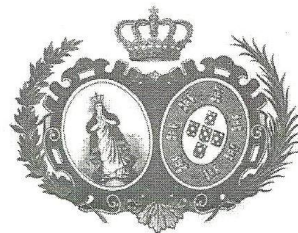
Execução: Com uma lata de refrigerante ou outra qualquer que tenha uma capacidade de cerca de 30 cm cúbicos, atravessar a mesma com um pedaço de pau com cerca de 30 cm de comprimento. Colocar no interior da lata algumas pedrinhas (não colocar muitas) e com uma rodela de cartão que tenha um furo ao meio para passar o pau. Vedar a saída da lata de modo a que o conteúdo não saia. Pode-se utilizar, vários cartões colados para dar uma maior resistência a fim de evitar a saída do conteúdo.

3. Descrição da actividade (10 de Fevereiro): Esta data fica reservada para o término da actividade anterior e preparação da etapa seguinte.

4. Descrição da actividade (24 de Fevereiro): Estas duas datas ficam destinadas para o ensaio de músicas a ser cantadas e orquestradas pelas crianças e idosos/as na festa de Carnaval da Santa Casa. As músicas serão definidas pela directora do infantário e professora de música do Infantário.

5. Festa de Carnaval – 3 de Março

Na festa de Carnaval o grupo de crianças e idosos que, ao longo de algumas semanas se encontraram, apresentarão junto de todos/as que assistem e participem na festa, um momento de diversão e descontração através da música.



Santa Casa da Misericórdia de Valongo - Lar Nossa Senhora da Conceição

Excelentíssimo Presidente do Instituto de Educação
Da Universidade do Minho

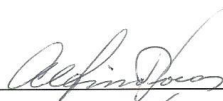
No âmbito do projecto de estágio a desenvolver na Santa Casa da Misericórdia de Valongo, no Lar da 3ª idade, intitulado de "Recolorindo Vidas" e, mais especificamente, do *atelier* de informática para idosos/as, da mestranda de Educação, Marta Filipa Duarte Silva, vimos por este meio formalizar o pedido empréstimo dos seguintes equipamentos informáticos por parte do Instituto de Educação à nossa instituição, caso seja possível:

Tipo	Marca	Modelo	Nº Série
Computador de Secretária	HP	Vectra VL400DT	NL12313494
Computador de Secretária	HP	Vectra VL400DT	NL12310225
Computador de Secretária	HP	Vectra VL400DT	NL12125099
Computador de Secretária	HP	Vectra VL400DT	FR10813032
Computador de Secretária	HP	Vectra VL400DT	NL10715267
Computador de Secretária	HP	Vectra VL400DT	NL12516210
Computador de Secretária	HP	Vectra VL400DT	NL12516211
Monitor	HP	17" DP8901A	CN03344165
Monitor	Compaq	17" PE1164T	246CS43AJ592
Monitor	Compaq	17" PE1164T	248CS43AG327
Monitor	Dell	17" E772P	CN-05P099-478054-3417-2245
Monitor	MAG	17" S7T008	HDF1JA000768
Monitor	HP	17" D8904	CN15288833
Monitor	HP	17" D8905	CN11035955
Monitor	HP	17" D8900A	CN01031697
Teclado	HP	SK-2502C	C0104107243
Teclado	HP	HP3811	J8071C1556
Teclado	Acer	6512-TA	não tem

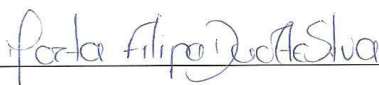
Teclado	Acer	6512-TA	não tem
Teclado	Acer	6512-TA	não tem
Teclado	Acer	6512-TA	não tem
Teclado	HP		E03633WLP02-C
Teclado	Linha Brabca		Não tem
Rato	HP		LZE10654114
Rato	Genius		90188244
Rato	Genius		90188241
Rato	Genius		90188258
Rato	Genius		90188288
Rato	Genius		90188254
Rato	HP		LZA70405069
Rato	HP		LZA80292738

Acrescenta-se que a data de devolução fica agendada para Julho de 2011. Antecipadamente gratos pela anuência ao nosso pedido, apresentamos os nossos melhores cumprimentos, subscrevemos com a maior consideração. De vossas excelências, atentamente

O Provedor,



A Técnica Superior de Educação,




Anexo 16

Entrevista à Directora Técnica do Lar

1. De modo geral, considera que o projecto foi implementado adequadamente pela estagiária tendo em conta o público-alvo?

Sim, tendo em conta o publico-alvo considero que os objectivos propostos no projecto foram implementados adequadamente pela estagiária.

2. Considera que a estagiária promoveu estratégias de reforço da auto-estima, comunicação, convivência e ocupação do tempo livre do público-alvo?

Sim considero que a estagiária promoveu estratégias de reforço da auto-estima, comunicação, convivência e ocupação do tempo livre do público-alvo, através de actividades de promoção intergeracional, festas e convívio, por exemplo com as crianças do centro de acolhimento e infantário, convívio interinstitucional, como visita a escolas e outras instituições de idosos, animação cultural, dinâmicas ocupacionais como a expressão plástica e jogos, estimulação sensorial, expressão dramática e actividades formativas e de expressão cultural e ainda formação na área das tecnologias de informação e comunicação, as TIC.

3. Quais os aspectos positivos relevados pela prática profissional da estagiária?

Aspectos positivos relevados pela prática profissional da estagiária são o bom sentido de organização, responsável, capacidade de gerir o tempo, independente, criativa, bom espírito de equipa e bom relacionamento interpessoal.

4. Quais os aspectos que requerem mais aperfeiçoamento da prática profissional da estagiária?

Como é muito independente, por vezes tem dificuldade em integrar ideias e sugestões de terceiros nas suas práticas profissionais.

5. Considera importante o contexto em causa (lar/centro de dia) ter um técnico em educação?

Sim, é importante que um lar ou centro de dia tenha um técnico de educação. É uma mais-valia para a instituição, termos um técnico com formação nesta área pois desenvolve competências que de outra seriam exploradas.